CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ENCANTARIAS: TECNOLOGIAS E SABERES ANCESTRAIS DE CURA PELAS FOLHAS DE OSSAIN

Jéssica Aiume Conceição Dias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Renan Ribeiro Moutinho
Coorientador: Wallace Lopes Silva

Rio de Janeiro
Setembro de 2024

ENCANTARIAS: TECNOLOGIAS E SABERES ANCESTRAIS DE CURA PELAS FOLHAS DE OSSAIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Jéssica Aiume Conceição Dias

Banca Examinadora:

_____
Presidente, Prof. Dr. Renan Ribeiro Moutinho (CEFET/RJ – Orientador)

_____
Prof. Dr. Wallace Lopes Silva (PUC-Rio – Coorientador

_____
Prof. Dr. Carlos Alberto Ivanir dos Santos (UFRJ – Examinador Externo)

_____
Prof. Dr. Roberto Carlos da Silva Borges (CEFET/RJ – Examinador Interno)

Rio de Janeiro
Setembro de 2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

D541 Dias, Jéssica Aiume Conceição
Encantarias: tecnologias e saberes ancestrais de cura pelas folhas de ossain / Jéssica Aiume Conceição Dias. — 2024.
117f. : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2024.
Bibliografia : f. 114-117
Orientador: Renan Ribeiro Moutinho
Coorientador: Wallace Lopes Silva

1. Cultura afro-brasileira. 2. Ervas. 3. Folclore das ervas. 4. Iorubá (Povo africano). I. Moutinho, Renan Ribeiro. (Orient.). II. Silva, Wallace Lopes. (Coorient.). III. Título.

CDD 305.896081

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos povos africanos que cruzaram o Atlântico, aos indígenas donos dessa terra e aos catimbozeiros, em especial ao Mestre Zé Pelintra do Catimbó.

AGRADECIMENTOS

Confesso que escrever esses agradecimentos é um pouco desafiador, deixei para agradecer no dia que compartilho o texto com a banca. É um momento de algumas inseguranças, mas também de respiro profundo em mim mesma, para olhar com felicidade esses dois anos de escrita, gestação e parto dessa dissertação.

Agradeço aos orixás e encantados da Umbanda e do Catimbó que me abraçaram e caminham comigo, mesmo antes de estar nessa terra, no aye. Ossain, meu pai e meu guia, bença! Oxossi meu protetor, bença! Omolu, que me recebe em seu Ilê, bença! Oxum minha mãe, minha Yalode, bença! Sou grata por me permitirem escrever essas páginas com tanta alegria e certeza de estarem aqui comigo.

Agradeço aos encantados que partilharam seus saberes ao longo desses últimos anos, as entidades que cruzei na Tenda de Umbanda Falangeiros de Luanda (TUFAL), minha primeira casa de axé. Em especial aos que me acompanham: Vovó Maria Conga do Cruzeiro das Almas (a velha mais milongueira que conheci, que encanta a todos com seu jeito amoroso, cuidadoso e principalmente sereno na escuta dos nossos lamentos), Seu Sete Flecha das Matas (com o papo reto e direto, que nos atravessa como a flecha certeira, o qual só um experiente caçador pode lançar.

Agradeço Seu Zé Pelintra do Catimbó (meu mestre catimbozeiro, amigo daqueles que fala exatamente o que precisamos ouvir com gingado e malandragem de um sábio retirante), a Pombagira Cigana da Estrada (senhora dos meus caminhos, quem segura o abebe espelhado para que eu não esqueça da minha grandeza e dos que me acompanham), Ciganinha (a menina que faz as magias se tornarem prosperidade e inunda meu coração de amor), Seu Caveira (o guardião dos meus caminhos em muitas vidas), Mirim Caveirinha (aquele que me protege) e Flechinha (meu escudeiro, amigo e guerreiro, que não me deixa fugir das minhas batalhas, aquele que me enche de coragem quando o medo quer fazer morada em meu coração).

Agradeço ao meu orientador Renan Moutinho e sua ancestralidade, por aceitar o desafio de seguir comigo nesse trabalho acadêmico, que antes de tudo é espiritual. Sempre com muito cuidado e coerência, Renan pratica afrocentricidade, conceito que tanto fala em suas aulas. Talvez eu não teria finalizado essa dissertação com tamanha felicidade se não fosse acompanhada por suas flechas e águas doces de afeto e compreensão.

Agradeço ao meu coorientador Wallace Lopes, meu espaçólogo e filósofo

preferido. Nos cruzamos em uma palestra apresentada por ele em 2018 na UFRJ, momento em que comecei a me debruçar nos estudos sobre a questão negra no Brasil. Naquele momento, de fragilidade emocional que me encontrava, tinha a certeza de que não conseguiria a aprovação na prova de especialização que sonhava fazer. Mas aquele homem negro falando me inspirou. Ele apresentava sua pesquisa sobre “O trauma do tronco” e como devemos superá-lo. Hoje depois de duas especializações e concluindo um mestrado, além de ser meu coorientador, é meu amigo.

Agradeço ao professor e babalorixá Ivanir dos Santos, Roberto Borges, Flávia Meireles e Adilbênia por aceitarem fazer parte dessa banca que para além de examinadora é compartilhadora de saberes que serão enriquecedores para essa pesquisa.

Agradeço à minha mãe, Maria Luiza, por sempre me incentivar a estudar. Ela é uma grande inspiração em insistir nos sonhos, mesmo que todos digam que não dará certo. Tento seguir seus passos e honrar a oportunidade que os orixás me deram em ser sua filha.

Agradeço ao meu pai, que hoje já retornou ao plano espiritual e me escolheu como filha.

Agradeço ao meu companheiro, noivo e amigo Renato Cosentino. Nossa união aconteceu no momento certo depois de muitos cruzos e esbarrões ao longo dos anos. Exu sabe o que faz. Minha trajetória foi completamente alterada pelas suas palavras de carinho, incentivo, força e sapiência. Obrigada por compartilhar sua terra e seu coração comigo. Gratidão meu amor.

Agradeço ao espírito de luz que me escolheu para ser sua tutora, minha filha canina Yayá, que me acompanhou nessa escrita sendo afago e aconchego.

Agradeço às minhas avós, Georgina Conceição e Maria de Lurdes, duas sábias mulheres que construíram uma história de luta para criar seus filhos.

Agradeço às minhas tias por todo amor e sentimento de acolhimento que vocês me trazem, em especial à tia Leninha, Aparecida, Sônia e Tereza. E aos meus primos.

Agradeço aos meus sobrinhos Brenno e Bernardo por serem luz a minha vida.

Agradeço a cada pessoa que procurou por mim em busca de encantarias para cuidar do corpo e do espírito. É muita responsabilidade cuidar de alguém, assim como é difícil encontrar alguém confiável para se deixar ser cuidado. Que eu possa continuar honrando essa função sob as bençãos da espiritualidade.

Agradeço ao meu babalorixá Hélio Penna de Omolu, essa vitória é nossa. Obrigada por me acolher, cuidar de mim e dos meus. Que possamos encarar nossos

desafios de frente, e seguir o caminho traçado mesmo se sentirmos medo. Essa é nossa missão. Que não deixemos para trás nada do que é nosso. Sigamos juntos.

Agradeço ao Ilê Olóore Omolu e todos meus irmãos de santo, mãe pequena Camila, Ebomi Lurdes, Ekedys e Ogãs por me receberem e cuidarem de mim. Com vocês construo a prática de entender que precisamos olhar o outro com afeto para compreender que cada um é de um jeito e, ainda assim, somos os irmãos que orixá uniu.

Agradeço a Caio Bayma, meu pai de santo nos tempos de umbanda. Minha caminhada na TUFAL foi essencial para a pessoa que sou hoje. O caminho das folhas é inevitável, mas foi na casa de Oyá e Xangô que minha ancestralidade escolheu como a primeira morada de cuidado e aprendizado. Minha eterna gratidão.

Agradeço aos irmãos que ganhei na TUFAL e que fazem parte da minha vida até hoje, em especial Maju Crespo, Aline Pain, minha afilhada de umbanda Juliana Rufino e minha madrinha Jaqueline e sua preta velha Vovô Catarina.

Agradeço imensamente à mulher que cuida de mim através da minha psique, minha terapeuta Cláudia Maria. No Olubajé de 2022, festa de Omolu, orixá da cura, eu pedia imensamente por saúde emocional. Ao meu lado estava sentada uma pessoa que mesmo sem que eu conhecesse, se tornaria aquela que, hoje, ajuda a construir uma Aiume melhor a cada dia. Gratidão.

Agradeço a Mãe Du, por ser essa zeladora de santo, não oficial, da minha caminhada espiritual com os encantados. E agradeço a vovó Cambinda que possibilitou nosso encontro. Sinto que em Viçosa-MG tenho outra família de santo, até porque o conceito de família que herdamos de África é de família estendida. Bença aos meus irmãos de Minas Gerais em especial ao Matheus.

Agradeço aos meus amigos feirantes, aqueles que vivem a feira, esse grande mercado de Exu. Obrigada pela parceria, amizade e cumplicidade. Aprendi com vocês como é necessário viver um dia de cada vez.

Em especial agradeço aos amigos vizinhos de tabuleiro na Feira da Glória, Renato, Nilton, Simone, Bueno e Marlon.

Agradeço ao Gilson, meu mestre erveiro e as mulheres erveiras e mestras do saber ancestral que cruzaram meu caminho e me ensinaram um pouco mais dos mistérios das ervas, em especial o coletivo que faço parte: a Rede FitoVida e Rede de Mulheres Produtoras da Serra.

Agradeço ao amigo Dieymes Pechincha pela parceria e afeto compartilhado desde o nosso encontro.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo dos anos, que se somam para moldar quem sou hoje, em especial agradeço a Ronaldo Rozendo que desde a graduação é meu irmão e parceiro. Sou feliz por ter construído com você um sentimento de cumplicidade e amor. E Vanessa Caldas por ser essa amiga que vibra com minhas vitórias acadêmicas e torce muito por mim, ao Allan Vieira pela alegria compartilhada e ao Marcellus o amigo mais inesperado que a UERJ me deu. Somos uma família.

Agradeço à CAPES por ter me concedido um investimento financeiro e suporte para que eu pudesse pesquisar e viabilizar essa escrita.

Agradeço ao CEFET/RJ em especial ao PPRER por acreditar que minha dissertação é relevante e por viabilizar o sonho de me tornar mestra em relações étnico-raciais.

Agradeço ao mestre Antônio dos Santos, ou Nego Bispo, Mãe Stella e Flávio Pessoa de Barros por generosamente deixar um legado grandioso para as gerações futuras. Bença!

Axé para todos.

EPÍGRAFE

Povoada é um nome curioso,
porque sempre falamos de povoada como terra,
mas também somos terra que povoa.
Povoada, quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos.
Sou uma, mas não sou só.

Sued Nunes

RESUMO

Encantarias: tecnologias e saberes ancestrais de cura pelas folhas de Ossain

O presente trabalho tem como proposta fazer reflexões sobre a cura através das folhas. Trazendo como centralidade saberes que são transmitidos de geração em geração, a fim de produzir tecnologias ancestrais chamadas de encantarias, para promoção da saúde. O trabalho compreende as culturas africanas e afro-brasileiras a partir de suas confluências, usando como base a visão de Cheik Anta Diop em sua teoria dos dois berços civilizatórios. A cultura iorubá é amplamente acessada para exemplificar e direcionar entendimentos de saúde, cuidado e cura, que não se limita a ausência de doença como é assimilado nas culturas ocidentais. As ervas com seu axé, podem ser aliadas na busca pelo equilíbrio do corpo energético e físico através das tecnologias como os banhos de ervas, sacudimentos, infusões, xaropes entre outras abordadas no texto. Com isso são levantadas no segundo capítulo as formas de encantamento das folhas, o poder das palavras sobre elas, a classificação das ervas e uma catalogação de parte das ervas cultivadas pela autora. O mercado de Exu, a feira livre, é tema do último capítulo tratando da comercialização dessas encantarias.

Palavras-chave: Tecnologias ancestrais; Ervas; Ioruba

ABSTRACT

Enchantments: ancestral healing technologies and knowledge using Ossain leaves

The purpose of this paper is to reflect on healing through leaves. It focuses on knowledge that has been passed down from generation to generation in order to produce ancestral technologies called enchantments to promote health. The work understands African and Afro-Brazilian cultures from their confluence, based on the vision of Cheik Anta Diop in his theory of the two cradles of civilization. However, the Yoruba culture is widely accessed to exemplify and direct understandings of health, care and healing, which is not limited to the absence of disease as it is assimilated in Western cultures. Herbs, with their axé, can be allies in the search for balance in the energetic and physical body through technologies such as herbal baths, shakes, infusions, syrups and others covered in the text. The second chapter explores the ways in which leaves are enchanted, the power of words over them, the classification of herbs and a cataloging of some of the herbs cultivated by the author. Exu's market, the feira livre, is the subject of the last chapter, dealing with the commercialization of these enchantments.

Keywords: Ancestral technologies; Herbs; Yoruba

SUMÁRIO

Introdução (Odé) **15**

Da pandemia ao projeto de pesquisa de Mestrado **22**

1 Saúde, Equilíbrio e Cura (Omolu) **34**

1.1 Unidade cultural Africana de Cheik Anta Diop **35**
1.2 Cura é processo, e processo é tempo **38**
1.3 Perspectiva sobre saúde enquanto equilíbrio e cuidado **47**

1.3.1 Orí Ode , Orí Inú e Ìpòrí e seus cuidados 48

1.4. Cura Ancestral **53**
1.5. Toda mão é mão de magia **56**

2. Ervas, Folhas, Saberes Ancestrais e suas Tecnologias (Ossain) **59**

2.1. Os quatro elementos **62**

2.1.1. Terra 62
2.1.2. Água 63
2.1.3. Ar 63
2.1.4. Fogo 64

2.2. Classificação das ervas **64**

2.2.1. Ervas quentes 65
2.2.2. Ervas Mornas 65
2.2.3. Ervas Frias 65

2.3. Processos de encantamento **66**
2.4. Encantarias com ervas **70**

2.4.1. Defumação 70
2.4.2. Banho de ervas 71
2.4.3. Infusão / Decocção 72
2.4.4. Emplastos/ Cataplasma 72
2.4.5. Pomada Milagrosa 73
2.4.6. Lambedores/ Xarope 73
2.4.7. Fumo 74
2.4.8. Tintura, Extratos e Oleatos 74
2.4.9. Spray Energético 75
2.4.10. Sabão 75
2.4.11. Vaporização uterina 75
2.4.12. Garrafadas 76
2.4.13. Sacudimento 76
2.4.14. Escalda Pés 76

2.5. Ervas do Quintal **77**

3. Comercialização de Tecnologias: Tabuleiro das Encantarias na Feira (Exu) 90

3.1. O mercado de Exu **92**
3.2. O tabuleiro e seus personagens **93**

3.2.1. Andreia – A encantada 94

3.2.2. Seu Tião – Preto e Velho 96
3.2.3. Madureira – O Exu da feira 97
3.2.4. Bueno – O baiano do Dendê 98
3.2.5. Gilson – Meu mestre erveiro 99
3.2.6. A ordem pública 100

3.3. Quando parei de gargalhar 101

(Re)Começos 111
Referências 114

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aiume Dias, filha de Ossain, na Floresta da Tijuca..... 16
Figura 2: Ilê Olóore Omolu. 21 anos de Santo do Babalorixá Helio Penna..... 19
Figura 3: Entrega de Encantarias no Méier em 2021. Estação de trem do Méier..... 24
Figura 4: Imagem de satélite da rua que se realiza a Feira da Glória 25
Figura 5: Mapa Mental das tecnologias ancestrais de cura na Feira da Glória 26
Figura 6: Atendimento no tabuleiro das Encantarias (Feira da Glória) 28
Figura 7: Representação de Omolu 35
Figura 8: Mapa Ocidental dos grupos Étnicos da África. 44
Figura 9: Espiral do tempo 46
Figura 10: Cortes fotográficos de cena do vídeo “Toda mão é mão de magia”..... 58
Figura 11: Representação gráfica de Ossain, orixá dono de todas as folhas 61
Figura 12: Banho de folhas 63
Figura 13: Folha de batata doce 68
Figura 14: Oriki de Ossain 69
Figura 15: Bastão de defumação 69
Figura 16: Maceração de ervas para banho..... 71
Figura 17: Emplasto de ervas para cicatrização..... 72
Figura 18: Lambedor ou xarope 74
Figura 19: Tintura, Extratos e Oleatos..... 75
Figura 20: Estrada de acesso do Sítio Francisco Vianna 78
Figura 21: Dona Chica retornando para casa com seus cachorros 80
Figura 22: Aiume e Andreia, pessoa em situação de rua, na Feira da Glória 95
Figura 23: Andrea trançando o contra-egum..... 96
Figura 24: Aiume e Tião na Feira da Glória..... 97
Figura 25: Madureira e sua barraca de frutas 98
Figura 26: Bueno e sua filha na barraca de acarajé 99
Figura 27: Gilson e suas ervas em esquina do Centro do Rio..... 100
Figura 28: Identidade visual de encantaria plagiada 110
Figura 29: Compilado de fotografias das Encantarias e seu tabuleiro.....111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ervas de quintal - Sítio Francisco Vianna 81

Introdução (Odé)

Oxóssi (Odé) vivia com sua mãe Yemanjá e com seu irmão Ogum (o guerreiro). Ogum cultivava o campo e Oxóssi trazia a caça das florestas. A casa de Iemanjá era farta, mas Iemanjá tinha maus pressentimentos e consultou o babalaô. O adivinho lhe disse que proibisse Oxóssi de ir caçar nas matas, pois Ossaim, que reinava na floresta, podia aprisionar Oxóssi. Iemanjá disse ao filho que nunca mais fosse à floresta, mas Oxóssi, o caçador, era muito independente e rejeitou os apelos da mãe. Continuou indo às caçadas.

Um dia ele encontrou Ossaim, que lhe deu de beber um preparado. Oxóssi perdeu a memória. Então, Ossain rapta Oxossi. Ossaim banhou o caçador com abôs (preparado de ervas) misteriosos e ele ficou no mato morando com Ossaim. Ogum não se conformava com o rapto do irmão. Foi à sua procura e não descansou até encontrá-lo.

Finalmente livrou Oxóssi e o trouxe de volta a casa. Iemanjá, contudo, não perdoou o filho desobediente e não quis recebê-lo em casa. Ele voltou para as florestas, onde até hoje mora com Ossaim (SANTOS, 2020).



Fonte: Dieymes Pechincha, 2022

Figura 1: Aiume Dias, filha de Ossain, na Floresta da Tijuca

Peço licença antes de tudo, e de qualquer coisa que seja dita, aos orixás e encantados que me acompanham. Esse trabalho faz parte de um longo percurso que venho trilhando há alguns anos e que continuarei seguindo. Peço a benção dos meus mais velhos e dos mais novos, porque essa escrita se dá de maneira coletiva e espiritual. Tratarei nesse trabalho a fundamentação teórica para o que aprendi inicialmente através da mediunidade. Se para a academia tudo o que escreverei será necessário que eu referencie com autores, assim farei, mas de antemão compartilho aqui que os encantados[1], foram meus grandes mestres e minhas maiores referências.

Minha entrada na religiosidade afro-brasileira foi, sem dúvidas, um elemento que me possibilitou ter outra perspectiva sobre a vida. Crer em algo que não se vê, ouvir recados quando não se é emitido som, são experiências que a espiritualidade proporciona, e é preciso estar realmente disposto a mudar a forma como muitas coisas são entendidas. Nunca fui cética ou sem o elemento religioso presente em minha vida, mas cresci em uma sociedade que nos ensina desde muito cedo a ter medo de qualquer coisa ligada à espiritualidade africana[2], magias e rituais. Contudo, foram justamente esses elementos que me conectaram a minha ancestralidade de maneira mais direta e potente.

Iniciei minha caminhada na espiritualidade no ano de 2017, quando me tornei médium de umbanda[3]. A umbanda é uma das religiões de matriz africana existentes

---

1 Os encantados nesse trabalho podem ser compreendidos de duas formas. A primeira se refere às pessoas que se encantaram no momento que foram atraídas por outros encantados para o “encante”, que é a vida no mundo subaquático (no fundo dos lagos, rios ou cidades subterrâneas) e em lugares encantados em meio a floresta. Dessa forma, deixam de viver na superfície não por morte, mas por encantamento (MAUÉS, R., 2011). A outra forma de defini-los são as entidades que trabalham nos terreiros de umbanda como os caboclos, pretos velhos, ciganos, exus, pombagiras, eres, mirins, entre outros. Nesse contexto são considerados encantados tanto encantados que não morreram, mas também os que tiveram vida terrena e após a morte resolveram trabalhar na caridade, ou seja, baixarem nos terreiros.

2 Segundo Asante (2016), ser africano não se trata de uma definição essencialista, não é apenas “gene” ou “sangue” africano. É ter construto de conhecimento, que se baseia em ter interesse pela localização psicológica, compromisso com a descoberta do lugar, refinamento léxico, defesa dos elementos culturais africanos e compromisso com uma nova narrativa da história da África. E completa dizendo: “Basicamente, um africano é uma pessoa que participou dos quinhentos anos de resistência à dominação europeia”.

3 Médium de umbanda é a pessoa que disponibiliza seu corpo físico (através da incorporação) para as entidades espirituais trabalharem nas consultas. Esses atendimentos são feitos aos que chegam ao terreiro precisando de cuidados, chamadas de consulentes, são pessoas que frequentam o espaço religioso e não fazem parte da comunidade religiosa como filho de santo. Aos médiuns de umbanda são necessárias condutas ligada à ética e ao comportamento de vida alinhados dentro e fora dos terreiros. Seguir sua jornada de vida a partir de pressupostos, ou filosofia de vida, umbandistas, como o trabalho na caridade, ou seja, ajudar aos que chegam no terreiro precisando de cuidado espiritual, aprender a viver coletivamente com os irmãos de santo, e firmar compromisso com a agenda de encontros

no Brasil. Nela pude manter contato e aprender com os encantados seus recursos de cura. Não só eu, mas todos que se consultaram[4] com eles nas giras[5]. Ao entrar para a umbanda, me oportunizei aprender outras formas de cuidar da saúde através dos saberes deles. Na minha permanência como umbandista por quatro anos, se apresentaram e trabalharam comigo: Erê Flechinha, Vovó Maria Conga do Cruzeiro das Almas, Caboclo Sete Flecha das Matas, Exu Caveira, Exu Mirim Caveirinha, Pomba Gira Cigana da Estrada, Seu Zé Pelintra do Catimbó, Ciganinha, boiadeiro e marinheiro, sendo os dois últimos os que pouco desenvolvi e não descobri o nome. Todos eles, os quais compreendo como encantados, me transmitiram saberes através da oralidade.

Eles, ao longo desses anos, ensinaram não só a mim, mas a todos que com eles se consultaram, a utilizar cristais, ervas em banhos, chás, defumadores[6]. Compartilharam seus saberes para que eu e muitas outras pessoas pudéssemos fazer usos das folhas de forma medicinal e terapêutica. Nos processos de encantamento, as ervas, ao entrarem em contato com a musicalidade, produzem uma força curadora. Esses saberes e práticas transmitidas pelos encantados, podem ser vistas como medicinas contra coloniais[7] que se aliam as pretagogias[8] (PETIT, 2015), gerando um outro sentido dos conhecimentos do corpo e do espírito em relação as medicinas ocidentais.

No início do ano de 2021, troquei de águas e, da umbanda, comecei a caminhar no candomblé[9]. Sou hoje filha do Ilê Olóore Omolu, cujo orixá[10] dono da

---

para desenvolvimento mediúnico organizado pelo zelador de santo, ou pai de santo do terreiro.

4 Consultas nos terreiros de umbanda são realizadas com os encantados ou espíritos que resolveram trabalhar na caridade auxiliando os encarnados, ou seja, pessoas que vivem nesse plano terrestre, a enfrentarem suas dificuldades e precisam de cuidados. Nas consultas é comum que além da conversa seja receitado pelas entidades espirituais algumas mandigas ou tecnologias ancestrais de cuidados, como banho de eras, uso de cristais, chás, etc.

5 As giras são os encontros organizados pelo/a dirigente espiritual, ou pai/mãe de santo para desenvolvimento espiritual dos médiuns e consultas com as entidades nos terreiros de umbanda. No candomblé, são denominados xirês e, no kardesismo, sessões.

6 Esses ensinamentos, que chamo nesse trabalho de tecnologias ancestrais, serão mais bem desenvolvidos ao longo do texto.

7 Essa expressão será desenvolvida melhor ao longo do texto.

8 A autora Sonia Petit conceitua como pretagogias fundamentos ligados ao campo da educação, que está estruturada nos valores da cosmovisão africana, sendo eles: o princípio da circularidade, a ancestralidade, a tradição oral, o corpo enquanto fonte espiritual e produtor de saberes, a valorização da natureza, a religiosidade.

9 Candomblé é uma religião afrobrasileira, não havendo em África a nomeação do culto as divindades por esse mesmo nome, o culto é individualizado por regiões, cidades e até por famílias. É trazida ao Brasil pelos africanos escravizados sua herança cultural, religiosa e filosófica, nesse sentido é a continuação de uma religião iniciada em África. Religião para o

casa é Omolu, senhor da cura, aquele que em um dos seus itans[11] nasce cheio de feridas, é cuidado por Yemanjá até que suas feridas se transformam em flores de pipoca ficando, assim, curado. Por isso, Omolu é sempre evocado quando se precisa vencer alguma doença. Essa casa que me acolhe, o que entendo que não é um acaso, tem como propósito a mesma missão que tornou-se a minha: trabalhar com a cura pelos passos e guiamentos da ancestralidade.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Figura 2: Ilê Olóore Omolu. 21 anos de Santo do Babalorixá Helio Penna

Como uma mulher negra e de terreiro, preciso evidenciar que essa pesquisa de mestrado faz parte de um projeto pessoal de autocura que também se relaciona com o histórico de racismo e genocídio que marca a constituição da sociedade brasileira, assim como de negros em diáspora. O projeto expansionista europeu para o Atlântico,

---

candomblé não está associado ao sentido da palavra que é Re-liga o homem ao seu Deus, mas do entendimento de confraternização geral da pessoa à sua divindade. O Candomblé é identificado por nações: Jeje, Ketu e Angola, cada uma delas é originada pelos diferentes grupos étnico-culturais dos africanos que foram trazidos para o Brasil e se dispersados pelo território brasileiro (KILEUY, Odé; DE OXAGUIÃ, Vera, 2015).

10 Orixá, como são chamadas as divindades no Candombé de Ketu. Cabe ressaltar que no Candomblé essas divindades estão diretamente relacionadas aos elementos da natureza, sendo inclusive entendida como o culto aos elementos da natureza como o rio, a cachoeira, as folhas, as pedras, o mar, o vento, os raios, a terra e o manguezal.

11 Termo será desenvolvido no segundo capítulo do texto.

o que inclui uma diáspora negra forçada, a partir do comércio triangular Europa, América e África, modificou significativamente não só as dinâmicas sociais dos diferentes povos do mundo, mas afetou drasticamente as organizações espaciais e territoriais. Isso alterou a organização de povos originários milenares, imputando-lhes uma tentativa de destituição de suas riquezas, seus territórios, suas produções científicas e de suas humanidades.

Nos estudos ontológicos sobre diferentes áreas de conhecimento, como medicina, arte, pensamentos filosóficos, matemáticos e arquitetônicos, é possível perceber em muitos casos a subtração dos saberes originários por colonizadores de origem europeia. Trata-se da negação dos saberes dos povos tradicionais que foram colonizados, como é o caso dos africanos e ameríndios, em processos relacionados com sua expropriação territorial. A desqualificação, destituição e roubo desses saberes culminou com o processo de afastamento de uma consciência dos descendentes de africanos escravizados de uma percepção de unidade cultural africana, como trata o intelectual Cheik Anta Diop (2014).

Essa desconscientização leva o povo negro afrodiaspórico a interpretar a sua heterogeneidade cultural como desconectada de um passado calcado em saberes ancestrais de origem no continente africano. Isso por conta da colonialidade arraigada na população brasileira devido a diversos processos e projetos históricos de desmantelamento da consciência negra e do ser negro.

É importante que se compreenda que os prejuízos gerados pelo colonialismo para a história da humanidade estão longe de serem revertidos por completo. A colonialidade segue ditando as relações (geo)políticas nas mais diferentes escalas, o que ratifica a necessidade de movimentos contra-hegemônicos. Neste sentido, considero relevante fazer o resgate das epistemologias e saberes negros, africanos e afrodiaspóricos de todasas formas, seja ele nas áreas da história e das ciências e na técnica de cura como se propõe este trabalho de mestrado.

Reconhecer, romper análises eurocentradas, além de estudar a produção científica histórica de outros povos é crucial em uma perspectiva de desconstrução de paradigmas hegemônicos. É preciso combater o racismo epistêmico que segue legitimando o eixo Europa - América Anglo Saxônica, como centro mundial de produção do conhecimento científico.

Não bastasse toda colonização ocorrida no continente africano e nas Américas, a colonialidade é até hoje um rastro de todo esse processo perpetrado ao longo de

séculos. Com isso, tecnologias ancestrais[12] de saúde e cuidado foram rotuladas por atrasadas, arcaicas e hierarquicamente subalternizadas. Resgatar, então, esses saberes e práticas para cuidar de mim foi um modo de subverter a lógica vigente sobre o entendimento desses saberes, assim como buscar uma outra perspectiva sobre o que é Ciência.

Aprendi a me relacionar com as plantas amorosamente no quintal da minha avó, Dona Maria de Lurdes (mãe do meu pai que voltou ao Orum[13] em 2021) que, com seus 93 anos, mora até hoje na mesma casa, na cidade de Belford Roxo (depois de migrar ainda jovem do interior do estado de Minas Gerais para o Rio de Janeiro). Lá tem pé de acerola, manga, abacate, goiaba, inhame e, até pouco tempo, tinha um pé de abil com mais de 40 anos de idade.

Minha avó materna, Georgina da Conceição, mora na mesma cidade e tem um quintal repleto de plantas, as quais ela conversa, cuida e tem muito ciúmes. Minha infância foi repleta de idas e vindas entre a cidade do Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense. Foi desse lugar que meu pai e minha mãe tinham como referência saberes para me educar.

Minha mãe, Maria Luiza sempre foi minha grande estimuladora dos estudos. Manicure, cabelereira, massagista, vendedora de roupa de porta em porta, quituteira, ela fez de tudo para que eu desde cedo pudesse ter acesso ao que ela não pôde ter. Não à toa, dos 6 aos 12 anos de idade, era ela quem me levava aos cursos de teatro.

Morar na cidade do Rio de Janeiro era o sonho de minha mãe. Aos meus três anos de idade, ela conseguiu que nós – eu, ela, meu pai e meu irmão (11 anos mais velho que eu) – viéssemos morar na minha amada Praça da Bandeira. Esse era o local onde eu brincava na rua, corria atrás de doces de São Cosme e São Damião e sempre fui muito feliz. Hoje fico entre o Rio e a cidade de Bom Jardim, onde eu e meu companheiro cultivamos parte das ervas que uso nas Encantarias.

Na graduação, escolhi a ciência geográfica como foco de estudo. Inicialmente, esse não era o curso que eu havia escolhido pois sempre gostei das artes, tendo feito artes cênicas por alguns anos na infância e curso de cinema durante todo o ensino médio. Na possibilidade de me graduar em uma dessas áreas, me vi com medo da instabilidade financeira que o curso de cinema poderia me dar. Desta forma, resolvi partir para a licenciatura, um caminho que também era uma possibilidade para mim e

12 O conceito será mais bem desenvolvido no primeiro capítulo.

13 Entre os iorubás, o universo é dividido em duas metades: metade inferior sendo o Aye (Aiyê), o mundo dos vivos e a metade superior, o Orum (Òrun), o mundo do sobrenatural, da morada das divindades, cujo senhor é Olorum (Olórun).

que naquele momento me trazia uma segurança maior sobre o futuro.

A escolha pela Geografia dentre os vários cursos de licenciatura deu-se pela vontade de entender o mundo. Entender como nos relacionamos e construímos nossa forma de existência nesse planeta. Entre geografia humana e física eu fico com a interação entre elas, o que para mim é justamente o grande ponto chave. Esta separação da Geografia expõe o grande abismo entre as sociedades ocidentais e as africanas, assim como as indígenas, ou melhor, dos povos que se entendem como parte da natureza e dos que a veem como uma fonte de recursos.

Em 2018, me formei em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, também conhecida como a primeira universidade do Brasil a implementar a lei de cotas. Obtive dois diplomas, um enquanto geógrafa, outro como licenciada. A formação em geografia está atrelada a muitos trabalhos de campo durante o período de graduação.

Foi nesse contexto, da graduação em Geografia e dos trabalhos de campo, que pude conhecer pessoas e lugares com um olhar que observava a interação do homem com o meio. Percebi que esta relação vezes era aproximada e quase simbiótica, como o exemplo dos moradores e quilombolas da praia da Fazenda em Ubatuba/SP. Além deste, outros trabalhos de campo eram exemplos contundentes de como o homem urbanizou e preencheu todos os espaços verdes e naturais se distanciando inclusive de qualquer possibilidade de se entender como parte da natureza como na cidade de Santos/SP.

A partir dessas observações, minha pesquisa de TCC acabou por ser sobre a relação de quem vive na floresta, mais precisamente do Parque Nacional do Itatiaia, e a gestão administrativa. Na construção dessa pesquisa iniciei, metaforicamente, minha entrada na mata. Que tempos depois, iria se somar aos vários movimentos que dei em busca de um resgate de consciência da minha ancestralidade, incluindo minha especialização em Ensino de História da África no Programa de Pós-Graduação do Colégio Pedro II e durante essa escrita da dissertação concluí minha segunda especialização no mesmo programa, mas agora de Ensino de Relações Étnico - Raciais no Ensino Básico.

Essa caminhada acadêmica que envolve as matas, as folhas, as pessoas e a história de África e sua diáspora, a qual foi construída a partir da graduação, aconteceu junto à minha caminhada espiritual. Entendo hoje que os estudos que faço são uma forma que a espiritualidade me oportunizou de não me distanciar de um caminho que foi escolhido por mim antes de vir ao aye. Neste contexto, a cura é a

palavra-chave dessa minha jornada de vida, acadêmica e de ligação com a minha ancestralidade.

Da pandemia ao projeto de pesquisa de Mestrado

É preciso trazer à baila que, na pandemia, passamos pelo adoecimento do corpo físico e mental, gerada pelo temor da contaminação da COVID. Sobretudo, fomos unanimemente contaminados pelo medo da morte. A ciência acadêmica teve por grande parte de nós seu valor reconhecido. Na busca incessante pela vacina, que seria a solução de tantas vidas perdidas, a tecnologia ocidental foi acionada e lutou pela elaboração, em curto prazo, da vacina em busca da cura. Por outro lado, outras tecnologias, outros saberes também foram mobilizados para dar conta do autocuidado. No isolamento forçado muitas pessoas tiveram oportunidade de se cuidar, ou usando uma palavra de origem Congo-Angola, muitas pessoas se auto dengaram.

O cuidado com o corpo, com o psicológico e com a espiritualidade se deu através das atividades físicas dentro de casa, por conta da quarentena. Terapias se realocaram no modo digital e muitos buscavam na espiritualidade uma explicação para o que estava acontecendo. Nesse sentido, eu tinha o mundo espiritual como um grande suleador da minha existência.

Em agosto de 2020, no auge da pandemia de Covid-19, enfurnada dentro de casa, me vi na busca de mudar meus hábitos alimentares, a fim de deixar meu corpo mais saudável. Passei então a consumir chá, o que não fazia parte da minha rotina. De início, bebia apenas de camomila, até que fiz uma mistura de ervas. Nesse momento, criei um chá desconhecido para mim, mas que me proporcionou acalanto.

Na mesma semana, divulguei no Instagram a venda desse chá que nomeei de Originária. A procura foi imediata e, a partir desse momento que criei as Encantarias, uma proposta de auto dengo para as pessoas através das ervas. Meu Instagram, que era até então de fotos na natureza, obteve outra função, a de comercializar os produtos que chamei de Encantarias.

Os saberes ancestrais nos levam ao conhecimento do poder dos elementos vegetais para tratamento e cuidado do nosso corpo. Dessa forma os saberes transmitidos pelos encantados de maneira intuitiva, me auxiliaram a produzir antigas tecnologias de cura, como o chá. Logo, nesse trabalho, chamo essas tecnologias ancestrais de encantarias (com letra minúscula), que vem em paralelo ao nome do

meu trabalho: Encantarias (com letra maiúscula) designando nome próprio para todas as encantarias vendidas por mim.



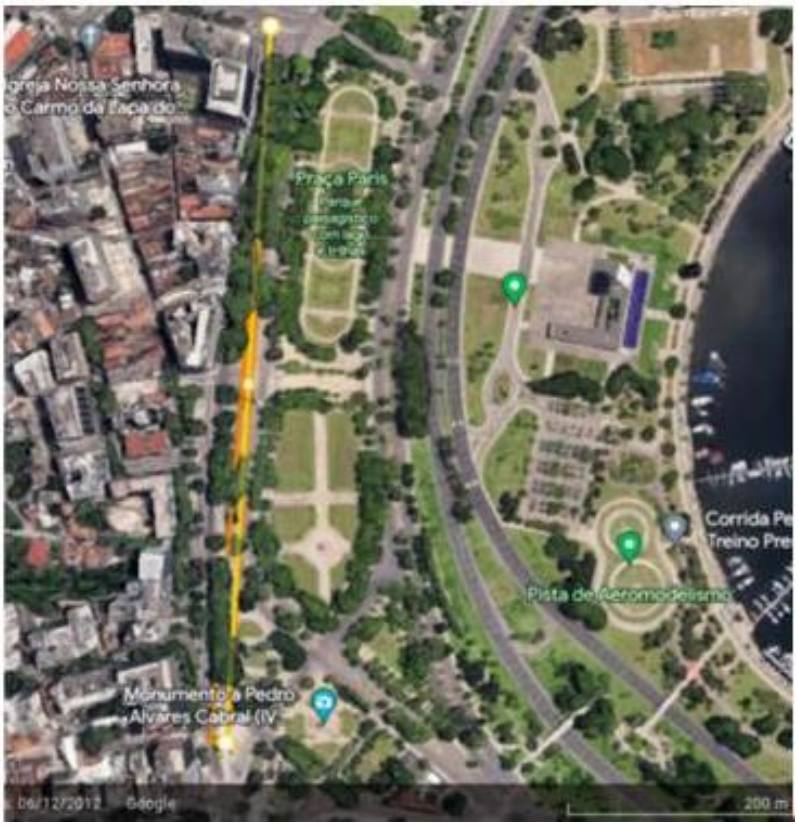
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Figura 3: Entrega de Encantarias no Méier em 2021. Estação de trem do Méier

Em meio a pandemia, recebia pedidos, como os banho de ervas, chás, escalda pés e incensos. Cada encantaria foi surgindo mês a mês de maneira intuitiva, com base nos ensinamentos que me foram passados pelos encantados. Um dado dia, no terreiro, levei o chá Originária para a ciganinha que fazia um trabalho mediúnico via incorporação comigo. Quando a cambona ofereceu a ela o chá, ela respondeu: "*Claro que quero, fui eu quem criou*". Compreendi com esse episódio que, de fato, o povo encantado dividiu comigo seus saberes e, ao mesmo tempo, me autorizaram a transformar esses saberes em instrumentos de cura e auto dengo para outras pessoas em um ambiente fora do terreiro. Além de tudo isto, me proporcionaram uma forma de renda quando eu estava desempregada.

Passaram-se alguns meses, a pandemia já estava mais controlada e as pessoas já podiam circular pela cidade. A dinâmica das Encantarias mudou. As vendas online perderam força, mas ganhei de presente da espiritualidade, no ano de

2021, um ponto fixo na Feira da Popular da Glória, tradicional feira de rua no bairro da Glória, Rio de Janeiro, onde comecei a expor e vender as encantarias no tabuleiro.



Fonte: Google Maps, 2023

Figura 4: Imagem de satélite da rua em que se realiza a Feira da Glória

A Feira da Glória materializa, todos os domingos, um conjunto de confluências (BISPO DOS SANTOS, 2015). No espaço da feira há diversos saberes tecnológicos que são guiados pelos mercantes dos tabuleiros de ervas, artesãos, músicos, cozinheiros, que, por conseguinte, operam na contribuição de uma rede de sociabilidade negra. É possível observar que ela se torna uma territorialidade de expressões identificadas por tecnologias ancestrais de cura. Este fato atrai muito mais do que pessoas em busca de alimentação e lazer, mas desloca o hábito tradicional do fazer feira para a procura de uma conexão ancestral através da música, ervas e comida.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023

Figura 5: Mapa Mental das tecnologias ancestrais de cura na Feira da Glória

Para a construção do mapeamento mental da Feira da Glória foram consideradas barracas que tivessem ligadas ao que neste trabalho é considerado tecnologias ancestrais de cura, outro critério foi serem produzidos ou comercializados por pessoas negras. A simbologia usada para identificar cada uma dessas tecnologias tem relação com um contexto histórico e étnico-racial dos elementos retratados, uma vez que não foram usados símbolos que retratam exatamente o produto que é comercializado.

As comidas no mapeamento consideradas tecnológicas foram mapeadas e simbolizadas por dois ícones diferentes. O acarajé, entendido no candomblé como corpo da orixá Iansã é identificado por um raio, que contêm ligação com o mesmo orixá. Já a barraca de comidas nigerianas/ africana produzidas pela Latifa foi usado o desenho de um navio, comunicando esse saber gastronômico que cruza o oceano. As erveiras são simbolizadas pelas folhas, elemento de transmissão de saberes e produção de tecnologias ancestrais de cura.

As rodas de samba que trazem a musicalidade afrodiaspórica foram representadas pelo cavaquinho e o atabaque, simbolizando os principais instrumentos ligados a essa musicalidade negra. O cavaquinho é um instrumento indispensável em qualquer roda de samba e o atabaque instrumento africano sendo um dos diversos

tipos de tambor, usado em diversas manifestações de cultura africana e afro diaspórica.

O tabuleiro das Encantarias levou o símbolo da própria identidade visual da marca a Tríplice Luna, que inicialmente é um elemento presente no ponto riscado[14] da Pombagira Cigana da Estrada que me acompanha. Está ligado também à bruxaria, as fases lunares (cheia, minguante, nova e crescente) e a deusa tripla que retrata as três fases da mulher (donzela, mãe e anciã). Essa escolha se deu pela complexidade que o símbolo já dado tem por si só.

Cabe ressaltar que na história do Brasil colonial as mulheres que se utilizavam dos saberes baseados nos elementos da natureza eram chamadas de bruxas e feiticeiras. Suas mandingas não eram aceitas, sendo repreendidas por isso.

Através das centenas de folhas comercializadas por médicos populares oriundos de diversos espaços da cidade, há um mapa do conhecimento sobre tecnologias ancestrais de cura. São evocações milenares de saberes, de cura, de sociabilidade e comunidade contra o racismo epistêmico estruturado pela hegemonia e violência de saberes ocidentais.

A Feira da Glória, inicialmente colocada como recorte espacial, nessa pesquisa é também uma encruzilhada (RUFINO, 2019) de diversos conhecimentos que se entrelaçam na experiência do vivido no território, revelando múltiplas camadas. Estas camadas organizam o fazer dos códigos culturais que se materializam em musicalidades, culinária negra e medicina natural. Deste modo, uma rede de discursos e saberes contra coloniais se espacializam na Feira da Glória.

Antônio Bispo Santos (2015, p. 47) entende como contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, assim como seus símbolos, saberes, as significações e os modos de vida praticados por estes povos nesses territórios. Neste ponto, vale destacar que não existe um sistema de discursos culturais isolados, mas sim multiterritorialidades (HAESBAERT, 2004) atravessadas pela música, pelo alimento e pelas ervas medicinais produzindo uma sobreposição de territorialidades dos diversos “grupos” sociais.

14 Ponto riscado é um elemento de identificação pessoal de cada entidade de umbanda, desenhados ou riscados com pemba no chão do terreiro. Além disso, é entendido como um portal ritualístico, nesse sentido somente quando o desenvolvimento mediúnico do médium for considerado satisfatório pela entidade ela apresenta e risca seu ponto, para que saibam ou confirmem seu nome e sua história. Há em alguns terreiros uma gira específica para que a entidade/ encantado que assim quiser risque seu ponto, que será confirmado ou não pelo dirigente da casa ou entidade chefe.

Em outras palavras, a Feira da Glória configura-se como um (en)cruzo (RUFINO, 2019) de diversas vertentes culturais negras, materializadas em músicos, atores, fazedores de magias, cozinheiras, pais e mães de santo que se utilizam desse espaço como forma de sociabilidade negra. Além de me parecer ter relevância histórica, social e ancestralmente pensar que esses saberes, materializados em produtos para venda, foram abrigados no tabuleiro da mesma forma que muitas mulheres negras no Brasil dos séculos passados, também vendiam suas iguarias, quitutes e também mandingas. Entendo o tabuleiro como um espaço de conexão Orum – Aye.

Importante destacar que o espaço da feira tem grande relevância nas comunidades tradicionais africanas, segundo Pierre Verger:

> A feira africana é o lugar de agrupamento ideal […] É na feira que o rei torna público suas decisões e onde suas mulheres, nas cerimônias, mostram ao povo as magnificas riquezas reais, […] [é] na feira que se fica sabendo das novidades de outras terras, é lá que a mãe apresenta o recém-nascido […] (VERGER, 1992, p. 139).

Dessa forma, mesmo em diáspora, a feira ainda é um ponto crucial para o local onde ela acontece. As feiras livres no Brasil têm se tornado cada vez mais populares devido à crescente variedade de produtos comercializados, tornando-se também espaços de lazer e cultura. A Feira da Glória tem por característica essa diversidade de oferta e faz com que sejam estabelecidos cruzos importantes. A Encantaria esteve presente neste espaço não por acaso, pois ela é um espaço físico que proporciona um encontro energético e ancestral de ervas que curam pessoas que desejam ser curadas.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2023

Figura 6: Atendimento no tabuleiro das Encantarias (Feira da Glória)

O tabuleiro das Encantarias, na feira, passou a ser o principal ponto de venda entre os anos de 2021 e 2023, mas também de contato presencial com tantos clientes que buscavam o me saber para se cuidarem com as ervas. Ir para a feira, expor minhas magias, foi um passo importante e transformador. Poder olhar no olho, fazer negociações e entender o quanto as pessoas tinham a falar e também a ouvir. No tabuleiro são exercidas trocas que vão muito além do dinheiro, pois as redes de sociabilidade e solidariedade negras são tecidas no cotidiano. Percebi, ao longo desses dois anos de feirante, que ali no cruzo da feira e, mais precisamente, os tabuleiros de ervas, culinária africana e afro-brasileira, assim como na música, são formadas redes potentes de sociabilidade e de relações raciais.

É preciso reafirmar que essa pesquisa não está deslocada de mim. Essa dissertação só é possível a partir da retomada de consciência da possibilidade de reencontro com saberes milenares, que em um determinado momento da minha passagem pelo aye, foram destinados a mim. Apesar da colonialidade, é possível evidenciar que o tabuleiro das Encantarias se torna um espaço onde podem ser encontrados diversos elementos de cura feitos a partir das tecnologias ancestrais. Este fato faz com que possamos compreender que até hoje muitas pessoas acreditam e se utilizam das folhas como práticas de cura.

O tema dessa dissertação vem por conta deste trabalho que eu já venho desenvolvendo com as folhas. Além disso, me proponho também a fazer um diálogo com outras pesquisas e trabalhos que puderam narrar sobre o que são as tecnologias, incluindo as ancestrais, bem como a utilização de folhas e as pessoas que fazem seu uso.

Morena Mariah, intelectual negra, mãe, escritora e pesquisadora sobre afrofuturismo, no episódio intitulado “Tecnologias Ancestrais” do seu podcast “Afro Futuro”[15] traz uma definição inicial sobre o termo tecnologia. Para a autora, “tecnologia é um produto da cultura. Não existe uma única definição sobre o que é tecnologia”. E continua: “[…] todos os povos produzem tecnologia, porque tecnologia é a forma de desenvolver mecanismos ou ferramentas de produção da própria vida”. Mariah explica que cada povo expressa em suas tecnologias sua expressão cultural, ou seja, seus valores, cosmoperscepções e filosofias de vida. Após a definição ampla do termo, ela especifica o que entende por tecnologias ancestrais, a saber: “Quando

15 AFROFUTURO: Tecnologias Ancestrais. Maria Mariah.Agosto de 2021. PODCAST. Disponivel em: https://open.spotify.com/episode/0DDJuP1TfZxMjkTtibRncC. Acesso em 08 nov 2023.

eu falo de tecnologias ancestrais, eu estou falando de tecnologias que são fundamentadas nos princípios culturais africanos. Então quando falo de tecnologias ancestrais eu falo de cultura africana".

Esse caminho traçado pro Morena Mariah conflui com o entendimento de tecnologias ancestrais apresentados por Camila de Matos Silva, em sua tese nomeada de "Desaguando "Ebós Epistemológicos" nos/pelos espaçosventres: umedecidos pelas águas-grafias nas litera-curas de mulheres negras em diáspora", defendida em 2023. Na sua pesquisa Camila afirma que "[…] tecnologias são as filosofias existenciais, a cosmopercepção de cada clã/povo, são suas dinâmicas de sociabilidades nas rotas diversas; elaboradas e (re) elaboradas pelos povos como modus operandi de viverem a vida".

Desta forma, quando Mariah, fala que tecnologia ancestral é produto da cultura, ela mobiliza os mesmos argumentos de definição apresentados por Camila. Não só por se tratar de filosofias existenciais, da forma africana de se relacionar e sociabilizar, ou sobre os valores e a cosmoperspeção do mundo sob a mesma perspectiva, mas também por elas duas entenderem o "ancestral" como oriundo de África, ou seja, de um referencial geográfico, cultural e civilizatório comum.

Sendo assim, essas duas pesquisadoras contribuem para a reflexão sobre a significação de tecnologias ancestrais como resultado dos modos de viver e ser africanos, os quais perpassam qualquer marco temporal, estando intrinsecamente ligados ao encantamento, às estratégias, e aos saberes ancestrais africanos e afrodiaspóricos. No Brasil, mais da metade da população se considera negra[16]. Trata-se do país com maior população negra fora do continente africano. Assim, entende-se que colher e acolher os saberes ancestrais sobre os tratamentos com ervas como tecnologias de cura é levar a agência e o protagonismo da população negra.

A partir dessa breve contextualização de onde parte, não só a escrita, mas olhar sobre a feira, compartilho nessa pesquisa um pouco da minha busca em contra-colonizar os tratamentos de cura de cuidado, auto dengo e cura a partir do entendimento sobre o poder do reino vegetal, com especial atenção para as ervas ou folhas.

Cabe ressaltar que falo ao longo do texto sobre ervas e folhas. Na literatura botânica há definições especificas para cada uma delas, sendo as ervas as plantas

16 Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas negras, ou seja, que se autodeclararam pretas e pardas, constitui 56% do total da população brasileira em 2022 (IBGE, 2022b).

que não constituem madeira e se restringem a um porte pequeno, conhecidas também como plantas herbáceas, diferentemente das árvores que constroem madeira e tem porte maior, ou os arbustos que ficam entre as duas espécies descritas. Em todas elas as folhas se fazem presente, são o exemplo as folhas de elevante (erva), folhas de lavanda (arbusto) e folhas de mangueira (árvore). Por conseguinte, as folhas que falo aqui são aquelas consideradas medicinais, que através dos saberes e dos encantamentos se tornam instrumento de tecnologias ancestrais independentemente de qual grupo fazem parte.

O Tabuleiro das Encantarias é onde essa pesquisa se inicia e o lugar onde são comercializados produtos de autocuidado e cura de plantas medicinais. Nesse contexto, parto da seguinte pergunta principal em minha pesquisa: as folhas comercializadas no Tabuleiro das Encantarias são elementos tecnológicos ancestrais de cura? Partimos da hipótese principal de que folhas e ervas comercializadas no Tabuleiro das Encantarias podem ser elementos tecnológicos ancestrais de cura a partir de uma outra cosmologia, de uma outra perspectiva de mundo, de ciência, de medicina e de marco civilizatório. Em outras palavras, as folhas comercializadas no tabuleiro das encantarias podem ser consideradas elementos tecnológicos ancestrais de cura desde que estejam associadas a um berço civilizatório (africano/afrodiaspórico/ afro-indígena) confluente.

Junto com o desafio de iniciar uma pesquisa que verifique se a pergunta e a hipótese acima se sustentam com os referenciais teóricos que serão mobilizados, entendemos importante incluir outras indagações, como: “De que forma podemos considerar alguém saudável e equilibrado ou doente e em desequilíbrio?”, analisando e comparando cosmologias diferentes. Uma outra pergunta: “como a feira livre até hoje é lugar de sociabilidade negra e de comercialização de tecnologias ancestrais?”. A reflexão para investigar estas perguntas foi o caminho que esta dissertação traçou.

A seguir, esboço a seguinte divisão do trabalho em capítulos propostos para discutir conceitos e teorias que dão sustentação à pesquisa. No primeiro capítulo, nomeado Omolu, foi discutido principalmente os conceitos de saúde, de equilíbrio e de cura na perspectiva do berço meridional de Diop e da cultura iorubana. Estes são conceitos fundamentais desta pesquisa, tendo em vista que a elaboração destes conceitos pode adquirir diferentes perspectivas se tomarmos por referência povos politeístas, como povos originários do continente africano, diferentemente dos povos eurocristãos monoteístas, caso dos europeus colonialistas (BISPO DOS SANTOS, 2023).

No segundo capítulo, Ossain, entraremos metaforicamente nas matas para compreender o que são as ervas medicinais, os processos de manipulação e encantamento que as folhas passam para, assim, serem usadas. Após uma contextualização geral das ervas, foram trabalhadas mais detalhadamente algumas ervas e plantas que são utilizadas nas Encantarias e plantadas no Sitio Francisco Vianna, local de moradia da autora e seu companheiro, sendo elas essas ervas: malva cheirosa, capim limão, lavanda, erva cidreira, boldo do chile, tapete de Oxalá, assa peixe, pachouli, pimenteira, vence tudo, manjericão, carqueja, hortelã miúdo e grosso, arnica, saião, arruda, comigo-ninguém-pode, espada de São Jorge, artemísia, erva chá, mirra, canfora, amoreira, folha de batata doce, carqueja, folha de mamona, tomilho, cana de açúcar e colônia. Esta perspectiva possui o objetivo de compreender como uma erva torna-se um elemento tecnológico de cura.

No terceiro e último capítulo, a energia exuniana, é quem traz o movimento e a contradição da vida, que afetou diretamente o processo de escrita desse trabalho, por meio da mudança de recorte espacial onde a pesquisa foi iniciada, a Feira da Glória. As Encantarias deixam o território da rua, para mercar no tabuleiro extra físico.

À vista disso, são registrados nesse capítulo memórias do ato de mercar na feira, o motivo da saída da feira, os principais personagens que passaram no tabuleiro ou que fizeram parte da construção desse espaço, as felicidades e dificuldades de ser ou estar feirante. É também brevemente contextualizado o porquê Exu é o dono da feira ou mercado, senhor das encruzilhadas e da comunicação.

Em busca de melhor responder as questões que permeiam esse trabalho – como verificar a hipótese das folhas comercializadas serem ou não elementos tecnológicos de cura, baseado principalmente na concepção ética de mercar do tabuleiro das Encantarias, e debater sobre os conceitos chave como equilíbrio e cura – , estabelecemos a metodologia de escrita pelo encantamento, que se aproxima, versa e se alimenta em certa medida do conceito de escrevivência, tal como elaborado e usado pela primeira vez em 1995, no Seminário Mulher e Literatura, pela intelectual e escritora negra Conceição Evaristo.

A escrita pelo encantamento é compreendida como algo que faz alusão as psicografias conhecidas no kardecismo, feita em contato e cruzo dos mundos, físico e espiritual. O que está escrito nessas páginas é produto de vivência no plano da matéria, no aye e de uma caminhada de vida que entende a espiritualidade como bússola e transmissora dos mais importantes saberes e virtudes a serem apreendidos para fazer valer à pena a vida terrena.

Já escrevivência, cunhada por Conceição Evaristo, possibilita uma escrita mais próxima possível das experiências vividas. Esse trabalho é o resultado de um amadurecimento pessoal. Enquanto mulher de axé, acredito que tudo o que vivo é saber a ser compartilhado em qualquer lugar, incluindo os trabalhos acadêmicos como esse que, talvez, tenham certa dificuldade de aceitação pela ciência e tecnologia hegemônica. Dessa forma, a escrevivência de Conceição e a contra-colonalidade de Nego Bispo formam um cruzo importante para como esse trabalho é conduzido.

Para fundamentar essa escrita, conceitos e saberes, serão acessados intelectuais, mestras e mestres dos saberes tradicionais, como Jose Flávio Pessoa de Barros, Mãe Stella de Òsósi e Nego Bispo. As fontes serão resgatadas não só de artigos e livros, mas também de registros visuais como vídeos, podcasts, etc. O trabalho pode ser considerado então uma pesquisa escrevivente de encantamento, a partir da pesquisa vivente e participante do que foi pesquisado.

A escolha do tema dessa pesquisa baseia-se em uma experiência vivida, em um modo filosófico-religioso de estar no Aye e que também se propõe a dar continuidade a tudo o que já foi pesquisado e escrito sobre a mesma temática. Deste modo, citamos algumas publicações sobre a cura através das folhas, sobre o poder da palavra (seja ela cantada, rezada ou em forma de contos) para o encantamento das folhas e potencialização dos processos de cura. Citamos ainda as encantarias e saberes medicinais e espirituais para tratar doenças e desequilíbrios e fazer a manutenção da saúde do corpo físico e espiritual.

Nesse sentido, como este trabalho poderia acrescentar e dialogar com outras obras que abordam temas correlatos? Um tema central da pesquisa é pensar no uso das folhas como tecnologias ancestrais de cura. O artigo de João Paulo Carneiro, intitulado “Tecnologias ancestrais: ensino da história e relações étnico-raciais” tem por objetivo entender a produção de saberes a partir da temática das relações étnico-raciais através de uma ferramenta tecnológica digital disponível a professores e alunos. Em seu trabalho, Carneiro traz o termo tecnologias ancestrais para o debate, definindo-o como “uma artesania dos povos negros” (CARNEIRO, 2023 p. 21) que seriam a solidariedade e fraternidade entre negros e negras, ou seja, modos negros de existir.

Segundo João, o processo de escolarização não é o que garante nossas sabedorias, mas sim a vivência. Assim, o autor traça paralelos a partir dos exemplos sobre o movimento negro, quilombo e aquilombamento. A consciência coletiva de juntar dinheiro para compra de alforria de outros negros escravizados ilustra como

como pessoas negras souberam utilizar as tecnologias ancestrais para resistirem. O diálogo entre nossos trabalhos me parece ser acerca da perspectiva de que saberes são adquiridos pela vivência e validados através de outras cosmopercepções de mundo e sociedade.

Uma outra categoria fundamental para a compreensão epistemológica que orienta este trabalho é a de berços civilizatórios, cunhada pelo multi-pesquisador Cheikh Anta Diop e que trata do debate sobre as características distintas da humanidade referentes a forma de se relacionarem uns com os outros e com o meio ambiente. No trabalho de Mariana Bracks da Universidade Federal de Sergipe (UFS), intitulado “Consciência Histórica Africana de Cheikh Anta Diop cantada pelo Olodum”, a autora escreve sobre a importância de Diop para a história da humanidade. Ele critica o quanto o projeto de colonização da Europa tinha como base a desconstrução de uma identidade e história negra para a afirmação de que os povos africanos eram irracionais e selvagens.

O artigo de Mariana conta a trajetória de Diop e sublinha as perspectivas culturais e históricas cruciais para, segundo ele, compreender a cosmopercepção do mundo e suas formas de saberes, medicinas e curas que também dialogam com esta pesquisa. Um grande desafio para as sociedades pautadas em valores civilizatórios nórdicos (mesmo geograficamente localizadas no Sul) é aceitar saberes que não tem como base a ciência ocidental, ou seja, dos povos euro-monoteístas cristãos. Dessa forma o trabalho de Mariana, fundamentado em Diop, dialoga com esta pesquisa para debater modos outros de entender diferentes processos de civilidade e civilização.

Ainda nesse trabalho, as folhas são tratadas como o elemento tecnológico que proporcionam cura, e destaco que inúmeros artigos, dissertações, e livros também abordam esse potencial de cura medicinal das folhas. Uma referência é o livro “O que as folhas cantam (para quem canta folha)” de Mãe Stella de Òsósi (bença)[17]. Em suas páginas, traduzido pela tradição oral, Mãe Stella traz, na perspectiva da cultura iorubá, a importância das folhas e do orixá Ossain, dono de todas elas e sabedor de como encantar todas as folhas existentes no mundo. Esse livro é fundamental não só para esse trabalho, mas para qualquer caminho ligado às medicinas ancestrais que se relacionam com os princípios das religiões de matriz africana e de certa forma de ritos indígenas como pajelança e xamanismo (uma vez que são práticas oriundas do mesmo berço civilizatório). ***

17 Bença nesse trabalho é a forma como escolhi para pedir licença e reverenciar pessoas as quais considero ancestrais para mim e para toda a comunidade negra. Pessoas que são mestras e mestres do saber e que tenho extremo respeito e admiração pela trajetória.

1 - Saúde, Equilíbrio e Cura (Omolu)

Chegando de viagem à aldeia onde nascera, Omulú viu que estava acontecendo uma festa com a presença de todos os Orixás. Omulú não podia entrar na festa, devido à sua medonha aparência. Então ficou espreitando pelas frestas do terreiro.
Ogum, ao perceber a angústia do Orixá, cobriu-o com uma roupa de palha, com um capuz que ocultava seu rosto doente, e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos. Apesar de envergonhado, Omulú entrou, mas ninguém se aproximava dele. Iansã tudo acompanhava com o rabo do olho. Ela compreendia a triste situação de Omulú e dele se compadecia. Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do barracão.
O xirê estava animado. Os Orixás dançavam alegremente. Iansã chegou então bem perto dele e soprou suas roupas de palha, levantou-lhe as palhas que cobriam sua pestilência. Nesse momento de encanto e ventania, as feridas de Omulú pularam para o alto, transformadas numa chuva de pipocas, que se espalharam brancas pelo barracão.
Omulú, o senhor das doenças, transformara-se num jovem, num jovem belo e encantador. Omulú e Iansã Igbalé tornaram-se grandes amigos e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos dos mortos, partilhando o poder único de abrir e interromper as demandas dos mortos sobre os homens[18].



Fonte: Pinterest

Figura 7: Representação de Omolu

18 Itan (lenda) de Omulú: Omulú divide seu domínio da morte com Iansã. Raizes Espirituais, 13 ago. 2018. Disponível em https://www.raizesespirituais.com.br/itan-lenda-de-omulu-omulu-divide-seu-dominio-sobre-os-mortos-com-iansa/. Acesso em 10 jul.2024.

Nesse primeiro momento, pretendo assim como no cultivo de qualquer erva, mexer no terreno e prepará-lo. Falo metaforicamente do processo de mover a terra, abrir um berço e adubar para que, assim, possa brotar outra vida, além das muitas já presentes no solo. Com isso, explico a base cultural a qual me oriento nesse trabalho, que é diopiniana. Ao me referir à África aqui é compreendido esse continente a partir das similaridades culturais, guiada pela unidade cultural como trata Cheik Anta Diop. Por eu ser uma mulher de terreiro de candomblé com uma filosofia existencial descendente dos povos iorubá, é inevitável que em detalhes a cultura iorubá seja preponderante.

Por sua vez, o conceito de saúde é extenso e pode ser debatido em diversas áreas de conhecimento, como a biologia, psicologia, medicina entre outras. Compreendo que, caso eu escolhesse dissertar sobre cada uma delas, essa dissertação poderia ser toda ela apenas uma revisão bibliográfica conceitual, mas não é essa a proposta. Trago aqui a saúde na dimensão do cuidado e auto dengo, versando explicitamente com a concepção de equilíbrio e desequilíbrio na cultura iorubana.

Nesse sentido, articulo o conceito de saúde com o de cura, não como uma cura ligada a doença apenas, mas a cura dos desequilíbrios gerados pela falta de cuidado e atenção com o corpo, mente e espírito. Falo de possíveis caminhos de cura, como rituais afro religiosos, cuidados com a alimentação e com as escolhas feitas ao longo da vida oriundas do livre arbítrio. Trago ao debate fontes acadêmicas e religiosas, a fim de referenciar muitos dos ensinamentos que são aprendidos dia a dia da convivência religiosa de terreiro, passadas tanto pelos mais velhos, como pelos mais novos.

1.1 - Unidade cultural Africana de Cheik Anta Diop

Entende-se nesse trabalho a necessidade de deslocar a referência que se tem sobre o que é humanidade, civilização, cultura e ciência. É preciso abrir mão da hegemonia eurocêntrica arraigada em todas essas palavras. Não é uma tarefa simples, uma vez que, desde o início da escolarização as culturas não europeias, como as africanas e indígenas, foram subalternizadas e desqualificadas.

O projeto colonialista pode ser entendido, desde o seu início como um problema de xenofobia dos povos que descendem do berço civilizatório nórdico, que, desde a sua hominização, têm um comportamento violento e de rejeição ao outro, que

é diferente. Este paradigma dos berços civilizatórios está relacionado com as teorizações de Cheikh Anta Diop sobre a construção diferenciada da humanidade e suas consequências para o comportamento humano.

Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um intelectual senegalês com formação multidisciplinar que, dentre diversas pesquisas, se dedicou à teoria dos Berços Civilizatórios. A partir do entendimento de que o continente africano é o berço da humanidade, ele argumenta que os seres humanos, em um determinado momento evolutivo, tiveram caminhos diferentes relacionados aos diferentes movimentos migratórios.

Segundo Diop, parte da humanidade migrou da África para regiões ao norte geográfico, formando o berço setentrional e, posteriormente, chamado de Ocidente. Estes migrantes desenvolveram características culturais específicas, como a xenofobia, a agressividade, o nomadismo (por conta da escassez de alimentos), o patriarcado, entre outros. Já os grupos que permaneceram em África, formaram o berço meridional, localizado no sul geográfico, tendo desenvolvido outras características como a xenofilia, o cooperativismo, o matriarcado e uma relação harmônica com a natureza (DIOP, 2014).

A partir destas elaborações de Diop, me parece oportuno analisar se algumas destas características de cada “berço civilizatório” são observáveis até os dias hoje.

Os povos ocidentais atualmente ainda lutam por conquistas de espaço territorial. Somente em 2023, tivemos duas grandes guerras/conflitos acontecendo em terras ocidentais ou com apoio direto de países hegemonicamente poderosos por sua economia e poder bélico como os Estados Unidos da América, a Rússia e a União Europeia, caso dos conflitos na região da Ucrânia e da Palestina. O estudo da geopolítica é certeiro ao desenhar os processos de conquistas de territórios e suas consequências.

Outra característica nórdica/ocidental é a xenofobia. Os europeus e estadunidenses são extremamente preconceituosos com africanos, sul americanos e com pessoas com cidadania de países considerados pobres dentro de uma lógica capitalista. Mesmo que o movimento migratório de saída dos países de origem africana ocorre para fugir de guerras civis que surgiram pelo próprio processo de colonização e descolonização de África, ainda sim o povo ocidental tem aversão, medo e se nega a acolher imigrantes oriundos de países do Sul global.

Uma outra característica cultural ocidental que contrasta fortemente com a africana é o patriarcado. Sociedades africanas tradicionais são, em sua grande

maioria, pautadas na matrilinearidade, onde as mulheres são madrigestoras de suas famílias. Isso significa que a descendência é definida pela mulher e não pelo homem, como nas sociedades ocidentais. Além de ser a mulher quem tem a centralidade da tomada de decisão para sua comunidade, o que pode ser inconcebível para populaçõs ocidentais, onde o homem, além de provedor, é o detentor do poder sobre a mulher, o que culmina na perpetuação do machismo.

Ao longo da pesquisa, percebi que mesmo trazendo Diop e a ideia focal de falar de África, partindo das suas tradições e interpretando- a enquanto berço meridional orientada pela unidade cultural que perpassam os diversos grupos étnicos africanos, trago como exemplos e análises culturais, um recorte oriundo do grupo étnico linguístico iorubá.

O tráfico negreiro no Brasil teve diferentes dinâmicas ao longo dos quase três séculos de escravização de pessoas africanas. O primeiro grupo étnico linguístico a chegar foram os Bantos, oriundos do Congo, Angola e Moçambique (DAIBERT, 2015). A enorme quantidade de africanos dessa região resultou em uma grande herança cultural para o Brasil. Já no fim do século XVIII, chegaram no país os iorubás sudaneses que foram inseridos em grande quantidade no nordeste brasileiro (PESSOA DE BARROS, 2006). Os iorubás são um grupo étnico linguístico da África Ocidental que se localiza historicamente onde hoje corresponde ao sudoeste da Nigéria e parte do Togo, Benin e Gana. Sendo o Império de Oyó o mais importante por conta da economia e condição política.

Culturalmente, para os iorubás, Ile Ifé foi um dos primeiros centros populacionais, considerado como o mais antigo, berço das instituições políticas e religiosas (PESSOA DE BARROS, 2006). Para a mitologia iorubana, Ifé de onde a humanidade teria surgido e a partir dessa cidade se espalhado pelo mundo; sendo Odudua o criador, e a partir de filhos e neto sua descendência dele foram criadas e governadas as cidades e impérios de Iorubalândia[19].

Dentro da grande extensão territorial dos iorubás, há muitas cidades e alguns subgrupos étnicos, demostrando que, mesmo sendo considerados iorubás, ainda existia diferença entre eles, incluindo até a forma como se identificavam: “Era – e ainda é – mais comum os africanos da região se identificarem como Egbá, Ifé, Ijebu,

19 Região que hoje corresponde na África Ocidental o território de Nigéria, Benin e Togo. Localiza os reinos Oyó e Ifé, que influenciam religiosamente e politicamente outros reinos como Ijexá, Ketu, Egbá. Não possui delimitação fronteiriça e centralidade governamental. Eram cidades-estados independentes que compartilhavam da mesma língua (OLIVA, 2005).

Oyó, Ketu ou Ijexá e não como iorubá. Na verdade, o termo iorubá serviu muito mais como uma relação lingüística do que qualquer outra coisa" (OLIVA, 2005, p. 169).

Portanto, neste trabalho, tomo como referência o berço meridional e as confluências culturais africanas, porém com muitos exemplos da cultura iorubana. Trago ainda, algumas citações de indígenas brasileiros. Importa para mim o diálogo da multiplicidade de povos oriundos do berço meridional. Penso que a teoria de Diop não trata de homogeneizar o continente africano, muito pelo contrário, ele exalta os traços comuns, dentro dessa grande diversidade africana, o mesmo podemos perceber nas culturas indígenas.

Interpretando Diop dessa forma e utilizando esse vínculo que une e converge nas culturas africanas, afro-brasileiras, afro-indígenas, indígenas e nas afro-religiosas, pode-se considerar os saberes comuns e integrados, bem como as tecnologias desenvolvidas nesse conglomerado étnico, cultural e descentralizado que remonta ao berço meridional. Esses conhecimentos podem ser aplicados em diferentes áreas, como a saúde, e mais especificamente na cura, destacando as tecnologias ancestrais.

1.2 - Cura é processo, e processo é tempo

O dia que tive tempo
No dia de hoje, tive tempo para mim.
Me dei a sensação de desligar o despertador, de preparar um chá.
De cochilar de novo e esquecer a água no fogo.
Eu, ri.
Tive tempo de rir e de preparar outro chá.
Sentei.
Tive tempo de sentar,
mas logo me levantei porque lembrei que havia tempo de cozinhar.
E cozinhei.
Musica ouvi, depois chorei, ri e dancei.
Tudo isso porque eu tive tempo.
O dia de hoje representa o cuidado,
é cuidar de si, de nós, de nossa história e de nossos ancestrais.
O dia de hoje é 13 de maio.
Eu adorei as almas.
Eu adorei.

Autoria própria, 2018

O capitalismo faz com que as sociedades se relacionem com o tempo de maneira adoecida. A lógica do sistema é "tempo é dinheiro", e ele não se pode perder. O tempo precisa ser otimizado e nada deve demandar tempo em excesso. Esse referencial capitalista-ocidental-branco nos ajuda a pensar sobre como a humanidade se relaciona entre si e com o meio, ou melhor, como não se envolve. De fato, as

pessoas estão cada vez mais se *des*-envolvendo, deixando de envolver-se para, que esta prática, supostamente ganhar tempo.

Bispo (2023) utiliza a estratégia contra-colonial de nomear com palavras novas ou com palavras que tiveram o seu sentido re-elaborado, afim de enfrentar o sistema colonialista, capitalista, monoteísta e eurocristão. Com o argumento de atingir uma suposta ideia de desenvolvimento econômico, este sistema eurocristão pratica cada vez mais intensamente a expropriação de comunidades de seus territórios, o extrativismo predatório, as guerras, o desmatamento das áreas florestais, entre outras práticas.

Segundo Krenak (2023, p. 39), “a floresta não se limita a sustentar a vida. Ali é onde nascem conhecimentos e sabedorias”. Esse *des*-envolvimento ocidental capitalista é devastador não só pelas consequências de seu uso na terra e território, mas também nega epistemologias e culturas, que colocam a natureza em protagonismo e gestora de saberes, práticas e filosofias.

Dessa forma, a relação com o tempo releva-se fundamental para basear tanto o desenvolvimento econômico proposto pelo capitalismo quanto para o envolvimento com a vida, como propõe povos tradicionais indígenas e africanos.

> O mundo ocidental atingiu uma velocidade das coisas a ponto de se viver os milionésimos de segundos e, ainda insatisfeito com o que atingiu, cria tempos imaginários. Por outro lado, os povos tradicionais cuidam da vida com respeito ao ritmo cósmico, de acordo com a memória ancestral (KRENAK, 2023, p. 40).

Essa ideia que Krenak traz sobre os tempos imaginários criados pelo mundo ocidental fala da incapacidade de viver conforme a vida natural nos ensina, como o tempo da luz e da escuridão, dos afazeres que necessitam da luminosidade do Sol, e do descanso proporcionado pelo guiamento e obscuridade da Lua. O que a ocidentalidade produz é a extensão ao máximo da vida para o trabalho, para o *des*envolvimento. Ele completa: “penso que o tempo é como que um amigo que caminha junto comigo. Por isso ele não me persegue” (KRENAK, 2023, p. 53).

Bispo e Krenak, duas lideranças de povos meridionais, nos fazem refletir que para esse modelo de sociedade afã desenvolvimentista desconecta ou pouco promove o envolvimento. A vida acaba sendo guiada por um relógio que desconsidera a natureza e, por isso adoece. O tempo ocidental desconsidera o tempo cósmico, o tempo da espiritualidade e nos atropela em inúmeros cenários.

Podemos pensar nos modos agrícolas de produção de alimentos. Os espaços de plantio (a exemplo do Brasil) eram feitos de maneira que hoje é entendida como agroecológica a partir da agricultura familiar, por pessoas envolvidas em todos os

processos da plantação. Hoje, ainda que a maior parte dos alimentos produzidos para consumo interno do país sejam oriundos de agricultura familiar, a monocultura ligada ao agronegócio e ao comércio exterior ocupa grandes extensões territoriais, avançando sobre biomas cada vez mais vulneráveis. Além disso, é a forma agricultável mais degradante da natureza, desgastando o solo, contaminando as águas e a terra com os agrotóxicos e mais uma vez não respeitando o tempo de regeneração natural do meio ambiente.

O suposto desenvolvimento que chegou no campo, faz com que as famílias sejam expulsas de seus territórios, gerando de certa forma um apagamento de saberes e práticas tecnológicas culturais dos povos do campo, das florestas, das beiras de rio ou dos quilombos. Criam a impossibilidade de envolvimento com a terra. Nesse sentido, a posse e permanência de povos tradicionais em suas terras é algo fundamental e fundante das práticas ancestrais e da perpetuação de conhecimentos passados de geração em geração.

> Como povos nativos, já ensinamos muito ao colonizador e continuamos a fazê-lo cada vez que alguém de fora chega à aldeia em busca de conhecimento sobre determinado assunto. Contudo, o que estão fazendo com esses saberes? Nosso território do saber é sagrado, mas nem sempre é respeitado; essa violação prejudica a continuidade da chama da memória. Deixar que o outro entre e imponha sua cultura, seus valores, é permitir que o território do saber desapareça; primeiro dentro da alma e depois concretamente, no lugar. Permitir essa violação é aceitar a extinção da cultura indígena. Então, como falar de um espaço plural, aquele onde prima a igualdade entre todos? (KAMBEBA, 2020, p. 35)

Povos indígenas, assim como africanos tiveram e tem até hoje seus saberes traficados, tendo em vista que a prática desses saberes preserva a memória cultural desses povos. A xenofilia, ou seja, a empatia que os povos tradicionais tiveram com os estrangeiros ocidentais não pode ser considerada uma abertura para a violação de seus direitos e de suas terras, pelo contrário, seria, e ainda é, uma forma de educação da pluralidade de culturas, de seres e de filosofias existenciais. O ideal é que cada povo possa e possa aprender com o outro.

A proposta dessa pesquisa perpassa por nos oportunizarmos a resgatar tecnologias, ciências e saberes que nos foram roubadas por um projeto violento de colonização e imposição do modo de vida capitalista. Nossa apreciação pelos processos está atravessada pela pressa e a sensação de falta de tempo. A natureza produz equilíbrio e cura através de suas folhas, raízes e cascas. Ela está se voltando contra nós, o que na verdade são as consequências das mudanças climáticas causadas por esse mesmo sistema financeiro e modo de vida ocidental.

Retomando a proposição de refletir sobre a produção de remédios através das folhas, necessitamos de outro referencial de entendimento sobre o tempo, que ao ser considerado lento é colocado em uma cosmopercepção[20] ocidentalizada. A concepção de tempo para um tratamento com as folhas é relativa. Um caso de tristeza pode ser resolvido através das ervas com um banho de folhas, que pode ser feito uma única vez ou ter que ser repetido por 3, 7 ou mais dias. Já um resfriado, ao ser tratado com remédios industrializados, pode aliviar os sintomas em poucas horas após a ingestão do comprimido, enquanto um lambedor (xarope) de ervas pode começar a fazer efeito apenas depois de 24 horas do início do tratamento. O ponto central é entender que existem possibilidades de cura, e que nem sempre essa relação com o tempo é imediatista.

Se pensarmos em toda a contribuição histórica, cosmogônica, carregadas e trazidas pelos africanos que chegaram em massa durante séculos no período de escravização no território brasileiro, é possível traçar uma ideia de que a busca ou a incorporação das práticas de cura através das tecnologias ancestrais podem ser entendidas como um dos caminhos reunidos no conceito de afrocentricidade (ASANTE, 2016).

Este conceito, sistematizado e teorizado por Molefi Kete Asante, designa uma perspectiva epistemológica de defesa e reposicionamento dos elementos culturais africanos. Nesse sentido, os saberes africanos, como a ciência baseada nas folhas, foram ignorados e tratados como elementos suspeitos ou resultado de algo diferente do que os povos ocidentais europeus praticavam e entendiam como ciência.

Para as sociedades ocidentais, a ciência tem sua origem na Grécia a partir das reflexões filosóficas e excluem a possibilidade de uma outra produção científica fora do eixo Europa - América do Norte. Para além disso, a ciência ocidental é pautada em ideias binárias (racional x irracional, civilizado x selvagem). Este *modus operandi* do eurocentrismo pautou os racismos científicos, os quais no Brasil tiveram grande impacto nas elaborações sobre negros e negras ao longo dos séculos XIX e no início do século XX.

O eurocentrismo negou a capacidade de povos africanos serem produtores de ciência a partir de seus conhecimentos. Essa falsa superioridade levou os países colonizadores a desenvolverem uma forma política de Estado baseada no extermínio e

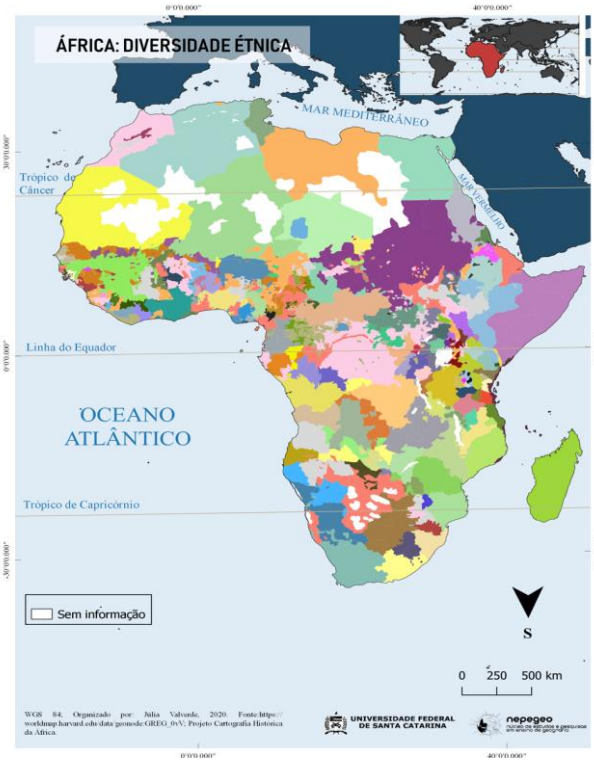
20 Cosmopercepção é um conceito de Oyèrónkẹ Oyěwùmí, nigeriana e pesquisadora sobre discursos de gênero ocidentais para construção de sentido africano. O conceito de cosmopercepção" tem como objetivo descolonizar o termo usual "cosmovisão" inicialmente usado na filosofia por Kant.

dominação de qualquer outra civilização que não se baseasse em um modelo europeu, monoteísta e cristão. A partir disso, se estabeleceu através da colonização, uma ideia “universal” sobre o que é ser civilizado, o que é religião, o que é núcleo familiar e o que é educação. Esta perspectiva possui, como princípios, valores éticos e morais como o espelho de sua própria civilização (europeia), subjugando outras perspectivas.

A educação ocidental, em sua grande maioria está atrelada à escolarização, ou seja, a saberes transmitidos no ambiente escolar, que por sua vez se materializam em construções de espaços separados por paredes, onde os alunos são agrupados por idade e série. Ainda que em escolas mais progressistas se tente desvirtuar esse formato, a escola é onde os indivíduos ocidentais se educam e são avaliados. Marcia Kambeba, professora, escritora e poetisa, em seu livro “Saberes da floresta” traz a seguinte visão de educação para os indígenas de sua etnia:

> A aldeia em si é uma grande escola, um laboratório a céu aberto. Mas, para aprender, precisamos nos despir de nossos conceitos prévios (preconceitos) e de nossas certezas, além de nos permitir aprender algo novo a partir do zero. Ao entrar numa aldeia, é importante que o(a) professor(a) de fora, da cidade, entenda que está num universo de aprendizagem diferente do seu, com crenças e costumes que o distinguem e, por isso, merecem respeito (KAMBEBA, 2020, p 35).

Visto isso, a busca por defender os saberes científicos africanos é para a afrocentricidade colocar África no centro; como sua própria referência de saberes e práticas. Por África ser um continente multiétnico, devemos pluriversalizar esses saberes. O ocidente tende a nomear de forma generalizada e universalizar o outro. Temos como exemplo a própria nomeação de “negros africanos”.



Fonte: NEPEGEO

Figura 8: Mapa Ocidental dos Grupos Étnicos da África

Contudo, as pessoas em África são diversas, com seus povos e dentro deles a complexa composição de etnias, cerca de 492, como: Etnia Hamer, região da Etiópia e o grupo Ngoni localizados na África Subsaariana (AVENTURA DA HISTÓRIA, 2019).

Nego Bispo (2019, p. 27) nos complementa essa reflexão quando diferencia os saberes entre sintéticos e orgânicos. Para o mestre quilombola, o saber sintético é o ter, o conhecimento que se adquire sozinho, chancelado através de certificados e diplomas acadêmicos e que precisa do reconhecimento da ciência ocidental para ser validado e que se relaciona com a comercialização dos saberes tradicionais, transformando-os em produtos na lógica capitalista. Já os saberes orgânicos são os saberes vivos e vividos por uma pessoa dentro ou referenciando uma comunidade, o conhecimento que é passado de geração em geração e que tem como fundamento para sua certificação a prática e o viver.

Tenho como lembrança da minha infância que todas as vezes que eu ficava resfriada minha mãe me dava para beber uma infusão de limão, mel e alho. A feitura ainda tinha uma etapa mística envolvida: ela cortava o limão em quatro partes e descartava uma delas. Segundo minha mãe, só assim a infusão faria efeito. Depois, adicionava o alho e adoçava com mel. A posologia era três vezes ao dia, uma xícara

em temperatura morna. Nesse rito de descartar uma das partes ela fazia algo muito interessante que é compor saberes. Ao mesmo tempo é sabido sobre as composições químicas dos ingredientes são benéficos para gripe, ela conflui com uma prática mística de deixar apenas 3 partes do limão e não 4. Sendo 3 um dos números muito usado nos rituais magísticos (1, 3 e 7).

Era assim que os resfriados e gripes eram tratados, com receita da minha mãe, que aprendeu com minha avó, mas também era feita na casa de outras famílias. Não conheço quem inventou essa combinação, nem minhas antepassadas, mas sabemos que funciona. Um saber orgânico, passado de geração em geração. Hoje o saber sintético pode até explicar quimicamente como esses ingredientes são eficazes no tratamento viral da gripe, mas há muitos anos, e de forma natural/orgânica, gerações já sabiam que essa receita promove cura. É a forma orgânica e oral de promover saúde e transmitir saberes.

Os saberes passados a partir da tradição oral são segundo Nei Lopes:

> […] a tradição oral é ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência, aprendizado de ofício, história, divertimento e recreação. Baseada na prática e na experiência, ela se relaciona à totalidade do ser humano (LOPES, 2020, p. 41).

A oralidade então pode ser um agente da ciência oriunda dos saberes, e da tecnologia. Neste sentido, digo que com as entidades encantadas que me guiam são (re)produzidas tecnologias ancestrais, através dos seus saberes. O uso da palavra tecnologia foi inicialmente escolhido como um provocativo, uma vez que o entendimento no “senso comum” (baseado na lógica ocidental europeia e branca) de tecnológico é estar sempre ligado a futuro e ao novo em uma perspectiva linear sobre o tempo.

O que poderia ser visto como um paradoxo entre tecnologia e ancestralidade, nesse trabalho, ganha protagonismo e sentido baseado nos saberes que circulam no tempo que vem de longe, de muitos anos atrás, que se tornam práticas nos dias atuais. Dessa forma, saberes ancestrais produzem tecnologias ancestrais de cura, cuidado e equilíbrio.

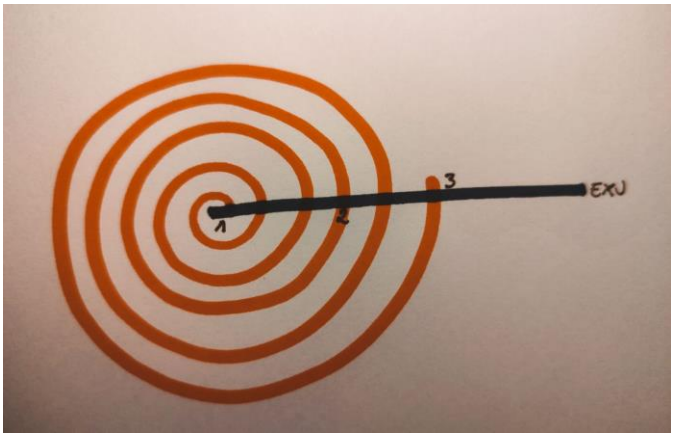
Partindo de filosofias africanas para balizar essa compreensão, entende-se que o futuro não está nunca desligado do passado, como já diz o ditado do povo iorubá: “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”. Nessa cosmopercepção, passado e presente se articulam em um mesmo espaço-tempo e suas tecnologias são hoje atualizações constantes do que foi feito e descoberto anteriormente. O presente é também o passado em ação.

O entendimento de “início meio e fim” sustenta o pensamento ocidental e que pode se refletir na significação de tecnologia. A ideia de “início, meio e início”, novamente um conceito contra-colonial que nos é apresentado pelo mestre quilombola Nego Bispo, nos faz compreender que não há um fim que encerra e castra o que veio antes, mas uma perspectiva circular baseada em ciclos que não pressupõe repetições de eventos, comportamentos ou práticas, mas de renovação. Dessa forma, tecnologias ancestrais são algo que acontece no momento presente, mas possui sustentação no passado, atuando no presente e possivelmente com efeitos no futuro.

Quando minha mãe escolheu curar minha gripe com uma receita a base de elementos naturais que foi aprendida com minha avó, ela fez com que essa tecnologia de cura supostamente “do passado” me curasse no presente para que eu, adulta, a usasse no futuro. O tempo passou e eu, no meu estado presente, ainda utilizo e usarei essa tecnologia ancestral nas gerações próximas.

Logo, ao falar de tecnologia ancestral, traço uma disputa no entendimento de tempo entre a ocidentalidade e as afroperspectivas: tempo linear (ocidental) com uma certa irreversibilidade, sucessivo e acumulativo, e o tempo espiralar (africano e afrodiaspórico) atravessado por movimentos onde o passado, ou o que veio anteriormente, está vivo no presente. Pode ser pensado também como um tempo atravessado por movimentos que se dilatam permeando, desaguando e misturando: passado, por presente e futuro, como discute Leda Maria Martins (2021).

Ao cruzar a reflexão de Leda com o modo exuniano onde “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje” tem-se como resultado um tempo onde os outros tempos (passado, presente e futuro) se atravessam, logo estamos falando também em “início, meio e início” como as palavras Nego Bispo. O início para ele está presente tanto no ontem quanto no amanhã.



Fonte: Ilustração da autora

Figura 9: Espiral do tempo

Acima é ilustrado a espiral é o tempo sugerido por Leda, Exu lança sua pedra no hoje (número 3) que Bispo chama de início, enquanto o pássaro e a pedra estão localizados no número 1, outro início para Bispo, mas é o ontem de Exu, onde a pedra alcança o pássaro. E que para a espiral tanto o 1 quando o 3 podem ser inícios que envolvem e criam o meio de Nego Bispo (número 2). Os tempos então se cruzam, porque não há nada que não tenha sido parte de outros tempos.

Desse modo, evidenciam-se as afroperspectivas no que tange a necessidade de se por o protagonismo preto/a enquanto epistemologia de base ancestral negra, referendado pelas relações étnico-raciais na promoção da saúde, da cultura, e do resgate de saberes africanos para a diáspora. Nossos saberes sofreram epistemicídio por consequência do pensamento racista e linear do tempo. Há, certamente, vários mecanismos e instrumentos que podem levar ao genocídio (NASCIMENTO, 1978) de culturas subalternizadas pela ação do racismo:

> Não é exagero afirmar-se que desde os inícios da colonização, as culturas africanas, chegadas nos navios negreiros, foram mantidas num verdadeiro estado de sítio. Há um indiscutível caráter mais ou menos violento nas formas, às vezes sutis, da agressão espiritual a que era submetida a população africana, a começar pelo batismo ao qual o escravo estava sujeito nos portos africanos de embarque ou nos portos brasileiros de desembarque. As pressões culturais da sociedade dominante, embora seus propósitos e esforços, não conseguiram, entretanto, suprimir a herança espiritual do escravo (NASCIMENTO, 1978, p. 101).

Partindo desse pressuposto, essa epistemologia negra ancestral é fruto do acúmulo histórico, espacial e territorial de estratégias de subversão da lógica da branquitude atrelada ao processo de desafricanização a partir do epistemicídio. Para Sueli Carneiro, esse entendimento ajuda a pensar a desqualificação de saberes, práticas e cosmologias negras:

> Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento 'legítimo' ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Durante séculos de escravidão e da expropriação dos diversos povos africanos de sua terra, não foi possível apagar valores e cosmopercepções sobre a vida desses corpos-territórios. A diáspora africana mobilizou os africanos a estrategicamente traçarem modos de sobreviver mantendo vivo os saberes tradicionais de seus povos e quebrando o monopólio do saber ocidental.

1.3 - Perspectiva sobre saúde enquanto equilíbrio e cuidado

Partindo dessas reflexões, essa pesquisa seguirá o fluxo do rio, margeando a importância para os povos africanos e afrodiaspóricos a dimensão da saúde através do cuidado versando também com a noção de equilíbrio do corpo físico e espiritual através do cuidado pelas ervas para a obtenção de cura de algum desequilíbrio ou doença física. Para isso, trago para a travessia perspectivas culturais, religiosas, de estudos etnobotânicos e da medicina herbal alcalina.

Ao iniciar a pesquisa sobre saúde, evito recorrer a uma relação direta e restrita entre saúde e doença, com o intuito de não definir a saúde como a ausência de doença, o que é perfeitamente viável se abandonarmos o conceito universalizado por instituições internacionais e ocidentais como a Organização Mundial de Saúde (OMS). Trago aqui a saúde dentro da perspectiva do cuidado.

A noção de saúde dentro dos povos africanos, em destaque os iorubanos, é diferente das noções hegemônicas ocidentais. No Ocidente, estar saudável ou ter saúde é compreendido principalmente em termos do corpo físico e, mais recentemente, do campo emocional. Se uma pessoa apresenta exames laboratoriais onde todos os índices testados estão dentro dos parâmetros médicos, ela pode ser considerada saudável. Esse tipo de diagnóstico ignora a complexidade da vida humana, uma vez que o corpo é mais do que apenas matéria; é uma integração de corpo, mente e espírito.

Na pesquisa que Jagun (2019) faz sobre saúde, ele define pela visão iorubá o que seriam as bases fundamentais sobre saúde:

> Pela ótica oriental, interessa-nos a percepção do iorubá sobre a doença. Esse possui um conceito não ocidentalizado de saúde. Para ele, saúde é uma triangulação equilibrada entre corpo, mente e emoção. Os fatores que levam ao estado de saúde são: a) escolhas feitas antes do nascimento e durante a vida; b) fatores ligados à ancestralidade e c) equilíbrio ou desequilíbrio energético (DE JAGUN, 2019, p. 104).

Sendo assim, dentro da concepção iorubana, para afirmar que uma pessoa tem saúde é preciso olhar para sua composição. É preciso antes de tudo equilíbrio do espírito. De Jagun (2019) diz que na visão iorubana, quando estamos equilibrados, ficamos positivos e em sintonia com o axé[21]. Digo que saúde espiritual é ter um orí positivo e alinhado com nosso propósito de vida (odú) aquele que escolhemos antes mesmo de nascermos com o corpo material, ou seja, chegar ao aye.

21 Axé pode ser entendido com força vital.

1.3.1 – Orí Ode , Orí Inú e Ìpòrí e seus cuidados

Nosso (ou nossa) Orí é parte fundamental para obtenção e manutenção de saúde. Na cultura iorubá, Orí é a nossa cabeça, vista como uma divindade. Há também a divisão entre Orí externo e interno, o que se chama de Orí odé é a cabeça enquanto matéria, aquela que recebe os elementos físicos dos rituais. Exemplificando, pode-se dizer que é o assentamento do Orí inú, aquele que é a energia, a cabeça divindade, o orixá ou a divindade pessoal de cada um, que mora ou se assenta no Orí odé. Ele e único e guarda as regências do Odú, caminho, de cada um de nós.

Nesse sentido, é importante que tenhamos escolhas que sejam consoantes ao nosso odú e que respeite nosso Orí inú, para que não haja conflito entre a escolha e o destino. A conciliação da nossa essência, com nossa forma de caminhar, é também uma forma de se manter em ligação positiva e equilibrada com os ancestrais.

De toda forma cabe ressaltar que apesar dessa divindade Orí estar dividida em duas partes, não se trata de uma divisão seccional, numa perspectiva eurocêntrica. A chave para a compreensão é vê-la como uma divindade que habita em corpo divino. Logo Orí inú não se separa, mas sim habita e se encontra com Orí odé durante toda a existência material da pessoa, permanecendo juntos até o momento da morte do corpo físico. O que configura uma relação entre os Orís de elo, e não de separação.

Nessa passagem do Orum para o Aye, ou seja, da vida terrena para vida exclusivamente espiritual, esse Orí divino e material (Orí ode) se despede de Orí inú e do *Ìpòrí*, que pode ser entendido como os registros das experiências terrenas, bem como as heranças ancestrais. Logo, esse elemento etéreo chamado *Ìpòrí*, deve ser acessado sempre que necessário na passagem terrena como forma de, por exemplo, superar traumas e heranças que podem ser nocivas a pessoa e aos seus descendentes. Bem como acessar potencialidades carregadas e arquivadas de geração em geração (DE JAGUN, 2015).

Na cultura iorubá, o afastamento da comunidade, ou da sua própria ancestralidade e herança pode gerar doenças físicas e espirituais. Manter-se conectado e reverenciando os antepassados e as tradições é uma forma de cuidado consigo e com os ancestrais.

Bori é um dos cuidados que podem ser feitos para a obtenção da saúde do espírito evitando inclusive desequilíbrios e doenças no corpo físico. A palavra Borí designa o ato de dar comida à cabeça de alguém. Por extensão, significa ainda o procedimento ritual que engloba e regula esse ato. Um Borí alimenta a cabeça,

concebida como algo à parte, distinta do corpo, especial e sagrada (VOGEL, Arno et al. 2001).

Sendo o Orí uma divindade individual a ser cultuada por cada um, respeitada e sacralizada em rituais, ao qual é entendida como uma parte do corpo que deve ser reverenciada de forma específica, o Borí é esse ritual que ao mesmo tempo é iniciático, sendo praticado na feitura de santo nas religiões de matrizes africanas, mas também pode ser feito em pessoas que não querem se vincular a uma casa. São chamados clientes, pessoas que optam por cuidar da cabeça, motivadas muitas vezes por momentos de dificuldades e desequilíbrios energéticos ou, até mesmo, com o objetivo de se tornarem mais fortes para enfrentar doenças físicas.

Cuidar do Orí através do ritual Borí é a forma de manter-se positivo a fim de seguir a vida rumo ao destino escolhido por nós mesmos. É importante ter uma jornada no Aye de forma mais harmoniosa, aliado a uma boa conduta, virtudes e princípios morais aprendidos na filosofia africana iorubana ou encontrada nos terreiros das casas de axé.

Um Orí desequilibrado, por exemplo, não está se conectando com seu próprio destino. Isso pode gerar, inclusive, problemas relacionados ao corpo físico e emocional. Para esses casos, a religião de matriz africana candomblé possui não só o Borí mas vários outros rituais próprios, usando os elementos tecnológicos e saberes ancestrais de cura, para a obtenção de saúde através do reequilíbrio de Orí, mas também das outras partes que compõem a pessoa.

Na cultura iorubana, o espírito da pessoa é composta por quatro partes: emi, ori, orixá e okan. O Emí é o sopro de vida que cada pessoa recebe do criador, sendo para os iorubás Olorum. Orí, que já foi descrito, como a cabeça como divindade. O orixá é a energia que cada pessoa descende. E o okan é o coração, onde residem nossos sentimentos e po onde nossas escolhas diárias e de vida devem passar. Há um dito popular, ligado às sociedades africanas, que é colocar a cabeça no lugar do coração. O que demonstra importância que deve ser dada a Okan (DE JAGUN, 2015).

Há um proverbio iorubano que diz: “A cabeça de uma pessoa faz dela um rei”. Esse ditado faz pensar em como nossa cabeça pode nos colocar para bons caminhos ou não. Levando a cultura iorubana em consideração, a cabeça é também onde cultivamos o sentir, que está ligado ao coração. Logo uma cabeça não pensa sozinha, ela pensa com o coração, e juntos nos auxiliam. Auxilia nosso caminhar e nossas escolhas, sobre o que pensamos, sentimos acolhemos e nutrimos diariamente sobre os alimentos para o corpo físico,aquilo que poderá nos fazer bem ou mal.

Mais do que sobre caminhos, nossa cabeça (Orí) aliada ao coração (Okan) nos conduz a uma boa vida coletiva e em comunidade, a olhar e sentir o outro, a criar relações com as pessoas, ou a nos afastar delas, mas principalmente a convivermos com nós mesmos. Essa aliança plena e equilibrada pode criar caminhos de harmonização entre corpo e espírito no aye.

Ainda sobre boas escolhas devemos ampliar o olhar sobre o que é saúde. Anin Urasse, no prefácio do livro “Medicina Herbal Alcalina” de Aqiyl Aniys, diz que Alfred Darrington Bowman, mais conhecido como Dr. Sebi, foi um dos maiores disseminadores de uma perspectiva africana de saúde da segunda metade do século XX. Nascido em Honduras, Sebi é considerado um importante herbalista, médico tradicional e curador. Segundo Urasse (ANIYS, 2022), essa visão de saúde que ele traz relaciona o uso medicinal das ervas para uma alimentação que torne o ph do corpo mais alcalino, o que preveniria uma série de doenças do corpo físico. Esse desequilíbrio da saúde está diretamente ligado à matéria.

Pode-se também fazer alguns apontamentos que ligam o desequilíbrio emocional e espiritual às doenças físicas. Uma pessoa que tem uma filosofia de vida pautada em valores afro religiosos sabe que o cuidado com a espiritualidade é essencial para a manutenção da vida e da saúde, caso esse cuidado não seja feito pode acarretar desequilíbrios emocionais, como irritabilidade, inércia, tristeza, que podem levar a doenças físicas e mentais. Um exemplo é a hipertensão.

Para os Guaranis, por exemplo, a saúde antes de qualquer outro lugar vem da dimensão espiritual, sendo o espírito o que constitui o ser. Segundo Jaciara Augusto Martim, pessoa guarani, professora e líder indígena, um dos ensinamentos mais importantes passados pelos mais velhos é que a convivência com a comunidade e o bem-estar trazem paz ao espírito. E ela completa: “Saúde é mais do que a ausência da doença, é estar bem, ser feliz. Acho que esse é um dos ensinamentos mais importantes que os Xeramõis, mais velhos, passam para a gente” (MARTIM, 2023, p. 253). E completa que a casa de reza, a Opy’i é onde todos aprendem e cuidam da saúde.

Podemos fazer uma ligação com as casas de axé e terreiros afro-brasileiros, que para muito além do espaço de rituais, culto aos ancestrais e rezas são inicialmente um espaço para promoção da saúde através do cuidado com a espiritualidade. As mães e pais de santo acabam por ser os orientadores sobre qual cuidado deve ser feito para a promoção da saúde, ou seja, do bem-estar do espírito e do ser. São acessados então recursos, saberes, bases filosóficas e cosmológicas para

obter, fortalecer e garantir saúde.

> A liturgia dos Candomblés relacionada ao emprego dos vegetais é bastante diversificada e complexa, estreitamente ligada ao panteão das divindades afro-brasileiras cultuadas, às quais pertencem as ervas e nelas está depositado o axé (força vitalizadora das divindades). Desse modo, as plantas são empregadas em defumações, beberagens ritualísticas, em preparados especiais com fins específicos como o amaci, ariaché, bori e em banhos. Destacamos os banhos de descarrego, empregados para eliminar fluidos pesados, onde há uma certa variedade de plantas que são utilizadas; as benzeduras para afastar o mau-olhado ou quebranto; os banhos de cheiro empregados para manter a felicidade e afastar as forças negativas e após o período de reclusão dos iniciados no candomblé (ARAÚJO, 1973, p. 193).

Com o auxílio dos elementos divinatórios, como o jogo de búzios, pode ser feita a prescrição de ritos de cuidado e cura, além da conexão espiritual com a ancestralidade desenvolvida na formação das mães e pais de santo que desenvolvem a capacidade de intuírem recados e mensagens do mundo invisível.

Historicamente, esse papel também era dos curandeiros que chegando às Américas eram procurados para diagnosticar e receitar tratamentos para cuidado do corpo espiritual e físico. Ou que podiam até mesmo indicar a procura de um médico da ocidentalidade em casos relacionados a doenças físicas mais complexas.

Essa capacidade é desenvolvida ao longo dos anos pelos zeladores dos santos, mas pode também ser aprendida, em parte, por qualquer um de nós. A promoção da saúde na dimensão do cuidado é feita pela capacidade que todo ser vivo tem de se perceber e sentir o que seu próprio corpo vibra e, em alguma medida, necessita. Uma galinha ao saber que está prestes a morrer se isola das outras e espera a chegada desse momento. Um cachorro, ao sentir medo, se aproxima do seu dono busca de proteção e para sentir segurança. Cada animal tem a capacidade de lidar com seus sentimentos e energias, e nós também como grupo animal desse planeta podemos ser cuidadores de nós mesmos.

Não penso em um cuidado solitário, compreendo que não estamos sozinhos. Um banho de ervas, um chá, um lambedor ao ser feito só é possível graças ao compartilhamento de saberes, evocações que partem de um outro ser, estando ele no mundo visível ou invisível. Os guaranis mais velhos, xeramõi, ensinam que: “Nhanderu não te colocou no mundo para viver sozinho” (MARTIM, 2023). Todo conhecimento, incluindo os que promovem saúde vem de algum lugar, de alguma cultura, logo é repleto de energia e não deve ser entendido como resultado de um ato individual.

Na cosmogonia africana, saúde e equilíbrio andam juntos. Saúde é então uma forma de manter o corpo equilibrado. A sacerdotisa, mãe de santo e referência de cuidados espirituais e saberes Maria Stella de Azevedo Santos ou Mãe Stella de Oxossi (bença) em seu livro: “O que as folhas cantam (para quem canta as folhas)”, conceitua equilíbrio na concepção afro religiosa de descendência iorubana:

> O equilíbrio é uma Lei Universal porque se aplica a tudo na vida, regulando e orientando as decisões. O Princípio do Equilíbrio mostra que todas as partes de um todo devem ter a mesma atenção e dedicação, a fim de que uma ou mais partes, quando negligenciadas, não afetem o sistema inteiro. Uma cabeça equilibrada, em harmonia, com suas forças opostas bem aproximadas gera estabilidade mental e emocional (SANTOS, p. 80, 81).

Tenho interesse então em pensar as diversas formas onde o equilíbrio acontece, nas escolhas diárias de buscar a manutenção do bom funcionamento do corpo, da mente e do espírito. Elas são importantes para o alcance da saúde. Ao acordar, fazer uma boa alimentação com comida proveniente da terra e o menos processada possível é uma escolha consciente de cuidado com o corpo promovendo saúde. Visitar o mar e se banhar com água salgada, sendo entendida em algumas culturas como a própria orixá Iemanjá, é também uma forma de limpeza feita pelo sal no corpo energético e de harmonização.

Toda escolha consciente é possível por conta do que chamamos de livre arbítrio, que é a possibilidade que todos temos de tomar decisões. Ainda que na cultura iorubá nossa vida seja regida pelo nosso Odú, destino, temos autonomia de mudar nossa trajetória, o que possibilita que cheguemos ao nosso destino com mais facilidade ou não, bem como não chegar ao que foi proposto antes do nascimento. As escolhas que fazemos podem nos levar a uma vida mais equilibrada ou não, o que consequentemente leva a uma vida saudável e equilibrada ou em desequilíbrio.

Cabe ressaltar, que nenhuma escolha é de todo correta ou errada. Essa dualidade é algo mutável e depende de muitas variáveis. Um banho de limpeza energética pode ajudar um corpo e espírito carregado de energias negativas, mas em excesso pose ser destrutivo. A energia de limpeza pode fazer o bem ou o mal a esse corpo, o que vai depender por exemplo da quantidade de banho, a frequência e o tempo entre um banho e outro por exemplo. Assim, uma limpeza pode ser uma escolha acertada e provedora de equilíbrio ou não, logo errônea.

De acordo com Aqiyn Aniys é possível ver a relação de equilíbrio em diversas escalas. Os microrganismos, como as bactérias que podem ser consideradas "boas" ou "más", o que vai depender de como elas se desenvolvem. Esse equilíbrio

microbiano é determinado pela ordem inteligente dentro do ecossistema da Terra e do universo que se estende aos nossos corpos, sendo que essa ordem possui um equilíbrio positivo e negativo, ou de opostos fundamentais, desde o átomo até estruturas menores que ele (ANIYS, 2022).

Portanto, a ideia de positivo e negativo também pode ser comparada com a relação entre equilíbrio e desequilíbrio. As religiões de matriz africana fazem bastante uso desses conceitos nas suas práticas e filosofias. Os povos de terreiro aprendem que uma das principais lições do pensamento africano é que o equilíbrio vem a partir da convivência harmoniosa entre todos os seres vivos ou que habitam o planeta, desde os micro-organismos, as plantas, os animais, as rochas, os rios, as geleiras.

Se algum desses sistemas estiverem em desordem ou desequilíbrio afetará consequentemente o outro. É pensar a vida em um contexto de conexão e elos, em uma caminhada coletiva e circular que pode ser vivida da melhor ou pior forma, a depender de como reacionamos ou equilibramos as energias internas e externas a nós.

O professor Nei Lopes em seu livro “Ifá Lucumi: O resgate da tradição” fala de como a noção de equilíbrio deve ser interpretada, ele diz:

> O Universo é vivenciado e compreendido como um processo dinâmico em que forças se atraem e se repelem, se equilibram e desequilibram. Segundo essa cosmovisão, o equilíbrio não configura uma harmonia estática, mas uma situação de constante movimento, de união e oposição, o que também ocorre não só na Natureza como também em dimensão sobrenatural, no universo das divindades. (apud ADÉKÒYÀ, 1999, p. 75)

1.4. Cura Ancestral

O orixá que enreda esse capítulo é Omolu, uma divindade que na cultura ioruba se diversifica em Sakpata (sendo um rei em terras do Daomé e Iorubás), Obaluaie e Soppona (POLI, 2011). Considerado na mitologia ioruba o grande médico, aquele que socorre e leva cura em caso de doença, além de estar ligado diretamente à terra, lugar onde se semeia a vida e onde enterramos nosso corpo físico.

Omolu é conhecido também como o orixá ligado à morte, isso por conta dos seus itans onde ele é uma divindade cercado por doenças (peste, varíola, sarampo). Não à toa as feridas se transformam em flor (pipocas) no itan que inicia esse capítulo. Todavia, é interessante o olhar não binário desse orixá, uma vez que, ao mesmo

tempo que Omolu é um paciente, também é médico e leva a cura. É esse mesmo orixá que cura Logun Edé, filho de Oxum com Oxóssi, segundo o itan abaixo:

> *Oxossi grande caçador entrou na mata com seu filho, Logunedé, ensinando-lhe a arte de caçar e manejar o arco e a flecha. Após inúmeras caçadas, Logunedé sentou-se embaixo de uma árvore para descansar. Nessa árvore pousou um pássaro e ODÉ preparou sua arma e atirou. Acertou em cheio pássaro e, também, uma colmeia de abelhas.*
> *Elas foram cair justamente sobre a cabeça de Logunede, que sem ter como se defender foi picado. ODÉ vendo o desespero do filho correu a acudi-lo, sendo mordidas várias vezes. Conseguindo fugir, deitou seu filho em folhas frescas e, sem saber o que fazer pôs-se a chorar. Eis que o Orixá Omolú vendo aquilo, parou e apiedou-se do estado de Logunedé, pois, a criança estava morrendo. Omolú tirou de sua cabaça água de cana e gengibre, pilou e aplicou sobre os ferimentos, aliviando as dores. Após isto, fez o mesmo com ODÉ, curando-o completamente.*
> *ODÉ então lhe disse: Senhor dos aflitos ponho o meu reino a seus pés e toda a minha caça que daqui por diante eu conseguir, comeremos juntos. Omolú agradeceu e seguiu seu caminho*[22]*.*

Os elementos mais significantes para Omolu são o xaxará, que é feito por palhas de dendezeiro, palha da costa e enfeitada de búzios, traduzindo a imponência do “Rei da Terra” é sua ferramenta de cura. A cabaça é onde são guardados seus remédios curativos e as próprias pipocas (deburu) que é ao mesmo tempo resultado da transformação de uma doença em cura e um elemento curativo, já que nos terreiros de candomblé a pipoca é usada nos tratamentos de doenças guiado por Omolu. Sua saudação é “Atoto!”, que se traduz do iorubá para o português em “silêncio”. Ele é celebrado no mês de agosto e toda segunda-feira é dedicada ao orixá.

O trajeto para guiar o conceito de cura geralmente está ligado à doença em uma perspectiva eurocristã monoteísta. De fato, doenças necessitam de um tratamento para serem convertidas, logo serem curadas. Mas aqui esse elemento é mais amplo, doenças podem ser geradas pela falta de auto dengo, autocuidado, uma vez que essas práticas promovem saúde. É pensar também na superação de heranças ancestrais que sejam negativas. Nesse sentido as escolhas e principalmente os cuidados com nossa saúde podem recompor nosso Yporí positivamente.

A cura pode ser vista como um movimento diário. Cada passo que damos em direção ao nosso destino escolhido por nós antes de nascer, pelo nosso Orí. Um lugar de chegada, mas também de caminhada. É um movimento de curar desafios que foram lançados, traumas que foram carregados.

---

22 Quizilas de Santo: mel quizila de Oxossi!. Baiano Juvenal, 05 mar. 2015. Disponível em http://baianojuvenal.blogspot.com/2015/03/quizilas-de-santo-mel-quizila-de-oxossi.html. Acesso em 20 ago. 2024.

Uma possível forma de se obter a cura para uma doença é a ingestão de alimentos saudáveis, como as plantas. Desta forma, a medicina herbal alcalina dá importância aos fito-nutrientes para manter o equilíbrio do corpo físico:

> Quando as pessoas consomem plantas e seus fito nutrientes, seus corpos são capazes de utilizar os compostos orgânicos para reforçar o sistema imunológico. Esses fitonutrientes podem matar células cancerígenas, auxiliar na reparação do DNA, desintoxicar e se acoplar nas toxinas para elimina-las do corpo, aperfeiçoar a comunicação molecular, matar patógenos e agir como antioxidantes para proteger as células radicais livres e do envelhecimento (ANIYS, 2022, p. 24).

A ingestão de plantas é considerada como algo positivo nas sociedades ocidentais a ponto da medicina ocidental considerar este fito nutrientes como algo "cientificamente comprovado". Ou seja, os parâmetros científicos ocidentais são os que calcam e chancelam o que é efetivo e o que não é. No entanto, a cura pela fitoenergia[23] das folhas estão constantemente em um lugar de dúvida ou misticismo.

A etnobotânica Maria Zélia fala, em entrevista no Programa intitulado "Mojuba: Meio ambiente e Saúde", sobre o uso dos vegetais que, a exemplo das folhas medicinais, podem ser associados aos tratamentos convencionais de cura. E, mais do que isso, como são de fato um diferencial no processo terapêutico. Mais uma vez a lógica de agregar dos povos africanos está presente nas práticas do cotidiano. Em sua fala, Zélia ainda ressalta o envolvimento pessoal e emocional como fator importante:

> Se você usa o vegetal no momento mágico simbólico, ele tem certamente além do seu efeito bioquímico, o estímulo do sistema imunológico do indivíduo que está não com ou paciente passivo, mas uma gente da sua própria cura. Ele buscou a sua cura ele participa do seu processo de cura. Acreditando que aquela forma de terapêutica é a forma que reconhece quele acredita dos seus antepassados, dos seus familiares ou que os deuses o mandaram usar. Então isso faz com que ele participe muito mais do seu processo de cura e alguns acompanhamentos e testes imunológicos comprovam que esse paciente tem resultados muito melhores do que aquele que não tem nenhum envolvimento emocional com seu acompanhamento terapêutico (FUTURA, 2015).

Dentro da cultura afro religiosa, é possível recolher relatos de que a cura para doenças foi encontrada através da iniciação de candomblé, isso porque a pessoa estaria afastada da energia do orixá por conta de não levar uma vida pautada nos cuidados espirituais e com isso haveria um afastamento do santo (orixá) o que

23 Fitoenergia é a ideia de que as plantas tem energia vital, com isso elas vibram energias (distintas entre elas).

acarretaria uma doença. Nesse sentido, ao iniciar-se as pessoas voltariam a receber o axé e obteriam cura. A iniciação, logo, seria um ritual de cura (SOUZA, R., 2013).

1.5. Toda mão é mão de magia

Em consonância com o que foi percorrido nesse capítulo, deixo aqui um poema que foi psicografado, ou melhor, soprado aos meus ouvidos pelo meu grande mestre, mentor e médico espiritual, Zé Pelintra do Catimbó. Em abril de 2021, eu e meu amigo e diretor teatral Dieymes Pechincha nos escrevemos para concorrer a um edital da "Muda - Outras Economias" que convocava comunicadores para criar vídeos de até cinco minutos sobre meio ambiente, saúde, cura e agroecologia. Fizemos nossa inscrição no último dia e mandamos o projeto que se intitulava "Toda mão é mão de magia". Eu, que já fui do teatro, já tinha em mente uma performance. Assim, desenvolvemos o roteiro, elaboramos o projeto e o submetemos.

Eram 20 vagas para 500 inscritos e fomos aprovados. Um dia antes da gravação, eu precisava escrever um poema que fazia parte do roteiro, mas nada vinha à mente. Naquele dia acontecia uma gira de malandragem na casa de umbanda que eu tinha, naquela data, completado sete dias de desligamento porque estava entrando para o candomblé. Seu Zé do Catimbó falou para mim: abre uma cerveja e acende um cigarro. Eu abri a geladeira e achei uma lata escondida bem no fundo. Eu tampouco sabia da existência dessa cerveja.

Abri a cerveja, acendi o cigarro, coloquei para ele na minha porteira e ele disse, ao pé do ouvido: "beba e fume. Um gole, um trago". Eu disse em voz alta: "Mestre, eu não posso. Preciso escrever um poema sobre cura, para amanhã". Ele repetiu: "Beba!". Bebi, fumei e instantes depois eu ouvi: "Tecnologias de cura …".

Tecnologias de cura
Talvez não seja a primeira tecnologia que venha a sua cabeça,
Essa que estou falando.
Eu digo sobre Tecnologias Ancestrais de cura.
Aquelas que vem da minha tataravó, bisavó, vó, mãe.
Tecnologia essa que não vem de máquina ou de um tubo de ensaio,
mas das mãos.

Mãos essas que gestam
Mãos que embalam
Mãos que sustentam.
Mãos que fazem comidas, doces.
Mãos que acalantam.
Mãos que junto com ervas produzem remédios.
Produzem cura.
Eu entendo,
que toda mão, é mão de magia.

Seu Zé Pelintra do Catimbó e Aiume Dias

“Toda mão é mão de magia” é um vídeo[24] encantamento sobre a relação entre mãos e ervas e sua capacidade de produzir os remédios para os nossos adoecimentos. A proposta é tratar das tecnologias ancestrais de cura e auto dengo como um caminho de reconexão com a ancestralidade e a natureza.

O video é um chamamento para lançarmos mão de um tempo dedicado a si, um tempo para ritualizar e praticar o auto dengo. Desde a colheita das ervas na mata ou mesmo a compra com erveiros, passando pelo momento de maceração das ervas, um escalda pés, um chá. Tentamos transmitir a ideia de que não há melhor ou pior modo de feitura, sendo na natureza ou dentro casa, o importante é cuidar de si através das tecnologias e saberes ancestrais e que podemos nós mesmos sermos agentes da nossa própria cura.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021

Figura 10: Cortes fotográficos de cena do vídeo “toda mão é mão de magia”

24 Toda mão é mão de magia - Aiume Dias e Dieymes Pechincha. MUDA Outras Economias, 07 jun. 2021. Disponível em https://youtu.be/GwXHXoOEVDI. Acesso em 20 ago. 2024.

Magia nesse trabalho é entendida como a manipulação, mobilização de energias é o direcionamento de forças, a partir de elementos, de sentimentos, intenções (JAGUN, 2024). Quando trato no poema e no vídeo encantamento de mãos de magia, falo da maneira mais ampla possível. Não se trata de magias apenas ligadas às ervas e aos rituais afro religiosos. Nesse sentido, são magias que nos cuidam na integralidade da existência. São muitas as possibilidades de se fazer magia com as mãos, há mãos de ervas, mãos de parir, mãos de rezar, mãos de costurar, mãos de preparar alimentos, mãos de produzir sons, mãos de tocar os corpos e massageá-los, mãos que transformam elementos da natureza em objetos como barcos, casas e roupas.

No livro “Macabeia Flor de Mulungu”, Conceição Evaristo (2024) retrata a personagem principal como alguém que tinha mãos para muitas coisas. Macabeia, tinha mãos para costura, era cerzideira “tratava-se de recompor, de devolver a vida que ali existiu”. Mãos para partos “amparando crianças que escorregavam livremente do ventre materno”. E tinha mãos para mexer com ervas e com elas fazer chás e garrafadas “Macabeia herdara de seus antecedentes. Os povos das florestas e aqueles que tinham chegado, banhados da água salgada do mar, mantinham uma vital intimidade com as plantas.”

As mãos são facilitadoras das muitas magias. Diop conduz um caminho de olharmos com um sentido de elo nas civilizações do meridiano. Isso nos ajuda a entender como os processos de cura são muito mais do que o reverter de uma doença. Mas olhar integralmente a pessoa, pensamento presente fortemente na cultura iorubana e que leva a busca pelo equilíbrio do corpo, mente e espírito, além de todas as partes da vida da pessoa, como fala Mãe Stella de Oxossi.

É com essa compreensão, que retomo a metáfora que iniciou esse capítulo. Acredito que o debate acerca dos conceitos trabalhados tenha significado a preparação do solo para o plantio das ervas que serão cuidadas e encantadas logo à frente.

A saúde que tanto se busca é a prática do dengamento, do cuidado e da atenção com todas as nossas partes, e é através das folhas que serão cultivadas no próximo capítulo que faremos magia e cura, a partir de seus encantamentos.

***

2. Ervas, Folhas, Saberes Ancestrais e suas Tecnologias (Ossain)

Ossain, filho de Nanã e irmão de Oxumarê, Euá e Obaluayê, é o senhor das folhas, da ciência e das ervas, o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida. Todos os orixás recorriam a Ossain para curar qualquer moléstia, qualquer mal do corpo. Todos dependiam de Ossain na luta contra a doença. Todos iam à casa de Ossain oferecer seus sacrifícios. Em troca Ossain lhes dava preparados mágicos: banhos, chás, infusões, pomadas, abô, beberagens. Curava as dores, as feridas, os sangramentos; as disenterias, os inchaços e fraturas; curava as pestes, febres, órgãos corrompidos; limpava a pele purulenta e o sangue pisado; livrava o corpo de todos os males.

Um dia Xangô, que era o Orixá da justiça, julgou que todos os Orixás deveriam compartilhar o poder de Ossain, conhecendo o segredo das ervas e o dom da cura. Xangô sentenciou que Ossain dividisse suas folhas com os outros Orixás. Mas Ossain negou-se a dividir suas folhas com os outros Orixás. Xangô então ordenou que Iansã soltasse o vento e trouxesse ao seu palácio todas as folhas das matas de Ossain para que fossem distribuídas aos Orixás. Iansã fez o que Xangô determinara. Gerou um furacão que derrubou as folhas das plantas e as arrastou pelo ar em direção ao palácio de Xangô. Ossain percebeu o que estava acontecendo e gritou: "Euê Uassá!".(As folhas funcionam!)

Ossain ordenou às folhas que voltassem às suas matas e as folhas obedeceram às ordens de Ossain. Quase todas as folhas retornaram para Ossain. As que já estavam em poder de Xangô perderam o Axé, perderam o poder da cura. O Orixá Rei, que era um orixá justo, admitiu a vitória de Ossain. Entendeu que o poder das folhas devia ser exclusivo de Ossain e que assim devia permanecer através dos séculos. Ossain, contudo, deu uma folha para cada Orixá, deu uma euê para cada um deles. Cada folha com seus axés e seus efós, que são as cantigas de encantamento, sem as quais as folhas não funcionam.

Ossain distribuiu as folhas aos orixás para que eles não mais o invejassem. Eles também podiam realizar proezas com as ervas, mas os segredos mais profundos ele guardou para si. Ossain não conta seus segredos para ninguém, Ossain nem mesmo fala. Fala por ele seu criado Aroni. Os Orixás ficaram gratos a Ossain e sempre o reverenciam quando usam as folhas (PRANDI, 2001).



Fonte: Pinterest

Figura 11: Representação gráfica de Ossain, orixá dono de todas as folhas

O momento da feitura de um banho de ervas na mata une elementos como a água e a terra (representada pelas folhas). A ciência das ervas é um grande mistério guardado por Ossain, senhor feiticeiro e alquimista. Para cuidar de si, se dengar e se curar é preciso acessar os saberes ancestrais que são gentilmente cedidos pelo senhor das folhas e transmitidos oralmente a nós de geração a geração.

Chamo nesse trabalho de encantarias (escrita com letra minúscula), as mandingas, feitiçarias, e saberes que produzem cura através das ervas. Podem ser tanto as que se utilizam da química da planta, que são os produtos de uso tradicional e os fitoterápicos, aquelas feituras que necessitam principalmente dos princípios energéticos das plantas: ervas, flores, cascas e raízes. Há um saber que produz tecnologias ancestrais que cuidam e curam através da energia, do oculto e que também necessitam da crença.

Quando me refiro a tecnologias ancestrais de cuidado e cura, não estou falando necessariamente das tecnologias que o entendimento ocidental pode evocar automaticamente. Neste trabalho, abordo as tecnologias ancestrais, que também podem ser compreendidas como o resultado da aplicação prática dos saberes transmitidos pelos ancestrais. Aquilo que de alguma forma é transmitido pelos mais

velhos, sabedoria passada de geração em geração. Formas outras de cuidar do corpo e do espírito, sejam elas pelas ervas, pela musicalidade ou pelo alimento. Nossos antepassados, bisavós, avós, viviam em outro momento e produziam outras técnicas para lidar com as doenças, que fogem do uso intenso de remédios industrializados. Povos meridionais como os indígenas das Américas e africanos desenvolveram diversas das tecnologias a partir de seus saberes sobre a natureza, o cruzo Atlântico teve como resultado a junção de muitos desses conhecimentos resultando hoje no que podemos chamar de tecnologias afroindígenas brasileiras.

Conhecimentos e cura praticados com elementos encontrados nos quintais podem parecer para muitos de nós, viventes da segunda década do século XXI, antiquado e com efeito demorado, o que demonstra a falta de conexão com a capacidade da natureza em produzir remédios. Nego Bispo quando fala de envolvimento ao invés de *des*envolvimento, nos dá uma dica sobre como deveríamos nos relacionar com o que a terra é e produz. Deveríamos nos envolver com a natureza de forma parentesca, uma vez que fazemos parte dela. Já o desenvolvimento nos afasta dessa noção e cria um abismo relacional com o planeta.

No currículo escolar é possível identificar essa relação hierárquica entre ser humano e a natureza. Na Geografia, no sexto ano do ensino fundamental, é trabalhado o termo “recursos naturais” para se referir ao que a natureza dispõe e que é de uso para o consumo do homem. Nesse momento é ensinado aos alunos que recurso natural é tudo aquilo que tem valor comercial. Por exemplo, extração de minérios de ferro, água, ou seja, a natureza é precificada e a partir disso o que a terra dá é elencada em grau de importância fundamentada na lógica capitalista.

Esse modo de ensinar e entender essas as relações desconsideram, por exemplo, a importância de um galhinho de arruda para povos de terreiro, ou o entendimento de que um rio que passa no território de uma aldeia indígena é considerado como um parente daquele povo, e não um lugar onde são extraídos recursos. Nesse sentido, para os povos de culturas tradicionais, as folhas e ervas são potencializadoras de saúde e cuidado e são considerados partes essenciais das medicinas africanas e afrodiaspóricas, a partir dos seus usos: químicos e fitoenergéticos.

Para os usos das ervas de fins energéticos, é necessário levar em consideração algumas informações que são relevantes para o resultado esperado. As ervas, a depender de como serão usadas (banhos, defumação, sacudimento entre

outros), devem ser consideradas de acordo com o tipo de elemento que rege aquela encantaria, ou como qual seriam classificadas as ervas usadas.



Fonte: Chico Brum, 2021

Figura 12: Banho de folhas

2.1. Os quatro elementos

A partir dos conhecimentos adquiridos no terreiro entendo que a natureza pode ser compreendida ou representada por quatro principais elementos: terra, água, fogo e ar. Cada elemento atuará de forma a depender de como serão manipuladas as ervas e suas potencialidades. Um defumador, por exemplo, recorre ao fogo para realizar a magia; um banho de ervas invoca as águas. Logo, a natureza e seus saberes se conectam de maneira interligada e se relacionam.

2.1.1. Terra

Elemento terra é o berço da vida, onde germinam as sementes, onde pisamos e seguimos nosso caminho. É chão, é onde as raízes são fincadas e buscam sustentação para o que ainda há de crescer. Omolu, Oxumaré são orixás que estão intrinsecamente ligados à terra. Sempre que a energia mental está dispersa, a busca por aterramento é uma forma de encontrar o equilíbrio. Aterrar emoções, pensamentos, colocar o pé no chão, são possibilidades que esse elemento nos traz.

2.1.2. Água

A vida é fertilizada por esse elemento, tanto a flora com a semente até o ventre feminino com a criação, água surge da terra e do céu. Ela também nos ensina que a vida é feita de ciclos, como o ciclo hidrológico, que além de ser circular, tem a capacidade de se transformar em diferentes estados físicos. Assim, aprendemos que, ao longo do ciclo da vida, precisamos nos adaptar para continuar vivendo.

Algumas Yabás, orixás femininas, estão associadas ao caminho das águas. Entre elas, Nanã, a mais velha, habita as águas salobras, onde as águas doces e salgadas se encontram e banham os manguezais. Iemanjá, senhora da calunga grande (mar), domina as águas salgadas, enquanto Oxum, a Yalodê, representam as águas doces, incluindo as águas do ventre das mulheres grávidas e o amor interior.

A água está ligada ao equilíbrio das emoções, e em momentos de nervosismo, em que devemos pensar antes de falar, é favorável beber um pouco de água para conter nossos sentimentos desequilibrados e silenciar palavras que podem ser mal colocadas.

2.1.3. Ar

O ar é o elemento que está diretamente ligado aos nossos pensamentos, aos momentos reflexivos e as ideias. Com essa energia elementar damos movimento ao que planejamos, é uma fonte de impulsionamento através do pensamento. Apesar de estar ligado aos planos das ideias é também o elemento da fala, até porque é no plano mental que qualquer diálogo se inicia e ao oralizar qualquer coisa as palavras são lançadas ao vento e movimentam forças, já que toda palavra tem axé. O movimento do ar está também ligado a orixá Oya, que é a expressão dos ventos e das tempestades.

É pertinente pensar o quanto essa orixá representa a ambiguidade de forças. Um vento pode ter direção ou não, bem como uma tempestade pode ser somente um fenômeno meteorológico sem grandes danos, ou se tornar uma catástrofe. Tudo o que tem força é necessário que seja empregado com equilíbrio e sabedoria. A mesma palavra que cura, adoece. O que se lança no ar, já não tem mais controle.

2.1.4. Fogo

O fogo está associado às transmutações energéticas, aos movimentos de transformação, às práticas de limpeza e dissipação de energias densas. É a luz que ilumina o caminhar e auxilia a continuidade da caminhada. O vigor, a sexualidade, a vitalidade e o calor estão dispostos a esse elemento. A conexão com o fogo pode se dar desde o simples processo de cozinhar um alimento a acender uma vela de forma intencional e ritualística. Xangô é o orixá que melhor simboliza esse elemento.

Em suma, estamos constantemente envolvidos nesta relação entre os quatro elementos. Quando expressamos um sentimento, podemos fisicamente o representar alguns deles. Em situações de estresse ou raiva, nossos olhos podem ficar vermelhos como o fogo, e logo nos recomendam beber água para acalmar as emoções e reduzir a frequência cardíaca, assim como respirar profundamente para regular a entrada e saída de ar no corpo. Dependendo do ambiente, também é aconselhável tirar os sapatos e colocar os pés na terra.

Assim como buscamos esses elementos para equilibrar nosso corpo, eles já estão presentes em nós. Mais uma vez, com a noção de equilíbrio permitimo-nos relacionar de maneira saudável e cuidadosa com cada um dos elementos mencionados. Seja no uso das ervas regidas por eles ou por meio da terra, água, fogo e ar que compõem nossos corpos físicos, espirituais e mentais.

2.2. Classificação das ervas

Ao recorrer às ervas para tomar cuidados com o corpo e a mente, é aconselhável considerar as categorias das ervas. Toda folha pode ser considerada um remédio ou um veneno. Isso depende não só da dose, mas a sabedoria do uso de cada uma delas. As ervas são categorizadas em quentes, mornas e frias. Essa divisão se dá pelo tipo de trabalho que cada uma delas vai exercer no corpo humano. A classificação das ervas é feita segundo os saberes compartilhados oralmente nos terreiros e registrados; em algumas bibliografias sobre o tema, as ervas são categorizadas. Nesse caso, essa categorização se dá pelo poder e uso energético, e não pode ser relacionado com a fitoquímica.

2.2.1. Ervas quentes

São ervas quentes aquelas consideradas fortes, que trabalham diretamente com as limpezas energéticas, descargas de energias negativas e proteção. São folhas cujo a atuação pode ser considerada profunda e por isso devem ser usadas com moderação e com indicação específica, caso contrário podem desequilibrar o corpo e enfraquecer energeticamente o usuário, o que de alguma forma pode ser considerado um efeito colateral ou negativo. Nunca devem ser usadas no Orí, a menos que sejam devidamente orientadas para esse fim

Podemos classificar como ervas quentes: Peregum, Pinhão Roxo, Espada de Ogum, Vence Demanda, Guiné, Aroeira, Pimenteira entre muitas outras.

2.2.2. Ervas Mornas

São ervas menos agressivas, tem a função de equilibrar as energias. Muitas pessoas que chegaram até o tabuleiro das Encantarias se sentindo mal, acreditavam necessitar de uma limpeza do corpo, quando na verdade a cura para o desconforto era apenas um equilíbrio energético e emocional. As ervas mornas têm o papel de dar suporte as ervas quentes, uma vez que ajustam seus "efeitos colaterais".

Podemos classificar como ervas mornas: Folha de Pitanga, Macassá, Folha de Batata Doce, Avenca, Hortelã, Salvia, Alfazema entre muitas outras.

2.2.3. Ervas Frias

Esse grupo de ervas são atrativas, trabalham atraindo determinadas vibrações, sejam elas ligadas aos campos emocionais ou materiais, e atuam em um campo de magnetismo específico. As ervas frias podem ser utilizadas compreendendo seus três principais comandos de atuação, sendo eles: atrativos, energéticos e calmantes.

As ervas frias energéticas, são usadas para favorecer o aumento de energia e vitalidade, por exemplo: a Folha de Café, Folha de Guaraná, Elevante, Pétalas de Girassol entre outras. Já as ervas frias atrativas, trabalham como o magnetismo, aumentando o poder de atração de uma pessoa com outra, são chamadas também de encantamento, sendo elas: Amor-perfeito, Bem me quer, Patcholli, Malva Cheirosa, Rosa Vermelha, entre outras. Por fim, as ervas frias calmantes são utilizadas tanto para acalmar a vibração do corpo energético, como para equilibrar e "esfriar" os banhos das ervas quentes. Dessa forma, logo após o uso de ervas de descarga são

conjugadas ou utilizadas separadamente para esfriar o ambiente e trazer alguma energia específica. São um exemplo delas: Folha de Algodão, Tapete de Oxalá, Manjericão, Colônia, entre outras.

2.3. Processos de encantamento

As ervas, sejam elas de qualquer categoria, guardam dentro si partículas de energia curativa, magística e seus axés. Toda folha é guardiã de mistérios e poderes. Para usá-los, é preciso dominar minimamente a sabedoria do encantamento, do despertar, do aguçar tudo o que nela habita.

É sabido que existem formas ritualísticas corretas para ativar toda a energia vital e as propriedades das folhas, as quais serão tratadas aqui. Todavia, o mais importante é ter a compreensão que não há nada mais importante para encantamento do que a capacidade de crer nesses poderes. Não há nenhuma reza, canto ou prece que funcione se não feita com a consciência, acreditando no que se pede ou com fé.

Na cultura iorubá, é Ossain o orixá que conhece todo os encantamentos e é ele também quem pode nos ensinar a forma mais sagrada de acessar suas folhas. As palavras são imbuídas de poder e condutoras de intenções. Há, portanto, diversas formas de ritualizar, produzir feitiços e magias como, por exemplo, os Aduras, Ofós, Orikis, Orins.

Sendo assim, há cantos ou orin que nada mais são do que a palavra cantada, ou melhor, é o processo de encantamento ao se tornar cântico. Nesse sentido, cada palavra se conecta com a erva e ativa sua capacidade de realização. As folhas de batata doce, por exemplo, têm seu próprio orin, como registra mãe Stella:

> Ewe balè Kòsòro - Folha que toca o solo com facilidade
> Ewe balè Kòsòro - Folha que toca o solo com facilidade
> Kùkùndùnkù olorí ewé - Batata-doce, folha dona da cabeça
> Farabalè Kòsòro - Faça com que o equilíbrio e a moderação sejam fáceis para nós (SANTOS, 2020)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 13: Folha de batata doce

Assim que aprendi o Orin dessa folha, fiz pela primeira vez seu banho. É muito potencializador preparar qualquer mandinga com os encantamentos apropriados, é um chamamento para que a folha apresente o melhor de si.

Outra forma de encantar as folhas é através dos orikis, que são evocações. Etimologicamente, Oriki é a junção de orí (cabeça) e ki (saudação), significando então uma saudação a cabeça. O Oriki pode ter diversos direcionamentos, como Oriki Orile (para linhagens, Oriki Borokini (para pessoas poderosas), Oriki Ilu (para cidades), Oriki Orisa (para os orixás) (POLI, 2011). No caso do uso das folhas, a evocação e saudação deve ser feita justamente ao orixá relacionado as folhas, Ossain.



Fonte: Manuela Oliveira, o candomble.com, 2013

Figura 14: Oriki de Ossain

Esse é um dos orikis de Ossain[25]. Interessante analisar como essa saudação retrata não só as características físicas dele, bem como afirma que o orixá é aclamado nos momentos em que as coisas não estão bem, o que pode ser entendido como os momentos de desequilíbrio. Suas folhas (ou podendo também ser interpretado como o próprio Ossain) são remédios equilibradores que promovem saúde. Fala também do

25 Oriki Ossain. **O candomblé**, 7 nov. 2013. Disponível: https://ocandomble.com/2013/11/07/oriki-ossain/. Acesso em 23 jul 2024 .

uso de amuleto, um tipo de mandinga de proteção, que utiliza em sua confecção diversos elementos naturais, incluíndo as próprias folhas de Ossain.

Ofò é o encantamento em si. É a forma de verbalizar o que se deseja em um ritual. É a palavra encantada, as encantações que coloca intenção na folha e faz a conversão ritualística de um vegetal para um elemento energético. Ao transformar e direcionar a energia de poder das folhas, nossa cabeça (orí) se alinha ao Ofó e pode dessa forma promover a cura e o cuidado através da simbiose de poderes vegetais, de encantamento e de orí positivo.

> Entre os iorubás, os ofò são frases curtas nas quais muito freqüentemente o verbo que define a ação esperada, o verbo atuante, é uma das sílabas do nome da planta ou do ingrediente empregado (VERGER,1990).

Os Ófos são compostos tanto por uma sílaba da folha ou pelo nome completo, como também pelo verbo de ação daquele ritual. Um exemplo é que em caso de um trabalho para atrair boa sorte, cujo é usada a folha ewé awóréré (COLA MILLENII, Sterculiaceae). Nesse caso, a encantação leva em seus versos o nome da folha e ação desejada.

> Awóréré, je kí n se oríire. Ewé réré, jé
> kí n se oríire. Ogúndá soríire 1 'ó ní kí
> n se oríire. Orírere ni fèrni.
> Folha de awóréré, deixe-me ter boa sorte.
> Folha réré, deixe-me ter boa sorte.
> Ògiíndá-tem-boa-sorte diz que eu devo ter boa sorte. A boa sorte é minha (VERGER,1990).

Uma outra forma de direcionar intenções são através das orações ritmadas, que na cultura iorubá são chamadas Àdùrá. A palavra como forma de oração pode ter a finalidade de agradecer algo conquistado, intencionar alguma encantaria e feitiço ou invocar alguma energia específica.

Àdurá é, antes de qualquer coisa, um estilo de literatura pelo qual nós discursamos aos deuses, contando suas histórias, ambições e emoções, solicitando proteção e intervenção para alcance de desejos coletivos e pessoais.

> Odundun baba t'ero re - Odundun pai espalhe sua calma
> Odundun baba t'ero re - Odundun pai espalhe sua calma
> Baba t'ero lé - Grande espírito, espalhe sua calma
> Monle t'ero re
> Odundun baba t'ero re - Odundun pai, espalhe sua calma
> (PESSOA DE BARROS, 2010, p. 50).

A Adura acima é usado no Sassanyn para atribuir vida, axé e forma às folhas, de Saião, ou também conhecida como Folha da Costa. Na tradução é possível identificar não só a presença do nome da folha "Odundun", bem como, a função ou

intencionalidade que se quer com ela no rito, mesmo procedimento identificável nos Ofós.

2.4. Encantarias com ervas

O uso de folhas é amplo e, conforme já visto nesse trabalho, pode se dar tanto pela energia, quanto pela composição química, porém independentemente de qual seja, é antes de tudo, resultado de saberes ancestrais.

Assim sendo, nesse trabalho as tecnologias produzidas com folhas são entendidas também como encantarias. O processo de encantamento e de metamorfose das plantas para a promoção do cuidado, do dengo e da cura. Nesse sentido serão abordados com detalhadamente quais são essas encantarias e suas funções

2.4.1. Defumação



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024

Figura 15: Bastão de defumação

A defumação é a utilização de ervas para limpeza ou atração de energias para o ambiente ou corpo. É uma encantaria regida pelo elemento fogo e ar, uma vez que a ação é feita pela queima das ervas e pela fumaça. A queima de ervas, resinas e cascas podem ser feitas com auxílio de um turibulo, com alguidar ou com qualquer recipiente de alumínio (panela ou lata), essas três formas necessitam do carvão em

brasa. Já os bastões de defumação, são a maneira menos convencional nas casas de axé para defumação, mas que necessitam apenas das folhas para serem queimados.

2.4.2. Banho de ervas



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024

Figura 16: Maceração de ervas para banho

Os banhos de ervas estão diretamente ligados a fitoenergia, trabalham com a atuação de toda a capacidade e poder energético das folhas e demais elementos usados. Ao utilizar as ervas na feitura, é importante incorporar os saberes sobre os tipos de ervas (quentes, mornas e frias). Isso porque, dependendo da intenção do banho, são usadas e feitas composições de diferentes ervas. Um banho de descarrego, por exemplo, sendo ele feito com três ervas, não deve ser composto por somente ervas quentes.

Ao preparar um banho de descarga energética ou de afastamento de maus espíritos, são usadas as ervas quentes juntamente com uma das ervas, seja fria ou morna, para equilibrar o banho. Isso porque um banho de limpeza, a depender da erva, pode descarregar todas as energias vibracionais contidas na pessoa, sendo elas negativas e positivas. Com isso, é necessária uma erva equilibradora ou de atração positiva. Um banho de limpeza com a função de quebrar uma demanda, por exemplo, pode ser associado com a erva levante caso a pessoa tenha ficado sem energia, ou associado com folhas de colônia, caso tenha ficado agitada ou ansiosa.

A preparação dos banhos pode ser feita a partir da infusão das folhas em água quente ou maceradas em água fria. Mesmo que usando água aquecida é indicado a maceração das ervas para que a energia contida nas mãos e as palavras de encantamento possam atuar diretamente.

As diferentes origens da água (mar, chuva, lago, nascente, cachoeira, rio, entre outras) utilizadas no banho, tem sua capacidade de influenciar diretamente potencializando a intenção evocada, principalmente se for levado em conta saberes ligados a religiões de matriz africana. Caso queira trabalhar com a força de Oxum, com banhos de autoamor e confiança, pode ser usada água de cachoeira. Um banho de acalanto, transmutação de energia, pode-se utilizar água de fonte, evocando a energia da orixá Nanã.

2.4.3. Infusão / Decocção

O que popularmente é chamado de chá é, na verdade, uma infusão ou decocção de ervas, flores ou frutos em água. Dependendo da parte da planta ou do elemento utilizado, recomenda-se processos diferentes. Para ervas frescas e flores delicadas, utiliza-se a infusão, que consiste em imergir as folhas em água quente, mas fora da fonte de calor. Em seguida, o preparo é deixado em repouso, permitindo que os compostos curativos voláteis sejam liberados na água.

Já a decocção é a fervura das plantas, todavia a indicação desse processo é para cascas a exemplo de plantas e árvores como a canela, cravo, mulungu, além das cascas de frutas. As infusões e decocções de ervas podem ser usadas para a preparação de banhos de ervas, uma vez que algumas folhas e cascas necessitam do aquecimento para a liberação do sumo como o alecrim, o abre caminho e a canela. Para tratamentos energéticos as infusões que são ingeridas via oral, também conhecidas como chás, podem ser um aliado servindo como parte de rituais, agregando fitoquímica e fitoenergética.

2.4.4. Emplastos/ Cataplasma



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024

Figura 17: Emplasto de ervas para cicatrização

Essa é uma forma de cuidado com a pele, feito à base de ervas maceradas e misturadas em óleos ou em alguma papa de farinha. São evocados os elementos água e terra. É comumente usado para fins terapêuticos pela composição fitoquímica das folhas usadas. O emplasto é usado como um revestimento para cicatrizar feridas, para desinflamar e desinchar áreas do corpo afetadas. Um emplasto indicado para cicatrização pode ser feito com a casca de barbatimão imerso em uma pequena porção na infusão de camomila, ou para irritações nos olhos um emplasto de rosas brancas pode ser aplicado.

2.4.5. Pomada Milagrosa

Há hoje no mercado farmacêutico diversas versões de pomadas analgésicas, mas a pomada milagrosa de uso tradicional é feita de forma artesanal e apenas com produtos naturais. As pomadas são também uma forma de cuidar da pele, mas com a fabricação de um produto menos perecível e que pode produzido e armazenado por mais tempo. Geralmente as pomadas milagrosas tem como base óleo vegetal e cera de abelha. É feito primeiro a fritura das ervas em óleo vegetal quente para que seja retirado as propriedades químicas das plantas e após é misturado a cera de abelha para dar consistência a pomada assim que ela esfriar. É possível também prepará-la com os extratos das ervas.

2.4.6. Lambedores/ Xarope



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024

Figura 18: Lambedor ou xarope

Os xaropes possuem ação no tratamento das vias respiratórias, sendo utilizados para a expetoração, tosse, inflamação de garganta e para dilatação dos brônquios, tratando assim casos de bronquite, por exemplo. São produzidos através da extração dos nutrientes curativos das folhas pelo processo de “fritura” das ervas em calda de açúcar em ebulição.

2.4.7. Fumo

Os fumos são usados a partir da carburação e inalação da fumaça das ervas. Apesar de existir a planta fumo, é possível fazer o mesmo tipo de uso com diversas plantas. O kumbaya é um tipo de fumo que leva em sua composição plantas e flores, o uso tradicional é feito no cachimbo, mas também pode ser usado na folha de bananeira ou em papéis industrializados apropriados para o uso.

Em algumas culturas afro religiosas como o Catimbó, o fumo tem grande importância nos trabalhos espirituais, a começar pelo tipo de cachimbo utilizado, são geralmente feitos de madeira de Jurema ou Angico. Além disso, a forma como o fumo é cachimbado também direciona os trabalhos, quando a fumaça é inalada as propriedades energéticas das plantas estão sendo usadas para concentrar, reter axé e serem transmutadas a partir do corpo do médium. Já quando a fumaça é expelida através do próprio cachimbo, o trabalho é para transmutar, descarregar, energizar o ambiente ou consulente, além de transmitir mensagens espirituais entre os mundos.

2.4.8. Tintura, Extratos e Oleatos



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024

Figura 19: Tintura, Extratos e Oleatos

São muitas as formas de preparação de extratos vegetais, frutíferos e florais, porém os usos mais tradicionais são os extratos de ervas feitos a partir de imersão da base vegetal em dissolução oleosa (oleatos) e alcoólicas (tinturas). A diferença entre extrato e tintura é pela concentração das ervas, sendo o extrato o mais concentrado. Outro fator é o uso de álcool de cereais utilizados nas tinturas, uma vez que são comumente usadas via oral (diluindo algumas gotas em água) para o uso terapêutico.

Os benefícios das tinturas podem ser associados aos tratamentos com ervas para fins energéticos e espirituais. Todavia, o uso dos extratos é amplo e pode ser usado nos cuidados com a pele, associado aos xaropes, sprays e produtos cosméticos.

2.4.9. Spray Energético

Os sprays energéticos são compostos (combinados) de extratos, óleos essenciais ou oleatos, e até mesmo infusões ou decocções de ervas para fim exclusivamente fitoenergético. Essa encantaria tem um efeito parecido com o defumador, porém o elemento fogo utilizado nas defumações não é utilizado nos sprays, uma vez o spray é líquido e as propriedades energéticas são dispersas no ar em pequenas partículas nesse estado.

2.4.10. Sabão

Outra forma de usar as ervas terapeuticamente e energeticamente é inserindo seus extratos nas formulações de sabão. Ao fabricar, assim como nos banhos de ervas, deve-se fazer a escolha das folhas a partir do resultado que se deseja e simultaneamente levar em consideração a classificação de ervas que será utilizada.

O Brasil colônia importava sabão com ervas diretamente do continente africano desde o século XVII, o chamado Osè Dudu. Esse tipo de sabão continua a ser vendido até os dias atuais e tem finalidades ritualísticas e de cura energética. Sua fabricação é lenta e dura dias e por essa razão confere uma coloração escura.

2.4.11. Vaporização uterina

A vaporização é feita através da infusão das ervas em água quente e dispostas em uma bacia. Esse é um ritual ancestral de limpeza e equilíbrio emocional através do útero, parte do corpo feminino onde são guardadas diversas energias, e lembranças

ancestrais. Há nesse uso a possibilidade de se fazer rituais e utilizar a fitoenergia como tratamentos fitoterápicos.

2.4.12. Garrafadas

As garrafadas são preparadas para usos medicinais feitos em extração alcoólica, geralmente em vinho, de cascas, ervas e raízes. São indicados para o tratamento de inúmeras e variadas enfermidades do corpo físico e emocional.

A ciência das garrafadas é antiga e tradicionalmente a feitura deve ser artesanal colocando as medida corretas de cada elemento e enterrada no chão, protegendo contra luz e para que as ervas e os demais elementos liberem seus princípios ativos. Nos mercados do interior do país e feiras livres é possível encontrar as garrafadas, geralmente comercializadas por erveiros[26].

2.4.13. Sacudimento

O sacudimento é de uso exclusivo do poder energético das plantas. É feito principalmente em rituais de limpeza e descarrego. O sacudimento é o ato de bater as folhas de plantas e ervas no corpo enquanto está sendo rezado geralmente por benzedeiras, zeladores de santo ou algum encantado, como os caboclos e pretos velhos.

2.4.14. Escalda Pés

É uma prática milenar usadas por diversas culturas que consiste na imersão dos pés em água quente com ervas e sal. A proposta é do cuidado integral do corpo a partir da região que possui mais de 70 mil terminações nervosas e que tem ligação direta com outros órgãos do corpo, os pés (DANTAS, 2023).

Ainda que muito indicado para tratamento e cuidado com o corpo físico, como dores nos pés, inchados nas pernas, cãibras, insônia, cólicas menstruais, resfriados e muitas outras questões de saúde física, os escalda pés são um excelente aliado para rituais que incluem cuidados com as emoções e o campo espiritual.

Um ritual de cuidado e dengo é feito de forma integrativa, visando equilibrar o corpo como um todo e para isso é necessário que as encantarias ou mandingas

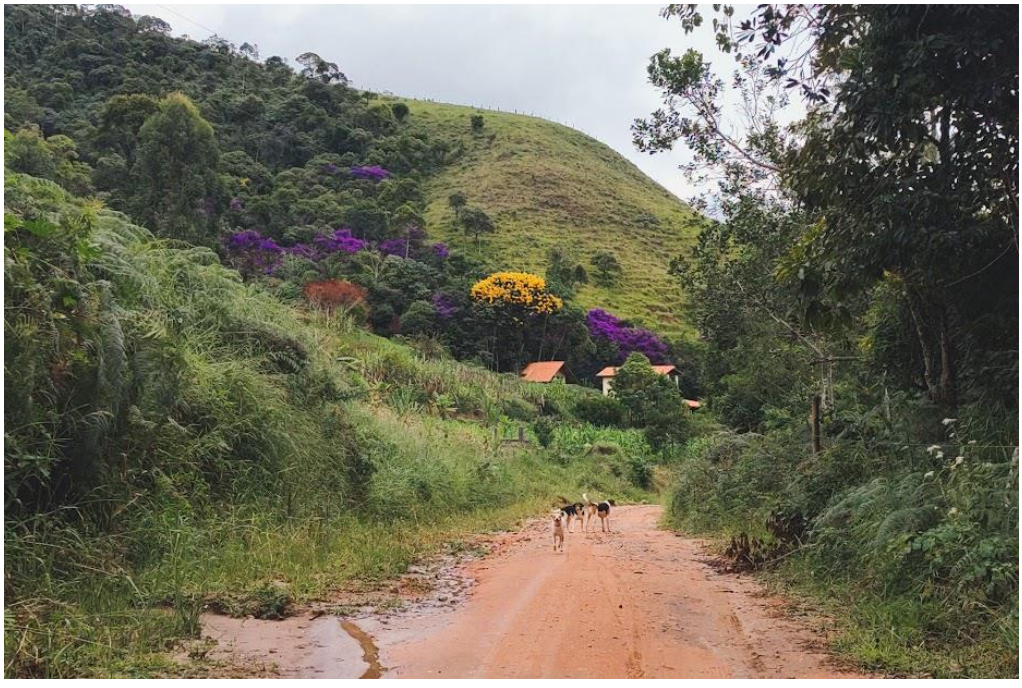
26 Erveiros são pessoas que dominam os saberes e propriedades químicas e energéticas das plantas, podendo ou não comercializar ervas ou produtos com base de herbal de fabricação própria.

possam ser conjugadas. Quando uma pessoa é cuidada ou se cuida com banho de ervas, ou com sacudimento, pode ser associado a um escalda pés com ervas calmantes e relaxantes, como a folha de colônia, as folhas de tapete de Oxalá, a flor camomila e o jasmim.

2.5. Ervas do Quintal

Desde o final do ano de 2021, as mandingas e encantarias produzidas por mim passaram a ser feitas em sua grande maioria por ervas cultivadas no Sítio Francisco Vianna. Meu companheiro e eu compartilhamos saberes que se cruzam e fazem com que cada pedaço daquela terra ganhe sentido, axé e direcionamento, além de ser nossa casa.

O Sítio Francisco Vianna fica localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, no distrito de Barra Alegre, na zona rural do município de Bom Jardim, há cerca de 180 km da capital fluminense. Para chegar ao sítio a partir da capital há duas possibilidades, subindo por Cachoeira de Macacu e cruzando parte do município de Nova Friburgo ou subindo a Serra Mar a partir de Casimiro de Abreu, passando pelas localidades de Lumiar e São Pedro da Serra. Os trajetos são feitos em estradas asfaltadas além de um trecho em estrada de terra, parte do distrito de Barra Alegre próximo ao sítio.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024

Figura 20: Estrada de acesso do Sítio Francisco Vianna

Como ilustrado na imagem acima a estrada de acesso ao sítio é de terra e as casas mantêm distância uma das outras. No enquadramento é possível ver apenas duas construções de uma mesma propriedade, o sítio Francisco Vianna fica no alto do morro à esquerda da foto. Ainda assim, as relações na roça são construídas de forma muito particular. Com exceção dos veranistas, as famílias que vivem no local ou que lá estão com frequência mantêm relações de muita parceria e coletividade.

A distância entre um sítio e outro pode variar entre 100 metros a 1 km e, ainda assim, todos se conhecem, a distribuição de água da fonte é coletiva, independentemente da propriedade onde esteja a nascente. A fartura na terra é grande, não só a prosperidade das colheitas, mas dos afetos.

Dona Chica é uma agricultora, guardiã de sementes crioulas de feijão e milho. Ela nos ajuda na horta e nos canteiros quando precisamos revitalizar e manejar a terra. Ela é daquelas pessoas que compreendem de forma espiritual, mesmo não falando diretamente sobre isso, o que a terra significa.

Em muitas conversas, Dona Chica diz que se não conseguiria viver outro modo de vida se não aquele mexendo com a terra e tudo o que nela se relaciona. Ela acorda cedo e junto com seus cachorros vai para a lida, planta ervas, frutos, flores, cria seus bichos, a maior parte de seus alimentos vem do seu próprio trabalho, mãos de magia com a terra. Dona Chica nos ensina com o quintal florido, o pomar carregado de frutas e pequenos leitões, cachorros e galinhas correndo soltos o valor do chão que se vive e produz vida.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023

Figura 21: Dona Chica retornando para casa com seus cachorros

É dessa forma coletiva e de saberes compartilhados que plantamos ervas, árvores, flores, criamos nossas galinhas e compartilhamos colheitas. Abaixo, alguns registros de parte da diversidade vegetal do sítio Francisco Vianna. Optei por registrar apenas as folhas as quais faço uso ritualístico, terapêutico e produzo as encantarias que comercializo. Ainda assim, alguma das ervas não são perenes, logo depois de um tempo elas secam e precisam ser replantadas, com isso algumas como o levante, orégano e manjericão roxo não estão presentes nesse registro visual.

Tabela 1: Ervas de quintal - Sítio Francisco Vianna



- Folha: Vence Tudo / Justicia gendarussa
- Classificação: Erva quente
- Uso: Banho de ervas e Sacudimentos



- Folha: Espada de São Jorge/ *Dracaena*
- Classificação: Erva Quente
- Uso: Sacudimento e Canteiros de proteção



- Folha: Comigo-Ninguém- Pode/ *Dieffenbachia seguine*
- Classificação: Erva quente
- Uso: Canteiro de proteção



- Folha: Pimenteira / Pimenta dedo de moça/ Capsicum baccatum
- Classificação: Erva quente
- Uso: Canteiro de proteção e Pimentas usadas em padê



- Folha: Hortelã Grosso/ Hortelã Pimenta/ *Coleus amboinicus*
- Classificação: Erva morna
- Uso: Xarope/ Lambedor



- Folha: Arruda Fêmea/ *Ruta graveolens*
- Classificação: Erva quente
- Uso: canteiro de proteção/ sacudimento/ pomada milagrosa



- Folha: Saião/ *Kalanchoe fedtschenkoi*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: Banho de Ervas, Xarope, Lambedor, Bori



- Folha: Arnica; *Solidago gigantea*
- Classificação: Erva morna
- Uso: Pomada Milagrosa, Emplasto



- Folha: Artemisia / *Artemisia verlotiorum Lamottte*
- Classificação: Erva Morna
- Uso: Fumo, banho de assento, vaporização Sentimento/ Vibração:



- Folha: Chá / *Camellia Sinensis*
- Classificação: não identificada.
- Uso: Infusões para ingestão.



- Folha: Hortelã / *Menthax rotundifolia*
- Classificação: Erva morna
- Uso: Infusões para ingestão, Banho de ervas, Fumo Kumbaya.



- Folha: Mirra/ *Tetradenia riparia*
- Classificação: Erva fria e morna
- Uso: Banho de Ervas, Extratos de encantamentos, Defumador



- Folha: Manjerição/ *Ocimum americanum*
- Classificação: Erva Morna
- Uso: Banhos de Ervas e Defumador Bastão



- Folha: Malva Cheirosa / *Pelargonium graveolens*
- Classificação: Morna
- Uso: Banho de Ervas, Defumador Bastão, Extrato Oleoso de Encantamento, Spray Energético



- Folha: Boldo do Chile/ *Coleus comosus*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: Infusão para beber



- Folha: Canfôra / *Artemisia alba Turra*
- Classificação: Quente
- Uso: Pomada Milagrosa/Defumador em pó



- Folha: Amoreira/ *Morus Nigra*
- Classificação: Erva Quente
- Uso: Proteção de Porteira e Sacudimentos



- Folha: Folha de batata doce / *Ipomoea batatas*
- Classificação: Morna
- Uso: Banho de ervas



- Folha: Carqueja/ *Baccaris trimera*
- Classificação: Não identificada.
- Uso: Infusão para beber



- Folha: Mamona Roxa/ *Ricinus communis L.*
- Classificação: Erva Morna
- Uso: Recipiente de Oferendas



- Folha: Mamona Branca/ *Ricinus communis L.*
- Classificação: Erva Morna
- Uso: Recipiente de Oferendas



- Folha: Tomilho/ *Thymus vulgaris*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: Banho de Ervas e Defumador Bastão



- Folha: Cana de Açucar/ *Saccharum officinarum*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: Banho com o sumo da cana



- Folha: Capim Limão/ *Cymbopogon citratus*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: Infusão para beber e Defumador Bastão



- Folha: Colônia/ *Alpinia zerumbet*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: Banho de ervas e Infusão para beber



- Folha: Cidreira/ *Lippia alba*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: infusão para beber, Banho de Ervas e Defumador Bastão



- Folha: Lavanda Brasileira/ *Lavandula dentata*
- Classificação: Erva Fria
- Uso: Defumador Bastão e Infusão para beber



- Folha: Alecrim/ *Salvia rosmarinus Spenn*.
- Classificação: Erva Morna
- Uso: Defumador em Bastão, Defumador em pó, Sacudimento e Banho de Ervas Sentimento/Vibração:

As folhas presentes nesse registro visual são apenas uma parte das várias ervas que cultivamos, e de tantas outras que na mata nascem e crescem por conta própria. Muitas ainda não descobertas por mim, isso porque há o tempo certo para tudo, inclusive para aprender sobre outra folha. Ela nos chama, nos convoca a um encontro e compartilhamento de saberes. Para que em algum momento eu me utilize e produza novas ou antigas tecnologias ancestrais de cura.

Recordo-me do momento que lendo o livro sobre as folhas de Mãe Stella de Oxossi (bença), conheci os ensinamentos sobre a folha de batata doce. Estava passando por um período de excesso de pensamentos, angústias e meu orí se encontrava em desequilíbrio, tive então a oportunidade de conhecer o banho de suas folhas, um banho para equalizar as emoções.

O mesmo aconteceu quando li sobre a Embaúba, Ossain gentilmente me abriu parte de seus mistérios e pude usar as folhas dessa árvore em um rito importante que muito precisava de uma folha que mostrasse coisas sobre mim que estavam escondidas e que auxiliaria a iluminar minhas buscas.

Nesse momento reforço a responsabilidade em manusear as folhas de pai Ossain, pois são elementos cheios de axé e estão a nossa disposição para produzirem saúde através do cuidado e da cura. Mas nada disso se dissocia de uma vida com boas condutas e virtudes, para que possamos nos manter da forma mais equilibrada possível, fazendo boas escolhas e colhendo o resultado do nosso livre arbítrio.

***

3. Comercialização de Tecnologias: Tabuleiro das Encantarias na feira (Exu)

> *Era uma vez um homem pobre e peregrino. Um dia, ele consultou gente competente e fez como lhe fora dito. Preparou um ebó com muita dificuldade. Exu, então, vendo todo aquele esforço, quis muito ajudar aquele homem. Uma vez, quando o mendigo e um milionário caminhavam pela mesma rua, Exu preparou a estratégia para mudar a sorte do pobre. Disse ao pobre que olhasse bem para aquele homem rico, pois era por causa dos homens ricos que existiam os homens pobres.*
> *Disse que ia mudar a sua vida e o instruiu a ridicularizar sem parar o milionário. Em voz bem alta devia o mendigo dizer que ali não havia ninguém importante, senão ele mesmo, o mendigo. Enquanto isso, Exu instigava o milionário, dizendo: "Não tolero esse tipo de gente, esses pobres. Muda-o com a força da tua fortuna, vamos!". Como o milionário se sentiu de fato ofendido com a petulância do pobre, resolveu ajudá-lo para mostrar quão rico era. O rico tomou o pobre pelo braço e pôs-se a passear junto com ele aqui e ali, demonstrando terem a maior intimidade. Todos viram aquilo e tiraram a mesma conclusão. Se o rico lhe dava o braço, rico também seria ele.*
> *Assim, em todo o comércio, todos ofereceram crédito para tudo o que o mendigo quisesse. Tendo assim tanto crédito, pôde ele fazer muitos negócios e com cada negócio mais crédito lhe era oferecido. Até que enriqueceu. Assim o pobre ficou rico graças à artimanha de Exu.*
> *(PRANDI, 2001)*[27]*.*

A narrativa acima se trata de um dos vários itans de Exu. A escolha por esse e não outro, se dá pelo fato de fazer a relação entre Exu, o mercado e o poder da comunicação estratégica desse orixá. Eu que, por dois anos, estabeleci relações na Feira da Glória digo que a palavra é a maior moeda de troca dentro do mercado. Tudo o que se comercializa nos tabuleiros pode ser negociado, e essa negociação, para acontecer ou não, depende da ginga de quem a faz

É através da comunicação que, no mercado de Exu, se faz negócio mesmo sem possuir nenhum dinheiro. Esse orixá nos ensina que o axé da fala é elemento poderoso para construir relações. É possível que ao entrar em qualquer feira livre sejamos abastecidos pela energia exuniana. Para que isso aconteça é necessário que se viva a feira de forma quase que ritualística, entendendo que o caos instaurado entre tabuleiros, gritos e vai e vem de pessoas faz parte do encantamento e mandinga que Exu pode nos ofertar, a fim de nos limpar energeticamente ou nos cobrir de energia, força e movimento.

---

27 Itan retirado da página de instagram Edaobo. Acesso: https://www.instagram.com/p/Cvz5SrYuv5b/. Disponível em PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. Companhia das Letras, 2001.

Os mercadores aceitam como moeda de troca o sorriso e a reciprocidade de um bom dia, oferecem então pedaços de frutas ou qualquer outra coisa que estejam vendendo e claro, desejam que se compre deles. Dessa forma, os dois lados do tabuleiro saem satisfeitos e equilibrados, seguindo a lógica das boas trocas. Não se passa fome na feira. Entende-se fome e alimento da maneira mais ampla possível: fome de comida, fome de palavra, fome de afeto, fome de sociabilidade e muitos outros alimentos.

A sociabilidade da feira é construída pela comunicação, pela palavra. Os alimentos dispostos nos tabuleiros podem matar a fome do corpo, mas também do espírito. Cuidado e afeto podem ser cultivados, regados e colhidos nesse grande mercado. O ofício das quitandeiras africanas é exemplo das múltiplas relações desse mercado. Seus tabuleiros serviam muito além dos pontos de vendas de alimentos como farinha, peixe e frutas.

As quitandeiras de Luanda, por exemplo, foram fundamentais para a circulação de pessoas nos portos da Costa. Para os traficantes de pessoas do século XVII, era fundamental a presença dessas mulheres mercantes, uma vez que necessitavam desse comércio para abastecer os navios que vinham para as Américas e suas expedições no interior do continente Africano. (PANTOJA, 2001, p. 47).

> Nas quitandas, além de frutas, verduras, farinhas, feijão, peixe e carne encontravam-se os produtos chamados “da terra”. Dentre eles, os mais procurados eram aqueles de poderes curativos e sobrenaturais: k*abomba Yala,* apazigua marido; *ngongo*, amuleto de madeira com figura humana usada para tratamento); *Pemba*, argila branca usada em rituais religiosos etc. (PANTOJA, 2001, p. 48).

No Brasil Colônia, os tabuleiros das mercadoras, ou quitandeiras, tiveram fundamental relevância para a perpetuação de muitos dos ritos africanos recriados pós o cruzamento do Atlântico. Ao analisar a comercialização de mandingas é viável que se chegue a conclusão de que elas não eram apenas mulheres mercantes, mas detentoras dos saberes curativos e místicos. Isso traz uma relação cosmológica para a comercialização do que chamo neste trabalho de Encantarias.

O Tabuleiro das Encantarias no mercado contribuiu, como um espaço onde era possível encontrar tecnologias fundamentais, como os banho de ervas, chás, defumadores naturais, escalda pés, xarope entre outras, para as práticas de cuidado e cura usadas pelos povos africanos e indígenas antes mesmo do cruzo Atlânticos. Criando assim um ponto fixo na feira desses elementos, ancorados em outras epistemes e que, por sua vez, estão ligadas a outros processos civilizatórios muito além dos Europeus.

3.1. O mercado de Exu

O entendimento da feira livre e suas trocas adquire um outro sentido quando se entende que as feiras têm dono. O dono é Exu. Nas religiões de matriz africana, Elegbara ou Exu é o senhor da comunicação, da troca, da venda, do ato de mercar (POLI, 2011, p. 46).

A relação traçada entre Exu e o mercado foi estudada por Bastide e Verger. Estes originam essa afirmativa através de alguns orikis. Um deles, por exemplo, diz que a mãe de Exu o pariu após voltar do mercado. Outro oriki diz que Exu compra no mercado sem pagar e o último que até o cair da noite Exu não deixa com que haja compra e venda. Nesse sentido, entende –se que ele é quem tem poder e autoridade sobre o mercado, entendido aqui também como a feira (BASTIDE E VERGER, 1952, p. 55).

O babalorixá José Flávio de Barros (bença!), já citado anteriormente nesse trabalho, junto com outros dois autores, no livro “Galinha de Angola - Iniciação e identidade na cultura afrobrasileira” nos convida a pensar as feiras livres e sua dimensão que, desde sempre, são formadas por uma intensa convocação dos nossos sentidos vitais.

O olfato é acionado a partir dos aromas diversos, entre o cheiro das frutas, das barracas de peixe, do óleo de dendê fritando o acarajé, até as barracas de ervas exalando os perfumes herbais. A visão, por sua vez, pelas cores de cada elemento comercializado, sejam frutas, verduras, carnes, roupas e objetos decorativos e o que mais puder ser negociado. A sonoridade da feira é um fator que marca uma das suas principais características.

As bocas mercantes são figuradamente a boca do mercado, onde são proferidas palavras que fecham ou desfazem acordos, que se negociam preços e são ensinadas mandingas nos tabuleiros onde encontram os elementos detentores de axé ritualísticos. E, por último, o sentido do tato, onde corpos de esbarram, se tocam; dinheiro e produtos passam por mãos de magias e de mercar.

Nesse sentido, o mercado não deve ser olhado pela ótica da sedução pelo consumismo aleatório, mas pelo seu caráter cosmológico que, segundo Pessoa de Barros, é o lugar de raízes profundamente africanas. Pensando nas casas de axé afrobrasileiras, todo o rito requer elementos que possivelmente serão encontrados e comercializados nos grandes mercados.

Na zona norte do município do Rio de Janeiro, em bairro homônimo, encontra-se o “Mercadão de Madureira”. Neste Mercado, um expressivo número de lojas é direcionado a mercar elementos ritualísticos de matrizes africanas que vão desde sementes, cascas, miçangas, a tecidos originários do continente africano. São comercializados majoritariamente elementos ritualísticos e tecnologicamente ancestrais, onde pessoas circulam livremente com seus trajes e símbolos marcadores afro religiosos. O Mercadão, então, pode ser um lugar de legitimação e divulgação cultural afrobrasileira.

Nas tradições africanas tradicionais, a passagem pelo mercado se faz obrigatória em diversos ritos e acontecimentos comunitários, como na anunciação do nascimento de gêmeos, a iniciação de pessoas em determinadas confrarias religiosas, a despedidas dos mortos antes do enterro. O mercado é então um elemento que aglutina pessoas por distintos motivos (PESSOA DE BARROS, 2001, p. 14).

3.2. O tabuleiro e seus personagens

A palavra que permeia o grande mercado talvez seja ‘cruzo’, são as encruzilhadas invisíveis que projetam os encontros programados por Exu. Tive a sorte de passar por centenas de cruzos, pessoas que paravam no tabuleiro propositalmente ou não. Destaco, então, personagens fundamentais nessa trajetória.

Nas subseções seguintes, ao longo da narrativa sobre esses personagens, compartilho também a metodologia de mercar das Encantarias, um tabuleiro que se sustentou a partir de virtudes africanas e práticas coletivas de cuidado. Nesse sentido, receber pessoas e enxergá-las para além de clientes, consulentes, pessoas em situação de rua, foi uma práxis básica para que a magia de encantamento e compartilhamento de saberes funcionasse.

Dessa forma, posso dizer que pude trabalhar com preto velho, malandro, cigana, pombagira, todos eles através de alguns dos passantes que se tornaram amigos e que acessavam o meu lado do tabuleiro.

3.2.1. Andreia – A encantada



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Figura 22: Aiume e Andreia, pessoa em situação de rua, na Feira da Glória

A imagem acima registra um dos dias de feira no tabuleiro das Encantarias, com a presença de uma figura conhecida pelas ruas da Lapa. Confesso que não sei seu verdadeiro nome e o gênero ao qual ela de fato se identifica, mas a chamarei aqui de Andreia, um dos nomes ao qual ela um dia se apresentou.

Andreia foi ao tabuleiro inúmeras vezes, mas a primeira vez que a conheci não foi na feira. Já havia visto pelas ruas do centro do Rio, geralmente em alguma roda de samba ou eventos culturais a céu aberto. Sua presença gera nas pessoas sentimentos aos quais posso dizer que bem contraditórios, bem exunianos. Há quem a veja como uma pessoa em situação de rua com algum transtorno mental e outras pessoas a entendem como uma portadora de axé dos encantados. Isso porque na maior parte do tempo ela usa trajes que fazem alusão a essas entidades.

Na imagem ela aparece vestida de Malandro, mas já a vi vestida com uma capa preta fazendo referência a Exu, roupa cigana e de pombagira. O mistério que a cerca é grande e, segundo Andreia, ela é protegida por todos esses encantados. Trago Andreia porque acredito de alguma forma que ela está no aye para cumprir alguma função espiritual.

Ao longo dos dois anos de feira recebi muitos presentes de suas mãos: pulseiras, colares, punhal, lenço cigano e um contra-egum feito por ela.

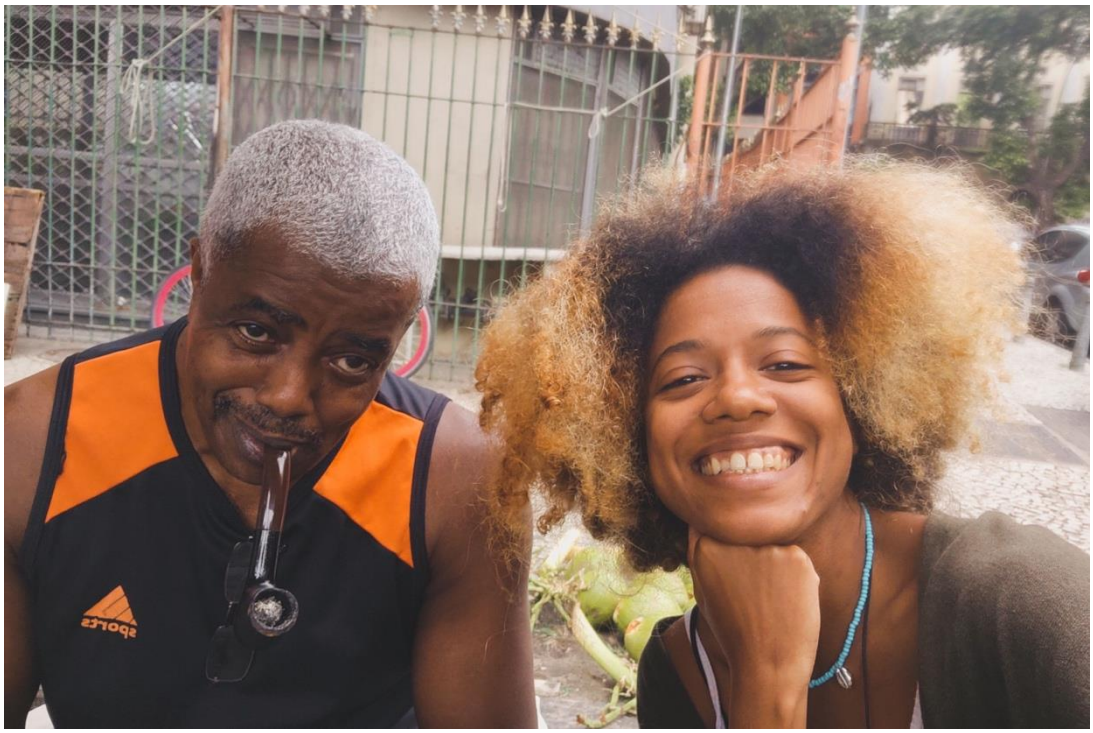


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Figura 23: Andrea trançando o contra-egum

O tabuleiro tem dois lados,um deles corresponde aos passantes que chegam até mim e o outro é meu como feirante. Existe uma pedagogia não dita nesse espaço. Para acessar o lado de dentro do tabuleiro (de quem vende), é preciso ser convidado, é um lugar de intimidade. Andreia muitas vezes ficava ao meu lado, não só conversando, mas já “deu consulta” para vários dos meus clientes. Frases que podiam parecer aleatórias, mas que muitas vezes eram recebidas com atenção e faziam muito sentido para quem as recebia. De toda forma, outras pessoas a viam como alguém com algum distúrbio. Eu acredito que a palavra de Exu é compreendida por quem tem ouvidos para entender as entrelinhas, e para mim era o que ela fazia, eu a lia como a boca do mercado, enviada muitas vezes pelos encantados, exus e pombagiras para fazer os trabalhos de limpeza e organização energética do tabuleiro das Encantarias.

3.2.2. Seu Tião – Preto e Velho



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Figura 24: Aiume e Tião na Feira da Glória

Tião, Sebastião, ou o meu amigo preto velho da feira. Ao menos um domingo no mês me surpreendia aparecendo na feira com flores para me presentear. Suas visitas no tabuleiro eram sempre longas, muitas conversas sobre sua vida pessoal e sobre a vida como um todo. É outro contador de histórias ancestral, conhecido por *griot* em algumas culturas africanas que conheci.

Meu amigo é umbandista e tive a oportunidade de conhecer o terreiro ao qual ele fazia parte. Fui no momento em que eu escolhia, mas ainda receosa, transacionar da umbanda para o candomblé e fui acalantada nos braços de uma preta velha. Esse dia foi especial, nossa amizade, que já estava firme, foi reforçada pela generosidade dele em abrir as portas da sua casa de caridade, e a partir dela, cuidar de mim, bem como também cuidei dele com as minhas encantarias.

No terreiro, ele exercia a função de médium de incorporação, mas naquele dia o que mais me recordo era seu papel em puxar as cantigas. Seu Tião tem o dom do canto ancestral, evocatório e encantador. Não à toa, eu acredito que ele vinha enviado pelos encantados para me ensinar orações e cantigas. Eu não perdia a oportunidade:

toda vez que ele cantava alguma pra mim, pedia para gravar, e assim o fazia. Confesso que não consegui decorar, mas sempre parava para ouvir as gravações e me permitia ser acalantada pelos pontos de preto velho e caboclos cantadas melo meu amigo e mestre Tião.

Seu poder de encanto não era apenas comigo. Ele é outro que “dava consulta” no tabuleiro. Diversas pessoas que paravam no meu tabuleiro acabavam por receber alguma palavra de orientação desse mais velho. Era bonito de ver, assim como é bonito de lembrar eu e ele cachimbando, conversando e compartilhando histórias e saberes. A bença Tião!

3.2.3. Madureira – O Exu da feira



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Figura 25: Madureira e sua barraca de frutas

O dono da frase mais ouvida na feira – “Fala comigo, minha obra de arte” – é dele; Jorge, nome que recebeu por conta de São Jorge, ou Ogum, que segundo ele é seu padrinho. Mas Jorge também é conhecido por Madureira, bairro onde mora. Um grande amigo e companheiro de jornada no mercado. Foi também o responsável por me indicar ao organizador dos feirantes, o que fez com que eu conquistasse o ponto fixo para meu tabuleiro na Feira da Glória.

A visão do meu tabuleiro era de sua barraca. Vezes eu o vigiava, outras eu era observada. A gente se olhava, ria sem motivo nenhum e dizia: “Se liga!”. Criamos uma

cumplicidade que nos momentos difíceis do ato de mercar, ele me completava com seu jeito espontâneo e malandro de ser.

Madureira é o que chamamos de típico feirante, que garante a venda a partir do encantamento da fala, que consegue mercar pela pedagogia exuniana. Aborda os passantes com sua voz rouca e seus bordões, o segundo mais repetido é: “Eu tenho o que você precisa”! Acredito que mais do que qualquer fruta que é ofertada em seu tabuleiro, precisamos de afeto, riso bobo e alegria de viver que Madureira me trazia.

3.2.4. Bueno – O baiano do Dendê



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Figura 26: Bueno e sua filha na barraca de acarajé

A forma como os tabuleiros são dispostos na feira precedem duas regras: a primeira se trata do ponto adquirido pela prefeitura e a outra são os pontos sem registro legal, ou seja, os organizadores da feira escolhem o lugar que cada feirante ficará. Mas me parece razoável inserir mais um elemento para a disposição das barracas: a dimensão espiritual.

Se tratando de tecnologias ancestrais de cura, a comida se coloca como uma delas. Dessa forma, uma barraca de acarajé pode ser um poderoso ponto de cuidado com o corpo e espírito. É nessa percepção que trabalhos como o meu e do Bueno se

cruzam. O tabuleiro das Encantarias ficava ao lado do acarajé. Sua mãe recebia os pagamentos enquanto ele preparava os quitutes.

O lugar do cuidado e cura ficava evidente quando chegava até mim um acarajé com a seguinte frase: “Come aí, você está precisando.” E diversas vezes, a afirmativa era acertada. Tínhamos a oportunidade de cuidar dos que chegavam em nossos tabuleiros mas também de nós mesmos. A minha compreensão de que o é também o corpo vivo e simbólico de Oya, fez com que em algumas ocasiões, a ingestão desse alimento fosse indicada por mim para dar força e alívio dos males as pessoas que passavam no tabuleiro das Encantarias. E Bueno também indicava seus clientes a ir ao tabuleiro quando assim achasse necessário.

O olhar e a percepção sobre o outro como esse que acontecia com Bueno e eu, só é possível quando se faz um trabalho que tem como base saberes ancestrais. Ele, um homem de axé, também cuidou de mim.

3.2.5. Gilson – Meu mestre erveiro



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Figura 27: Gilson e suas ervas em esquina do Centro do Rio

Saberes ancestrais são importantes pois perpassam gerações, e tenho a oportunidade de ter por perto um grande sabedor das ervas pelas propriedades químicas, mas também energéticas. Ainda no contexto da pandemia, para a existência

das Encantarias, era necessário comprar ervas para preparar as tecnologias comercializadas. Importante destacar que, antes de 2022, eu ainda não plantava. Assim, nas andanças a procura de um erveiro em que eu sentisse segurança, encontrei o Gilson.

O erveiro que poderia ser apenas um fornecedor de folhas, hoje é um amigo e mestre. Com ele aprendo um pouco mais sobre as ervas e suas possibilidades tecnológicas e esse aprendizado é transmitido a partir da mesma metodologia usada nos terreiros, a vivência e a observação. Muitas vezes, enquanto espero ser atendida, observo o pedido das outras pessoas. Que erva é aquela? Sinto o cheiro, a textura e pergunto ao Gilson para que serve. Não anoto, porque acredito que o momento que precisar usar tal folha ela se apresentará para mim.

Gilson é daqueles filhos de Xangô que falam muito, sempre contando histórias que muitas das vezes não é possível saber a veracidade. Como bom vendedor, ele cativa e contagia seus clientes pela fala, com sua comunicação de *griot*, sempre com um causo para contar. Esse mestre sabedor das coisas, algumas vezes se recusa a vender uma erva quando acha que a pessoa fará mal uso. Uma vez, contou que se recusa a vender ervas que provocam aborto, caso perceba que o fim será destinado a isso. A ética atravessa seu tabuleiro, ele vende o que acredita, mas também se recusa ao que condena.

Acredito que a espiritualidade presenteou as Encantarias com um parceiro, e essa parceria deu origem ao lambedor das Encantarias, do qual a receita veio inicialmente pelos saberes desse mestre. Ele incentivou a fazer xarope, explicou como preparar e indicou algumas ervas. Quando preparei pela primeira vez, adicionei algumas outras ervas medicinais, especiarias e cítricos e levei para que ele pudesse experimentar, e ele disse: “Tá melhor que o meu!”. Nesse momento me senti grata e desde então preparo o xarope, que também chamo de lambedor, uma das Encantarias mais vendidas.

3.2.6. A ordem pública

No primeiro dia de Feira da Glória das Encantarias, em março de 2021, após duas horas de trabalho todos os feirantes que estavam no setor de artesanatos foram abordados pelos agentes da Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEOP). A ordem dos guardas municipais era que recolhêssemos toda nossa mercadoria, uma vez que

aquele setor não tinha autorização para funcionar e, caso não fizéssemos rapidamente, teríamos nossa mercadoria apreendida.

Naquele dia fui embora triste por ter ficado tão pouco, mas reflexiva por ter tido a experiencia de mercar frente a frente com os clientes na feira. Era o primeiro contato com a feira enquanto mulher mercante e feirante. Cabe ressaltar que a todo o momento eles, da SEOP, se comportaram como se estivesse sendo benevolentes em não tirar dos feirantes as mercadorias de forma arbitraria e truculenta.

Um dos episódios com a SEOP que presenciei na feira, foi quando um mercador foi obrigado a desmontar seu tabuleiro, onde vendia alho e temperos. Assim como ele, diversos outros feirantes não tinham a devida autorização para permanência na feira. Porém, a repressão foi apenas a um de nós, um modo de coagir e mostrar que todos estavam de forma irregular gerando uma situação de medo e impotência. Ao longo do ano de 2022, a visita desses agentes na feira aconteceu com uma certa frequência, e depois não apareceram mais.

Os guardas municipais alocados para as funções da SEOP fazem parte do aparato de repressão do Estado com os trabalhadores de rua que mercam. Cabe destacar que é completamente diferente a maneira como esses agentes se dirigem aos mercadores da Feira da Glória em relação aos trabalhadores informais de rua, os ambulantes.

Entendendo que a Feira citada se localiza na zona sul do Rio, e é um ponto turístico da região, os agentes de repressão tomam o cuidado de manter uma civilidade, ainda que trazendo um ar hostil, para os feirantes. Isso porque o público da feira é composto também por uma classe média carioca de jovens, intelectuais, artistas que se aparelha com ideias políticas de esquerda e qualquer ataque violento aos trabalhadores geraria um movimento empático dos frequentadores.

3.3. Quando parei de gargalhar

Penso o quanto é difícil escrever essas páginas. Elas tratam da minha saída da Feira da Glória no ano de 2023. A escolha é antecedida por um turbilhão de pensamentos, questionamentos e incertezas. Como dizer não a um presente que Exu me deu? Ou melhor, como saber que aquele lugar que por dois anos foi morada, já não seria mais. Seguir novos caminhos, passar por novas encruzilhadas é por vezes desafiador, porque pressupõe que tenhamos feito escolhas conscientes e acertadas. Mas acerto e o erro são muitas vezes uma questão de perspectiva.

Meus últimos meses na Feira da Glória foram angustiantes. Sentia que era momento de partir, de deixar o Tabuleiro das Encantarias com toda a magia que rodava junto com minhas saias, as quais eu ia trabalhar, e seguir de maneira mais honesta comigo e com meu trabalho. A angústia sentida vinha da grande indagação de quem questiona a forma capitalista de viver, mas que ainda assim vive nela: “O que aqui ainda é comercializável?”. De fato, todos os banhos, xaropes, incensos, fumos, escalda pés, chás que estavam ali dispostos eram também entendidos como produtos, esses sendo negociados por uma moeda de troca do sistema econômico vigente. Mas como já disse nessa dissertação: as magias do meu tabuleiro são muito mais do que isso.

Li que o dinheiro paga, ele está ali para pagar o que se quer obter. É barganha de compra, de tomar para si o que o outro tem para oferecer. Acontece que eu, a cada dia, sentia que os domingos eram de espera por alguém que comprasse, afinal de contas, eu estava em meio ao centro comercial mais antigo que existe, a feira, o mercado.

E, aos poucos, parece que somos engolidos pela atmosfera e energia do lucro na feira. Essa energia nos convida a vender, negociar e a esperar que, ao final do dia, tenhamos alcançado uma meta, pelo menos o mínimo necessário para cobrir os custos que a simples presença do tabuleiro montado gera, antes mesmo de vender qualquer coisa, afinal, as barracas são alugadas. Assim, no balanço e na contagem do dinheiro ao fim da feira, o objetivo é que tenha havido lucro.

Nesse momento me deparo com a dúvida. Para explicar, não consigo deixar de lembrar da letra de uma música, intitulada Lucro/Descomprimido (2016), do grupo Baiana System que diz: “Lucro, é pra bater, pá pá / Máquina de louco, é pra bater, pá pá”. Eu estava ali e precisava bater minha meta de vendas, afinal o lucro das Encantarias complementava a minha renda. Eu realmente não sabia o que fazer. Meu trabalho era reconhecido por meus clientes por conta da minha honestidade.

Eu não podia indicar um encantaria apenas para vender, se não sentisse que a pessoa de fato precisasse. E inúmeras eram as vezes, que a coisa melhor a se fazer era compartilhar um saber e indicar o preparo de algumas das tecnologias de cura, como um banho de erva para que a pessoa fizesse em casa. Mesmo que eu vendesse banhos prontos.

O ativista e escritor Krenak (2023) diz que “É preciso aprender a respeitar o ritmo da natureza, aprender que existe tempo de abundância e de escassez”. No que fundamenta o trabalho das Encantarias, esse entendimento é completamente

confluente, mas no contexto capitalista não deve haver escassez, não há tempo para não ganhar dinheiro. E essa foi a grande encruzilhada da minha presença no tabuleiro da Feira da Glória.

As pessoas que circulam nesse grande mercado, têm aquele espaço também como um lugar de sociabilidade, lazer, principalmente no que se refere a Feira da Glória. Então muitas vezes eu fazia atendimentos, conversava sobre assuntos diversos com meus clientes e amigos que paravam no meu tabuleiro e isso não necessariamente se revertia em venda. Houve, inclusive, um momento em que as vendas iam se tornando pouco lucrativas. A priori, isso não era um grande problema pois eu entendi a ciclicidade da natureza das vendas.

O problema foi quando a relação das Encantarias com o mercado tomou o peso da cobrança, comecei a me preocupar excessivamente com o quanto eu estava ou não vendendo. E aquela noção da ciclicidade da vida, que disse Krenak, foi ficando cada vez mais utópica. Eu não queria mudar a forma como fazia meus atendimentos, como fazia com que a venda em si fosse o último estágio da visita ao meu tabuleiro. Até porque esse tabuleiro não é só meu, é de muitas outras e outros guardiãs e guardiões de magia que trabalham comigo. Que se disponibilizam fazer essa troca.

O tabuleiro é o lugar dos mundos em cruzo, da possibilidade de fazer material o que está no mundo espiritual, e ao mesmo tempo transformar em espiritual o que está ali materializado em produto. Para isso, é preciso da relação intrínseca entre mim, os encantados e quem busca as Encantarias. É um trabalho, mais uma vez, em conjunto e não individual. Caso contrário, eu estaria no lugar de feirante-vendedora e não de feiticeira herbal, interlocutora de magia que ali se dispunha no tabuleiro. O que não faz, com que esse trabalho não tenha que ser devidamente remunerado. É como Exu mesmo ensina, é preciso que sejam feitas trocas honestas.

Há um Itan que conta o porquê que a consulta aos búzios, jogo adivinhatório, precisa ser pago. Trago ele aqui para que possa ser refletido a questão do dinheiro em relação aos serviços espirituais.

> *Conta-se que em determinada época, há muitos e muitos séculos, em um tempo do qual não nos lembramos mais, um determinado moço vivia nas esquinas com uns objetos nas mãos e com eles fazia uma espécie de adivinhação da vida de todos que por ali passavam em troca de algum pagamento.*
> *Interessada em aprender aquele ofício, Oxum solicitou que aquele rapaz se apresentasse em seu castelo, e esse rapaz era Exú.*
> *Após uma conversa amigável, Oxum perguntou a ele como ele fazia para que pudesse "consultar" as pessoas que por ali passavam e então Exú lhe mostrou os búzios com os quais praticava seu dom e*

> *esses eram 21.*
> *Imediatamente Oxum mostrou interesse em aprender com ele o manuseio daquelas "conchas" encantadas, mas ele disse-lhe que de graça não poderia lhe conceder os mistérios, mesmo sabendo que Olorúm assim desejava.*
> *Ela disse-lhe que desse seu preço e ele cobrou dela sete barris de ouro.*
> *Ao efetuar o pagamento Exú começou então a passar para ela os mistérios do Ifá, mas com a condição de que ela jamais passasse os segredos do jogo dos 21 búzios para a humanidade pois assim teríamos o dom da imortalidade.*
> *Oxum foi conversar com Ifá e este disse que Exú estava certo e acrescentou mais dizendo que todos os que desejassem se beneficiar dos segredos do Oráculo pagassem tributo a ela, a Exú e a ele mesmo, Ifá*
> *Assim nasceu o pagamento pelo jogo de búzios e Oxum passou a ser a verdadeira senhora desse processo juntamente com Exú*[28]*.*

O atendimento das Encantarias é feito com compreensão no Ser e em suas necessidades, uma conversa transcendente entre a matéria e o espírito. Eu não posso vender algo que não sinto que aquele cliente precise. Lembro que o mercado de Exu não aceita mentira para que se faça o comércio. Muitas foram as vezes em que os clientes saíram da barraca com uma receita de um banho de ervas, de como fazer uma limpeza de ambiente ou qualquer outro cuidado, que fizessem por conta própria, já que eu não tinha para oferecer naquele momento do atendimento no tabuleiro a magia solicitada ou o cliente não tinha recursos financeiros para comprá-la. Também muitas foram as vezes que eu dei alguma encantaria, entendendo que haveria uma compensação não para mim, mas daquela pessoa com a sua própria espiritualidade.

Meu trabalho requer cuidado, atenção e escuta. Cuidado porque tudo o que se diz no mercado o vento leva. Leva ideias, conselhos, receitas das minhas Encantarias. Atenção e escuta porque erva é cura, mas apenas se for bem receitada. Então cada atendimento, cada história deve ser atenciosamente ouvida.

Um amigo feirante, apicultor e liderança de um dos movimentos agroecológicos do estado do Rio, uma vez me perguntou: "Você está aqui para ganhar dinheiro ou para ajudar as pessoas? Não precisa responder para mim, responda para você". Essa fala chegou até mim porque eu estava angustiada, vi que outra feirante estava plagiando a identidade visual do meu trabalho. Minhas ideias que o vento do mercado levou estavam sendo reproduzidas sem a minha autorização.

Ao responder para mim mesma que eu estava ali para ajudar as pessoas e

---

28 Qual o fundamento da cobranã do jogo de búzios?. Amino - Ogan Sandro Ayará, 19 fev.2019. Disponível em https://aminoapps.com/c/candomble-ensino-e-pesquisa/page/blog/qual-o-fundamento-da-cobranca-do-jogo-de-buzios/z6Bw_kNMSxuYezX3lxPVlQGgp3LXxdNrl3z. Acesso em 19 ago. 2024.

como resultados os orixás que me acompanham, juntamente com Exu, me permitiram também obter renda. Eu então agradeci e agradeço a imensa oportunidade que tenho de trabalhar com os encantados de fazer magia para tanta gente que confia em mim. Isso ninguém pode copiar.

Com isso, estabeleço aqui, que o ensinamento de Exu sobre a troca justa inclui o pagar os serviços que se utilizam da espiritualidade. Todavia, esses pagamentos podem se dar das mais diversas formas. O que é necessário é a honestidade, ou seja, que coloquemos em acordo o que será justo para cada lado do tabuleiro. O de quem atende e o que quem é atendido, ou o de quem busca e o de quem doa. Essas relações precisam estar em equilíbrio, ou seja, é flexível e variável. Fiz essa dança ou joguei a capoeira do mercado de Exu por dois anos, os quais foram essenciais para meu desenvolvimento enquanto pessoa, meu entendimento enquanto fazedora de magia e mão de cura. Posso garantir aqui que doei, mas também recebi.

Exatamente por essa troca justa feita no tabuleiro, a inquietude de saber se permanecia na feira ou não cresceu a ponto de entender que se nada mais fosse trocado, ou melhor, se eu percebesse que a troca não estava mais sendo justa do meu lado do tabuleiro eu deveria partir, e assim fiz. Fui aos poucos deixando a feira, em um processo interno de entender, como eu poderia seguir com minhas Encantarias, sem depender da feira. Afinal de contas, o nascimento desse projeto antecede minha entrada no grande mercado de Exu.

Posso dizer que dei vazão aos sinais e a minha intuição. No culto aos orixás, como o candomblé, só é possível experienciar a religião quando se aceita ouvir os sinais, que são entendidos como recados. Obviamente é preciso se atentar as nossas interpretações e subjetividades, mas ainda sim a junção de tudo isso é o fundamento da vivência espiritual de qualquer candomblecista, independentemente de sua posição hierárquica no axé.

A saída foi gradual, nos quatro últimos meses de 2023 me dediquei a experiência de coordenar a Tenda de saúde, cuidado e cura do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, onde mais de seiscentas pessoas passaram para tomar cuidados terapêuticos e espirituais. Esse trabalho me possibilitou dar um respiro das feiras de domingo e ao mesmo tempo entender que meu trabalho é amplo demais para ver na feira a única possibilidade de existência das Encantarias.

A Feira da Glória foi um grande marco para meu trabalho com as Encantarias, não à toa sempre pontuo que conseguir o ponto fixo foi um presente de Exu. Mas cabe ressaltar que esse lugar também foi conquistado, mostrei a Exu o quanto desejava

estar ali. Esse grande mercado é organizado por duas lideranças, cada um ocupa e administra uma metade da feira, esses organizadores tratam de trazer os tabuleiros e dispor enfileirados ao longo de seus quase 700 metros de extensão.

É bonito ver a rua tomando corpo, é o mercado de Exu se formando desde as quatro da manhã ainda sob a luz da lua e se iluminando com o nascer do Sol. Ao longo de um ano, com os movimento de translação da Terra, podemos sentir a luz solar nos aquecendo no inverno ou queimando nossas costas no verão, fazendo com que os tabuleiros dispostos do lado oposto da Praça Paris ganhem um adereço a mais, para proteger do Sol os mercadores, enquanto os passantes passam com suas cervejas geladas, fazendo fotografias usando a luz do Sol como iluminação.

Nos primeiros meses de mercar na feira, eu precisava chegar às cinco da manhã, e ali permanecia com minhas bolsas cheias de Encantarias na espera de que algum feirante faltasse para que assim eu ocupasse o lugar temporariamente vago. Muitas vezes somente as nove da manhã tinha autorização de ocupar algum tabuleiro vago. Em um dos episódios eu, ainda novata, aguardava enquanto o encarregado de montar as barracas me ignorava, foram mais de três horas esperando, sentei-me no meio fio e chorei quieta. Eu tentava entender como que uma pessoa que queria ser professora, que teve a possibilidade de fazer uma graduação, especialização estava em meio ao caos da pandemia, ali em pé há três horas esperando por uma vaga no tabuleiro.

No momento que me levantei um homem que já tem seu lugar cativo, vende água de coco, limão e outras frutas me cutucou e disse: “Tô vendo você aí tem um tempão, não conseguiu vaga?” respondi que não. Ele completou “Fica assim não. Tô esperando meu filho chegar, mas acho que ele não vem. Vou esperar mais 30 min, se não vier, tu pede um tabuleiro ali para o Capixaba e trabalha aqui do lado da minha barraca hoje”. Naquele dia, depois de esperar para que o Capixaba me arrumasse um tabuleiro, eu vendi todas as minhas Encantarias em duas horas. Eu vendi tudo o que tinha.

Esse momento me fez e me faz refletir até hoje sobre como nós podemos nos tornar invisíveis em muitos aspectos. Quem passeia pelo mercado, faz suas compras semanais ou usa aquele espaço como lugar de construção de redes de sociabilidade através dos encontros não sabe a realidade de vida, a história que habita o mercador de cada tabuleiro. Ao meu lado trabalhei com idosos, integrantes de movimentos do campo, uma senhora que ganhava 50 reais para trabalhar o dia todo apenas para não ficar dentro de casa por conta dos assédios morais que recebia do marido, um

apicultor e articulador de um dos movimentos mais relevantes da agroecologia do estado. Muitas pessoas e histórias que são compartilhadas generosamente em cada domingo de labuta.

Uma dessas pessoas, talvez a mais importante delas, é o Madureira, meu amigo a quem eu tenho enorme respeito e gratidão. Foi em um dos domingos a espera de um lugar para trabalhar que Madureira virou para mim e disse: “Você quer trabalhar, né? Então agora você vai ficar nesse tabuleiro aqui” e apontou para uma barraca que ficava duas após a sua. Depois de um tempo me mudei para um tabuleiro na frente do dele, isso porque com o fim da pandemia o comerciante de ovo retornou a feira e seu ponto fixo ocupava o espaço de três tabuleiros. Para mim, não foi nada ruim me mudei o meio da pequena encruzilhada no pé da ladeira que liga a feira a Rua da Glória.

O ponto fixo na feira é disputado até hoje e, na verdade, com a expansão intensa no último ano, vem sendo ainda mais difícil conquistá-lo. Outro episódio que mobilizou muitos sentimentos em mim foi quando vi minhas Encantarias sendo copiadas e a identidade visual sendo plagiada. Ouvi dizer por uma pessoa que, o que está na rua, na feira é de todos, é público. Mas não é bem assim, o mercado é um espaço de disputa, é um território.

Uma mulher branca que vendia produtos de auto cuidado a partir de revenda, passou a produzi-los. Na verdade, passou a produzir parte deles. A outra parte descobri que ela comprava de uma mulher negra também feirante, colocava a etiqueta da sua marca e não a de quem fabricava, e isso não fazia parte do acordo entre as duas.

Em um determinado momento depois de furtivas visitas no meu tabuleiro com olhares atentos em cada Encantaria, insistência para que eu vendesse as ervas cultivadas por meu companheiro e eu, além de visualizar diariamente as postagens da rede social utilizada por mim para divulgar as Encantarias, percebi que estava sendo plagiada. Ela havia mudado a identidade visual de toda marca para algo muito semelhante à minha, e copiava até mesmo as postagens das Encantarias na internet.

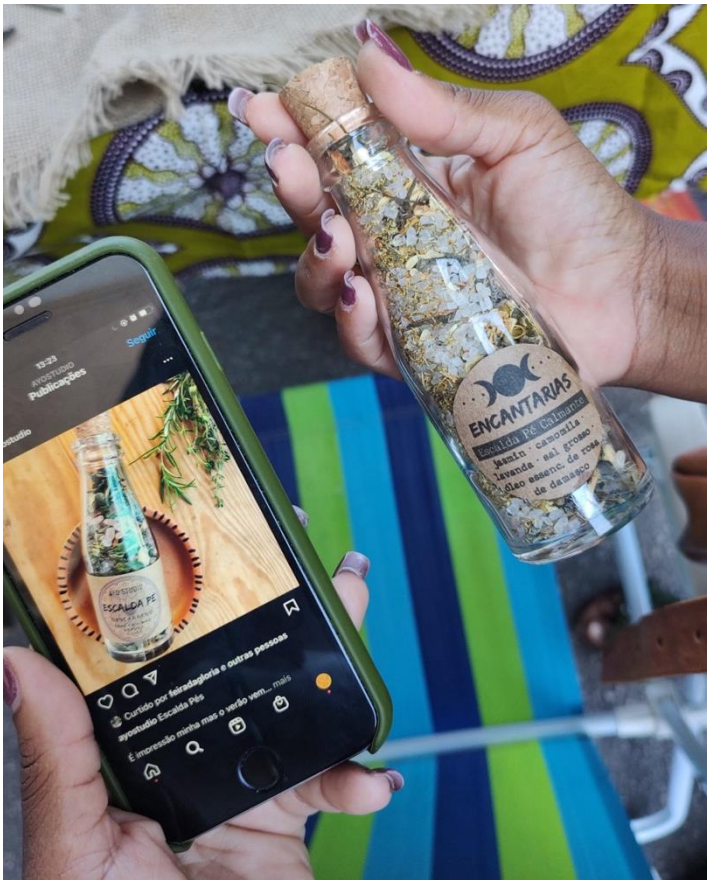
Certamente a cópia não autorizada de uma identidade visual não é a possibilidade de copiar a magia contida nos saberes passados pelos encantados e a magia contida nas mãos de quem o faz. Cada trabalho é único, e ele chega a quem necessita chegar. De toda forma é incomodo o sentimento de ver o que foi construído com muita seriedade e respeito ser cooptado dessa forma.

Historicamente os brancos praticam a centenas de anos o roubo de saberes. A

alegação de que muitas das criações científicas e tecnológicas terem origem de seus povos, como o “milagre grego”, que conta sobre a perspectiva de que muitas dessas invenções surgiram na Grécia é recorrente. Na feira, não me pareceu diferente. Depois de observar e visitar a rede social das Encantarias e ir a minha barraca ela copia das criações, parecido com o que os próprios gregos que estudaram os conceitos criados por Imhotep, Ahmenhotep, Akhenaten e outros intelectuais, em Kemet e depois tomaram o crédito total desses conceitos filosóficos (ASANTE, 2022).

Todavia, o interessante é que as pessoas percebem. Uma vez, um cliente chegou até minha barraca e disse o quanto estava espantado com a forma como eu apresentava as minhas Encantarias, ele então comprou um incenso meu. Mas antes de ir embora me disse: “Olha eu vim lá do começo da feira, e tinha uma moça vendendo um incenso parecido com esse seu, e uns produtos com a mesma embalagem. Eu até comprei o incenso lá, mas ela não sabe falar nem a metade de tudo o que você disse e me ensinou. Comprei de você agora porque você sabe o que está fazendo, sabe para que serve cada coisa que vem aqui”.

A partir desse dia, passei a refletir que o incomodo deveria ser dela e não meu. Sua conduta fazia com que ela não desse caminho a essa grande possibilidade de trabalhar honestamente com o cuidado e cura de outras pessoas. Ao conversar com aquela mesma feirante que vendia seus produtos para que ela revendesse, ouvi: “Ela é desonesta, ela está mexendo com vespeiro. Não se brinca com Exu”. Para mim, todas essas palavras são verdadeiras. Eu que acredito na força de Exu, o dono do mercado. Penso que ela usa a palavra e o livre arbítrio para fazer escolhas que desagradam a ética do comércio, do ato de mercar. Trago então um trecho do ponto de Exu Mirim que diz: “Mirim não brinca, mirim não é brincadeira”. Se eu sou mulher de axé e acredito nessa condição que Exu nos coloca ao mercar, a honestidade, eu não brincaria com ele.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022

Figura 28: Identidade visual de encantaria plagiada

Pensando nas boas e honestas trocas, o ato de mercar se amplificou. Após a saída da feira comecei a entender que as Encantarias permanecem com seu tabuleiro disponível para quem o procura, no entanto, extra físico. Não estar mercando no tabuleiro materializado na feira, não faz com que Exu tenha deixado de reger as relações comerciais que estabeleço na venda das Encantarias.

Encaro esse novo momento como um respiro para poder escrever, germinar e parir essa dissertação, que encaro como um registro documental das Encantarias. Essa fase que se constituiu pelo afastamento da Feira da Gloria e pelo tabuleiro onde eu encontrava as pessoas tem sido contraditoriamente de imensa aproximação com clientes que usam as Encantarias desde 2021. Exu mais um vez presente em parece fazer tudo do avesso, trazer para perto clientes no momento que eu me afasto do espaço com maior visibilidade do meu trabalho.

Penso que não se trata de quantidade de pessoas que visitariam meu tabuleiro caso eu ainda estivesse na feira, mas que o trabalho seja feito na certeza de que não importa aonde esteja sendo ofertado. As trocas são feitas com o mesmo princípio ético

que Exu ensina, a comunicação estabelecida dos dois lados desse novo tabuleiro extra físico ainda busca equilíbrio e respeito pelos saberes disponibilizados pelos encantados e orixás que através de minhas mãos se tornam elementos de tecnologias ancestrais de cura.



Fonte: Autoria própria, 2024

Figura 29: Compilado de fotografias das Encantarias e seu tabuleiro

(Re)Começos

Esse trabalho tem a pretensão de gorar os ovos do colonialismo, como dizia o grande mestre Nego Bispo. Se na academia e em sua grande totalidade o conceito de ciência e tecnologia são sinônimos de invenções, e experimentos chancelados por ela própria, nessa dissertação são as pessoas comuns, viventes da terra que inventam, testam e comprovam a veracidade das tecnologias citadas nessa dissertação.

Não significa que nada do que aqui foi escrito não tenha algum atestado de veracidade ou alguma pesquisa que vá de encontro aos saberes descritos. Mas o fundamental é firmar um compromisso com as mestras e mestres encantados que deixaram seus ensinamentos atravessarem gerações e mundos espirituais e físicos. Logo, afirma-se que tecnologias são produzidas diariamente pelas mãos de qualquer um de nós.

A base que fundamenta essa dissertação é de origem africana, mais especificamente iorubana e afro-brasileira. Ainda sim, há como pano de fundo a concepção Diopiniana da origem humana e suas consequências primordiais para as características culturais dos diversos povos, divididos segundo Diop em berço civilizatório meridional e berço setentrional. A escolha por essa concepção é crucial para a compreensão das várias similaridades entre os povos africanos, ainda que com grupos étnicos diferentes e por vezes rivais, e ainda entre povos africanos e indígenas americanos.

Trata-se então de um trabalho que agrega saberes afrobrasileiros que foram formado através do cruzo Atlântico africano e os povos originários do território brasileiro. A pesquisa tem como principais interlocutores os chamados “encantados”: aqueles que não morreram, ou desencantaram, mas sim passaram do mundo físico para o espiritual através do encantamento. Ressalto que em religiões afro-brasileiras há aqueles que entendem encantados como as entidades que trabalham nos terreiros de umbanda, e muitos deles tiveram vida terrena em outros tempos e morreram, e não se encantaram diretamente. Para que então após o desencarne passaram a ser trabalhadores do plano espiritual.

Para essa escrita foram trazidos saberes e tecnologias vindas dos encantados que me acompanham e que também cruzaram meu caminho e deixaram ensinamentos através de outras pessoas. É um então uma dissertação concebida na metodologia que nomeei de escrita do encantamento. Ela não é uma escrita solitária, eu escrevo o que me permitem escrever, o que orixá e encantados me ensinaram

nesses últimos quase 10 anos de caminhada espiritual consciente.

Nesse sentido, Omolu nomeia o primeiro capítulo e abre a escrita para falar de cura, ele o senhor da terra, que cuida de livrar a todos os males das doenças físicas, psíquicas e espirituais. O conceito de cura é associado à noção de tempo, sendo ele contra colonial. Em síntese vivemos em uma sociedade em que tudo deve acontecer rapidamente, inclusive a cura. A proposta, então, é entender como que para algumas tecnologias de cura há um processo e processos exigem tempo. Que não é no mesmo compasso o qual o modo capitalista ocidental impõe diariamente nas diversas sociedades.

A saúde iorubana é compreendida como uma triangulação de corpo, mente e emoção, que precisam estar alinhados e buscando o que se entende por equilíbrio desses três pilares. Logo, a promoção da saúde é a busca por um Orí, cabeça, positivo. Uma vez que algum desses pilares encontra-se em desequilíbrio, os demais podem também reagir da mesma forma.

Nas culturas indígenas, como a Guarani, a visão integral do corpo é o princípio básico para a cura de qualquer enfermidade. Além de terem um sentido ampliado sobre o que é saúde, para eles estar saudável antes de mais nada é estar feliz. Usando a visão diopiniana para comparar esses povos setentrionais, essa felicidade pode estar associada a um orí positivo dos iorubás.

A busca pela saúde se dá com o cuidado com o corpo físico, das emoções, da mente, ou espírito em busca de axé, força vital positiva. Nesse contexto é o Bori é um dos caminhos ritualísticos mais complexos afro religiosos de alimentação e positivação da cabeça, promovendo saúde, cuidado e cura. Mas outras práticas podem ser realizadas pelo conhecimento das tecnologias ancestrais das folhas. A prática do auto dengamento é a prática do autoamor.

Comecei na pandemia a me cuidar através do dengamento, cuidando de mim com os saberes que eu tinha e que rapidamente os encantados foram me transmitindo. O que era pessoal virou uma prática coletiva no momento que criei as Encantarias, o que possibilitou enxergar nitidamente meu propósito de vida: descobrir os mistérios das ervas. Aprender tudo o que Ossain puder me ensinar e auxiliar a quem puder com a coletivização desses saberes.

Ossain, o orixá dono de todas as folhas, convida a todos a se curar e efetivar a plena saúde dos corpos físicos e espirituais através de suas folhas. Nego Bispo nos incentiva a olhar a terra com mais cuidado quando debate o termo *en*volvimento, em contraponto ao *des*-envolvimento. A saúde, o cuidado e a cura estão intrinsecamente

ligados a saberes e tecnologias produzidas com elementos naturais como as ervas e as plantas medicinais.

São muitas as tecnologias ofertadas pelas Encantarias produzidas a partir das folhas e que possibilitam momentos de auto dengamento como os banho de ervas, defumadores, infusões, emplasto, pomada milagrosa, lambedor, fumo, tintura, extrato, oleato, spray energético, sabão de ervas, vaporização uterina, garrafadas e escalda pés. São tecnologias feitas através de saberes ancestrais que por terem sido comercializadas levam o nome de Encantarias.

Fiz questão de registrar em fotografas partes das ervas que são cultivadas do Sítio Francisco Vianna, localizado em meio a floresta da Mata Atlântica, lugar onde eu me permito aprender com a terra e a floresta. A mata está disposta a nos ensinar, para isso precisamos silenciar e ouvir com mais atenção o som dos pássaros e da dança das árvores, quando Oyá insiste em levar ao vento as folhas se Ossain.

Inicio mais um novo ciclo dizendo que meus dois anos comercializando na feira, o grande mercado de Exu, só fizeram engrandecer a consciência de que tudo que se faz coletivamente é melhor e mais produtivo. Nunca trabalhei sozinha no meu tabuleiro, nunca fiz nenhuma Encantaria solitariamente. Ao longo dessa escrita mudei algumas rotas mas sigo mercando e sempre acompanhada pelos encantados, orixás e pelo grandioso espírito da floresta que habita em mim.

***

Referências

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia**. Ensaios Filosóficos, 2016.

ASANTE, Molefi Kete. **Os Filósofos Egípcios – Vozes Ancestrais Africanas: De Imhotep a Akhenaten**. Editora Ananse, 2022.

ANIYS, Aqiyl. **Medicina Herbal Alcalina: Revisão de doenças e recuperação da energia do organismo**. Diaspora Africana: Editora Filhos da África, 2022.

ARAÚJO, A. M. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Melhoramento, 1973. in Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 105-116, 2016

BARROS, Jose Flávio Pessoa de. **Na minha casa: preces aos orixás e ancestrais**. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BASTIDE, Roger; VERGER, Pierre. **Contribuição ao estudo da adivinhação em Salvador (Bahia)**. Escritos sobre a religião dos orixás: Olóòrìṣà, p. 55,1981.

BERNARDO, Carolina Maria Costa. **Negras raízes questionam a Ciência Ocidental: um estudo sobre a inserção das populações negras, brasileira e guineense, como sujeitos e/ou objetos de pesquisa em território de produção do conhecimento científico.** 2016. 242f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016. Acesso: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22457

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. **Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal.** São Paulo: Autêntica, p. 23-35, 2019.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Quilombos, Modos e Significados.** Editora COMEPI, Teresina/PI, 2015.

BRACKS, Mariana. Consciência Histórica Africana de Cheikh Anta Diop cantada pelo Olodum. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 17, n. 32, p. 71-88, 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001465832 acesso em 19 Novembro de 2023.

CARNEIRO, João Paulo. Tecnologias ancestrais: ensino de história e relações étnico-raciais. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais Goiânia**. v. 1, n. 2, mai./ago., p. 87-111. Disponivel em https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/182 Acesso em 19 novembro de 2023.

DANTAS, Fábio. **Ervas e Benzimentos**. Editora Academia. São Paulo.2023

DAIBERT, R. A religião dos Bantos: Novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.28, n.55, p.7-25, 2015.

DE JAGUN, Márcio. **Ewé: a chave do portal: o conceito de saúde e doença conforme a filosofia ioruba, a ritualística do equilíbrio físico e espiritual através do elemento vegetal**. Rio de Janeiro. Litteris Editora. 2019.

DE JAGUN, Márcio. **Ori: a cabeça como divindade: história, cultura, filosofia e religiosidade africana**. Editora Litteris, 2018.

DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África negra. Esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica**. Luanda, Angola: Edições Mulemba; Ramada, Portugal: Edições Pedago, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa Flor de Mulungu**. Oficina Raquel, 2024.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da floresta**. Editora Jandaíra, 2020.

KILEUY, Odé; DE OXAGUIÃ, Vera. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. Pallas Editora, 2015.

KRENAK, Ailton. **Um rio um pássaro**. Rio de Janeiro, Dante Editora,2023.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas: uma introdução**. Editora José Olympio, 2020.

LOPES, Nei. **Ifá Lucumí: o resgate da tradição**. Pallas Editora, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

MARTIM, Jaciara Augusto. **Janelas abertas: conversas sobre arte, política e vida.** Editora Cobogó, 2023.

MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. “Pajelança e encantaria amazônica”. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**, Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Paz e Terra S/A, 1978.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A invenção dos iorubás na África Ocidental: reflexões e apontamentos acerca do papel da história e da tradição oral na construção da identidade étnica. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 27, nos 1/2/3, Jan-Dez 2005, pp. 141-179

Online, **Aventura da História**. UOL. Disponível em https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/voce-sabe-quantas-etnias-existem-na-africa.phtml. Acesso em 22 de outubro de 2023.

Online. AFROFUTURO: **Tecnologias Ancestrais**. Maria Mariah.Agosto de 2021. PODCAST. Disponivel em: https://open.spotify.com/episode/0DDJuP1TfZxMjkTtibRncC

Online: ATINA PRA ISSO: Marcio de Jagun. 2023. PODCAST. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/0tnau8ofWL8npJbCsB25fv?si=BYx0AsQzRDShNcDi1fUxAw

Online. FUTURA, Canal. **Mojubá: Meio ambiente**. YouTube, 06 julho de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KTHw4IPErK0&t=225s. Acesso em 19 Novembro de 2023.

Online. Itan (lenda) de Omulú: Omulú divide seu domínio da morte com Iansã. **RAÍZES ESPIRITUAIS**. Disponível em: https://www.raizesespirituais.com.br/itan-lenda-de-omulu-omulu-divide-seu-dominio-sobre-os-mortos-com-iansa/ Acesso em: 10 de Julho de 2024.

Online. SABERES TRADICIONAIS UFMG. **Retrato da Mestra Makota Valdina**. Youtube,2 de maio 2019 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FAc4CJr4qtM. Acesso em: 22 outubro de 2023.

Online. Oriki Ossain. **O candomblé**, 7 nov. 2013. Disponível: https://ocandomble.com/2013/11/07/oriki-ossain/. Acesso em .

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

PANTOJA, Selma. **A dimensão atlântica das quitandeiras**. FURTADO, Júnia. Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império ultramarino português. Belo Horizonte: UFMG, p. 45-67, 2001.

PETIT, S. H. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015

PESSOA DE BARROS, José Flávio. **Na minha casa: preces aos orixás e ancestrais**. Rio de Janeiro: Pallas 2006

POLI, Ivan. **Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora**. São Paulo. Terceira Margem Editora, 2011.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula editorial, 2019.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo, Graziela Domini Peixoto. **O que cantam as folhas**. Rio de Janeiro: Autorale. 2020.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Òsósi: O caçador de alegrias**. Rio de Janeiro:

Autorale. 2020.

SOUZA, R. **Noção de saúde e doença na tradição de orixá e o papel do sacrifício**, 2013, UFG.

VERGER, Pierre. **Artigos, tomo I**. São Paulo. Corruopio.1992

VOGEL, Arno et al. **A galinha-d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira**. Série raízes, v. 3,Rio de Janeiro, Editora Pallas. 1993.